



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DEBORA RAQUEL CAVALCANTE FIGUEIREDO

RIO JAGUARIBE: DE BELEZAS, MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS

FORTALEZA

2025

DEBORA RAQUEL CAVALCANTE FIGUEIREDO

RIO JAGUARIBE: DE BELEZAS, MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, como pré requisito à obtenção do título de Mestre em Geografia. Área de concentração: Dinâmica Territorial e Ambiental.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- F489r Figueiredo, Debora Raquel Cavalcante.
Rio Jaguaribe : de belezas, memórias vivências / Debora Raquel Cavalcante Figueiredo. – 2025.
177 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, 2025.
Orientação: Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante .
1. Rio Jaguaribe. 2. Geografia humanista. 3. Geopoética. 4. Paisagem. 5. lugar. I. Título.
CDD 910
-

DEBORA RAQUEL CAVALCANTE FIGUEIREDO

RIO JAGUARIBE: DE BELEZAS, MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, como pré requisito à obtenção do título de Mestre em Geografia. Área de concentração: Dinâmica Territorial e Ambiental.

Aprovada em: 15/07/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra. Lucia Helena Batista Gratão
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Prof.^a Dra. Luciene Cristina Risso
Universidade Estadual Paulista (Unesp)

AGRADECIMENTOS

Quão bom é chegar nesse momento de resgatar os diversos entrelaços que envolvem uma pesquisa.

Agradeço à Deus, em primeiro lugar, sempre acreditei que não havia nada que acontecesse sem sua permissão.

Agradeço minha família, especialmente meus pais Marcelo e Gleivani. Não me recordo uma vez em que eles não apoiaram meus sonhos e sonharam junto comigo, aos tantos abraços e encorajamento em formato de amor que alimentaram e me animaram ao longo dessa caminhada. Aos meus irmãos (Israel e Nathanael) juntamente com suas famílias, aos sobrinhos (Nathália, Thomas e Heloísa), por diversos momentos de refresco para minha alma, trazendo a brincadeira para perto de mim.

Agradeço imensamente ao meu companheiro José Lucas, cujo; cuidado, atenção e compreensão ao longo dessa jornada foram muito significativos para que eu chegasse até aqui.

Agradeço aos meus amigos, laços tão importantes durante essa trajetória, especialmente agradeço ao meu amigo Gabriel que compartilha trajetória geográfica comigo desde a graduação, com apoio e incentivo.

As minhas amigas; Alanna, Kelly e Raquel, que por diversas vezes estiveram juntas apoiando meus momentos mais difíceis e trazendo humor e leveza.

Agradeço aos amigos do LEGES, laboratório que ganhou meu coração e que foi responsável por tantos encontros marcantes ao longo de minha caminhada acadêmica, momentos de partilha e envolvimento que levo em minhas memórias.

Ao professor Tiago Vieira Cavalcante, orientador deste trabalho e que, por diversas vezes, ouviu meus lamentos e incertezas sobre a pesquisa. Agradeço por nosso encontro e por ter aberto tantas portas e possibilidades, antes, desconhecidas por mim. Levarei para sempre comigo.

Agradeço as membras da Banca; Professora Luciene Risso e Lucia Helena Gratão, mulheres pelas quais tenho grande admiração acadêmicas e pessoais, laços envolvidos pelas águas.

Agradeço a todas as pessoas que estiveram atravessadas nessa trajetória, ao povo de Fortim e de Aracati, abertos a construir esse trabalho junto comigo.

Agradeço ao **Rio Jaguaribe**, rio-professor que me atravessou, ensinou e marcou profundamente minha vida, fui mais feliz por esse rio ter me banhado, não o esquecerei nunca.

Agradeço, por fim, ao apoio Financeiro da FUNCAP, por ao longo de dois anos ter me financiado com bolsa de estudos para que essa pesquisa acontecesse.

“Quem anda no trilho é trem de ferro.
Sou água que corre entre pedras:
liberdade caça jeito”
(Manoel de Barros, 2001, p. 32)

RESUMO

O Rio Jaguaribe, o maior curso fluvial do Ceará, com 680 quilômetros de extensão, nasce na Serra das Pipocas, na junção dos municípios de Tauá, Pedra Branca e Independência. Ao longo de seu trajeto pelo território cearense, o rio deságua em foz localizada entre os municípios de Aracati e Fortim, na região leste do estado. Reconhecido por ser objeto de diversas pesquisas, o Jaguaribe inspira inúmeras reflexões na Geografia e em outras ciências. Neste trabalho, agregamos diferentes perspectivas ao tema por meio de uma abordagem teórico-metodológica ancorada na geografia humanista, que valoriza as dimensões simbólicas e subjetivas das relações entre o sujeito e o espaço, promovendo um olhar sensível sobre o ambiente. Mergulhando no conceito de geopoética, buscamos aprofundar as percepções relacionadas ao Rio Jaguaribe, com o intuito de resgatar um sentido sensível na relação com a Terra. Essa perspectiva nos permite pensar-sentir a natureza desse rio com outra forma de habitar a terra. Esse caminho tem como objetivo principal (re)conhecer a geopoética do Rio Jaguaribe, desvendando seus caminhos, contemplando suas belezas, preservando suas memórias e revelando as histórias ainda não contadas que envolvem a sua paisagem. Para isso, pensamos nos seguintes objetivos específicos: compreender como as águas e os rios têm sido fundamentais para o desenvolvimento das civilizações ao longo da história, e como essa importância se reflete especificamente no contexto do Ceará através do estudo do rio Jaguaribe. Assim como, conhecer o Rio Jaguaribe, a natureza do lugar, contextualizando com sua historiografia e seus variados desdobramentos ao longo do tempo para a sociedade cearense com foco para as áreas de foz, para, por fim, entender as múltiplas geograficidades que permeiam o rio através das Artes, percepções e memórias daqueles que são banhados pelo rio Jaguaribe. Metodologicamente, além de uma revisão bibliográfica que aborda o estudo dos rios sob um enfoque geográfico humanista, a pesquisa envolveu um resgate de cinco expressões artísticas sobre o rio Jaguaribe, abrangendo; músicas, obras literárias e um documentário. Além disso, foram realizadas quatro viagens para as cidades de Aracati e Fortim situadas na foz do rio para observação e realização de encontro com moradores locais e transeuntes. As viagens e a abordagem geopoética nos permitiram revelar outras camadas da paisagem, antes, ocultas pela Geografia tradicional, como por exemplo; os sentimentos, histórias orais, símbolos e vivências. Com isso, a pesquisa nos revelou um rio Jaguaribe desdobrado, nos oferecendo reconhecer seus encantos, as memórias do lugar, e suas vivências fluviais.

Palavras-chave: rio Jaguaribe; geografia humanista; geopoética; paisagem; lugar.

ABSTRACT

The Jaguaribe River, the largest watercourse in Ceará, stretches for 680 kilometers and originates in the Serra das Pipocas, at the junction of the municipalities of Tauá, Pedra Branca, and Independência. Along its path through Ceará's territory, the river empties into the Atlantic Ocean between the municipalities of Aracati and Fortim, in the eastern region of the state. Widely recognized as the subject of various studies, the Jaguaribe River inspires numerous reflections in Geography and other sciences. This work brings together different perspectives through a theoretical-methodological approach grounded in humanistic geography, which values the symbolic and subjective dimensions of the relationship between individuals and space, fostering a sensitive view of the environment. Immersed in the concept of geopoetics, we seek to deepen perceptions related to the Jaguaribe River, aiming to restore a sensitive connection with the Earth. This perspective allows us to think-feel the river's nature as a different way of inhabiting the land. The main objective of this study is to (re)cognize the geopoetics of the Jaguaribe River by unveiling its paths, contemplating its beauty, preserving its memories, and revealing untold stories embedded in its landscape. The specific goals include: understanding how water and rivers have been fundamental to the development of civilizations throughout history, and how this importance is reflected in the context of Ceará through the study of the Jaguaribe River; getting to know the river and the nature of the place by contextualizing its historiography and various developments over time for the society of Ceará—particularly in the river's mouth region; and finally, understanding the multiple geographicities that permeate the river through the arts, perceptions, and memories of those who live along its banks. Methodologically, in addition to a literature review focused on rivers from a humanistic geographic perspective, the research included the recovery of five artistic expressions related to the Jaguaribe River, including songs, literary works, and a documentary. Furthermore, four field trips were conducted to the cities of Aracati and Fortim, located at the river's mouth, for observation and encounters with local residents and passersby. These journeys and the geopoetic approach enabled us to reveal layers of the landscape previously hidden by traditional geography, such as feelings, oral histories, symbols, and lived experiences. As a result, the research unveiled a multifaceted Jaguaribe River, allowing us to recognize its charms, the memories of the place, and its fluvial experiences.

Keywords: Jaguaribe river; humanistic geography; geopoetics; landscape; sense of place.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Paisagem do Jaguaribe em Aracati – CE.....	11
Imagem 2 – Nas margens do Jaguaribe em Fortim – CE	19
Imagem 3 – Pescadores à espera... nas águas do Jaguaribe em Fortim – CE.....	28
Imagem 4 – Campo pelas águas do Jaguaribe – Fortim – CE.....	64
Imagem 5 – Em direção a foz do rio Jaguaribe – Encontro do rio e o mar	74
Imagem 6 – Enchente do Rio Jaguaribe. Aracati – CE – 1924	83
Imagem 7 – Enchente do Rio Jaguaribe. Aracati – CE – 1924	83
Imagem 8 – Centro histórico de Aracati, cheia de 1974.....	88
Imagem 9 – Placa de novos empreendimentos previstos para a cidade de Fortim – CE	92
Imagem 10 – Placa de novos empreendimentos previstos para a cidade de Fortim – CE	92
Imagem 11 – Catamarã à espera... Boca da Barra – Fortim	93
Imagem 12 – Pedra do Chapéu – Fortim – CE.....	94
Imagem 13 – Vista aérea Pedra do Chapéu - Fortim-CE	95
Imagem 14 – Parte traseira da igreja Nossa Senhora do Amparo - Fortim- CE.....	96
Imagem 15 – Vista da frente da Igreja Matriz a partir do rio Jaguaribe.....	97
Imagem 16 – Paisagem Jaguaribana - Mirante da Barra	98
Imagem 17 – Entardecer com o rio.....	100
Imagem 18 – Serra do Arerê.....	112
Imagem 19 – Platô da contemplação, em Aracati, Ceará.....	123
Imagem 20 – Paredes da entrada da Comunidade Quilombola do Cumbe	127
Imagem 21 – Contrastes da paisagem: “Eólicas, Viveiros de Camarões e o rio Jaguaribe”	128
Imagem 22 – Pôr do sol nas dunas	129
Imagem 23 – Em espera, nas gamboas do Jaguaribe.....	131
Imagem 24 – Comidas Jaguaribanas	132
Imagem 25 – Pescadores às margens: entre barcos e peixes	135
Imagem 26 – Sabores Jaguaribanos.....	137
Imagem 27 – Margem esquerda em Fortim - casarões e estruturas por toda a paisagem	138
Imagem 28 – Banana boat pelas águas do Jaguaribe.....	140
Imagem 29 – Pausa para banho no rio.....	141

Imagem 30 – Quando é preciso parar	144
Imagem 31 – Lagostas e camarões assados e embalados pelo rio Jaguaribe	149
Imagem 32 – Mangue em lamento... pelas gamboas do Jaguaribe.....	152
Imagem 33 – Fim de tarde nas gamboas do Jaguaribe	153
Imagem 34 – Em paragem, quase lá.....	156
Imagem 35 – Paisagem aracatiense - píer sobre o Jaguaribe	157
Imagem 36 – Fim de tarde em Platô beira-rio	158
Imagem 37 – Ponto de encontro	159
Imagem 38 – Saltos na água, o rio Jaguaribe no fim de tarde	160
Imagem 39 – Pequenez diante da vastidão	164

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CHESF	Companhia Hidro Elétrica do São Francisco
COGERH	Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos
FNE	Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste
IPECE	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SEMA	Secretaria do Meio Ambiente e Mudança do Clima
SRH	Secretaria de Recursos Hídricos do Ceará
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

SUMÁRIO

1	“E NA VERDADE O RIO NÃO TEM PRESSA”... DE INÍCIO, COM(O) RIO	11
1.1	Fluindo pelos caminhos da Geografia Humanista	19
1.2	Vivenciando pelos olhos da Geopoética	22
2	AS ÁGUAS DOS RIOS GUARDAM O MUNDO	28
2.1	“Água, surpresa líquida e celeste”	30
2.2	Três rios, três mundos	42
2.3	A trajetória dos rios na Geografia Humanista	52
2.4	O Rio Jaguaribe carrega narrativas ainda não contadas pelo tempo	59
3	UM RIO, UM INÍCIO: CONHECENDO O JAGUARIBE	64
3.1	Nascer com(o) rio	65
3.2	Por uma natureza jaguaribana	69
3.3	Um rio que percorre caminhos e histórias	73
3.4	Um Aracati transbordado no vai e vem das águas (século XX)	80
3.4.1	<i>Fortim: a cidade que nasce dos transbordamentos das águas</i>	90
4	RIO JAGUARIBE DE FLUÊNCIA A GEOPOÉTICA	100
4.1	Transbordamentos Geopoéticos nas artes Jaguaribanas	102
4.2	Pelos caminhos do Jaguaribe: escutas, encantos e encontros	122
4.2.1	<i>Primeira viagem</i>	126
4.2.2	<i>Segunda viagem</i>	133
4.2.3	<i>Terceira viagem</i>	141
4.2.4	<i>Quarta viagem</i>	154
5	JAGUARIBE, RIO VIVO: A FOZ COMO ENCONTRO, NÃO FIM	164
5.1	O Jaguaribe desdobrado	165
5.2	Aberturas para outras águas	167
	REFERÊNCIAS	169

1 E NA VERDADE O RIO NÃO TEM PRESSA”... DE INÍCIO, COM(O) RIO

Imagem 1 – Paisagem do Jaguaribe em Aracati – CE



Fonte: FIGUEIREDO, Debora R. C. Outubro de 2023.

1 “E NA VERDADE O RIO NÃO TEM PRESSA” ...DE INÍCIO, COM(O) O RIO

E na verdade o rio não tem pressa
nem se detém (o tempo o rio ganha)
e vai colhendo o húmus, qual compressa
que limpa a quase cicatriz cutânea
da terra, que não sara jamais, nessa
repetida sangria, nessa sanha.
E permanece intemporal o rio
lançando ao tempo o eterno desafio.
(MAIA, 2012, p. 59).

“Ele é uma artéria aberta”! Quando Demócrito Rocha, em sua poesia sobre o Jaguaribe, afirmou através da metáfora que o sangue que corre pelo Ceará é o rio, ele, *o poeta*, o rio, *personagem*, e o Ceará, *o chão por onde escorre*, se tornaram símbolos e importantes marcadores para se iniciar a compreensão do que significa sentir esse rio...vital... aberto...bonito... misterioso...que derrama suas águas, tocando a cada um que nele atravessa.

O Jaguaribe, esse rio cearense, tem sido há tempos paisagem para grandes transformações que aconteceram e acontecem no Ceará, assim também é o rio, mudando e se transformando ao longo do tempo. A água, como um elixir humano, esteve presente em toda história e no surgimento das grandes cidades. A água produz, sustenta e é vida.

O rio não tem pressa, a pressa que lhe é atribuída é dada por nós seres humanos modernos dotados de pressa e rapidez. Quando Maia (2012), nos diz que o rio é intemporal, nos revela, sobremaneira, a natureza que essas águas dos rios percorrem lançando mão do tempo. É preciso caminhar como um rio, em sua fluidez, no seu entremeio, colhendo húmus e sarando cicatrizes ao longo desse seu fluir.

A natureza do rio Jaguaribe nos convoca a pensá-lo desde sua origem, caso isso seja possível, rememorando seu caminho. Esse rio, é encontrado e faz parte na Bacia hidrográfica do Jaguaribe, com um tamanho de aproximadamente 75.669 km², acaba por se destrinchar em cinco principais sub-bacias, que são: a Bacia do alto Jaguaribe, a Bacia do Salgado, a Bacia do Banabuiú, a Bacia do médio Jaguaribe e a Bacia do baixo Jaguaribe.

O rio Jaguaribe como o corpo hídrico principal dessa bacia, experimenta ao longo de sua extensão as mais variadas formas de vida. Perpassando pelo sertão cearense, as suas águas são responsáveis por banhar as terras secas que encontra em seu caminho. As chuvas são essenciais para alimentar o rio, especialmente durante os primeiros meses do ano, enchendo o seu leito para aguentar o período seco de julho a novembro quando o sertão enfrenta uma pausa dessas chuvas. É nesse período que o rio, ansioso, aguarda pelo retorno das águas para manter seu fluxo vital.

Por fazer parte de um elemento essencial da natureza junto a vida humana, o Jaguaribe que estamos colocando aqui faz parte dessa relação existente entre aqueles que fazem uso de suas águas e olha para o rio como parte fundamental de sua vida cotidiana, mas para isso, é necessário conhecê-lo, chegar perto, vivenciar, se banhar, reparar... olhar por onde esse rio vagueia, e pelas vozes das pessoas presenciar a sua sensibilidade poética.

Por entre nossa trajetória que às vezes se confunde com a desse rio, algumas perguntas nos suscitam curiosidade. Será que nessa Geografia que se desenha humanista alguém já olhou para o Jaguaribe com um olhar geopoético? As águas do rio Jaguaribe, que atravessam terras tocando pessoas, já foram utilizadas como inspiração para a escrita? Com essas interrogações que chegam até nós, o rio para o caminho dessa pesquisa é visto com cuidado e atenção, pois é também vivo.

Nos entremeios da Geografia, tivemos contato com a leitura de alguns trabalhos que tem como seu foco o rio Jaguaribe, pontuando principalmente questões hidrológicas, dinâmicas da zona estuarina, geomorfologia fluvial e temas correlatos que abordam as esferas físicas do rio. Para o que buscamos dentro da compressão do rio em uma perspectiva humanista, conseguimos contato com alguns trabalhos da pós-graduação em História. Dentro do Campo da Geografia, não encontramos estudos que abordem o rio Jaguaribe sob uma perspectiva humanista. Esse espaço aberto dentro da abordagem humanista do rio é uma das principais motivações que impulsionam nossa pesquisa e escrita sobre o assunto.

Além de considerarmos a abordagem do rio Jaguaribe na Geografia Humanista como um dos motivadores da pesquisa, também refletimos sobre a importância de dar atenção às pessoas que vivem no lugar e são convidadas a compartilhar suas memórias e conhecimentos. Para muitos, contar sobre seu lugar é motivo de orgulho. Ouvir essas histórias e percepções sobre o rio é, também, uma forma de valorizar a população que vive do e no rio.

Em consonância a isso, há um aspecto pessoal envolvido na pesquisa sobre um rio. Nossa conexão com essa investigação começou, antes de tudo, no coração. O rio Jaguaribe dialogou conosco através de outros rios que cruzaram nossos caminhos, deixando marcas profundas em nossa vida com suas águas de vazantes, secas e histórias. Antes do Jaguaribe, já fazia parte de minha trajetória o rio Maranguapinho, na cidade de Fortaleza, que foi um símbolo de nossa infância e adolescência. Suas águas invadiram minha vida de forma permanente e, agora, fluem junto às águas do Jaguaribe, encontrando-se e transbordando em nossa caminhada de vida/acadêmica.

Por ter vivido as margens de um rio, e hoje estar vivendo afastada desse ambiente, nos comovemos constantemente com as experiências do retorno à casa, nesse sentido, como

abrigo (Bachelard, 2008). O retorno ao rio da minha infância é um retorno ao sentimento infantil da infância que nos cercaram. Dessa forma, foi muito instantâneo o envolvimento com o rio Jaguaribe, pois ele já havia visitado nossos sonhos e vida através das experiências anteriores com o rio Maranguapinho. Escolher estudá-lo, vivenciar suas dinâmicas e movimentos, ouvir os relatos à beira desse rio, são como também, retornos aquilo que chamamos de “o lugar de conforto do nosso ser”.

Pensando por esses caminhos, conhecer o rio Jaguaribe faz parte de algumas lacunas tais como: acadêmicas, sociais e pessoais. Para isso, conhecê-lo está para além apenas dos aspectos físicos, pois o rio é um ser vivo, que nasce... respira... carrega nas suas correntezas a vivência de cada lugar por onde passou; resguarda nas suas águas lendas, mitos, mistérios; toca pessoas, margens e, para além das margens, ele é uma vida que promove vida.

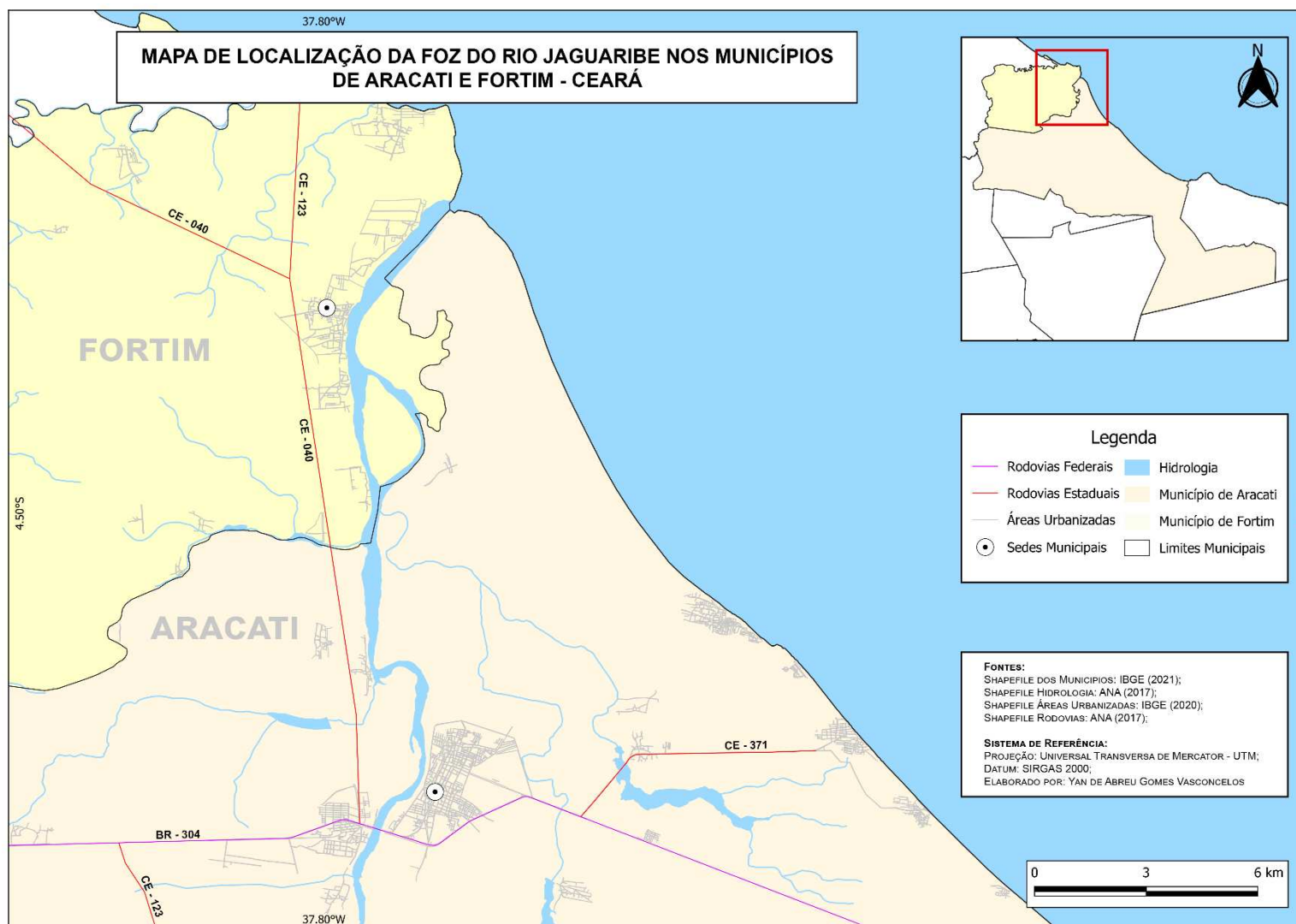
Na busca por preencher essas janelas que se abrem dentro da Geografia humanista dos rios, objetivamos; **(re)conhecer** a geopoética da foz do rio Jaguaribe, desvendando seus caminhos, contemplando suas belezas, preservando suas memórias e revelando as histórias ainda não contadas que moldam esse lugar. Para que esse caminho e essa compreensão sejam realizados, pensamos em: **compreender** como as águas e os rios têm sido fundamentais para o desenvolvimento das civilizações ao longo da história, e como essa importância se reflete especificamente no contexto do Ceará através do estudo do rio Jaguaribe. Assim como, **Conhecer** o Rio Jaguaribe, a natureza do lugar, contextualizando com sua historiografia e seus variados desdobramentos ao longo do tempo para a sociedade cearense com foco para as áreas de foz, para, por fim, **Entender** as múltiplas geograficidades que permeiam o rio através das Artes, percepções e memórias daqueles que são banhados pelo rio Jaguaribe.

Como parte dessa trajetória, realizamos quatro viagens de campo entre os anos de 2023 e 2025. Cada uma delas nos aproximou do rio não apenas como parte de nosso estudo, mas como experiência vivida. Através de observações atentas, descrições sensíveis e conversas com moradores das cidades banhadas pelo Jaguaribe, fomos sendo atravessadas por suas águas e suas histórias. Olhar para o rio pelos olhos daqueles que vivem à sua beira, que dele retiram sustento, memória e afeto, nos permitiu perceber uma geografia encarnada, cotidiana e viva. Esses sujeitos que se inserem no Jaguaribe ou dele fazem parte, seja por presença física ou por pertencimento simbólico, são aqueles que nos inspiram a mergulhar ainda mais fundo. É a partir deles que nasce o convite para imaginar o rio em comum: com escuta, com corpo e com afeto.

O Jaguaribe é um rio de grandes extensões (680 km), ele banha diretamente os municípios de Tauá, Saboeira, Iguatu, Jaguaribe, Jaguaribara, Tabuleiro do Norte, Russas, Jaguaruana, Itaiçaba, Aracati e Fortim. Pelo seu tamanho e sua abrangência regional, trazemos

um olhar mais acurado das percepções e memórias dos sujeitos inseridos nos municípios de Aracati e Fortim, que fazem parte do percurso final do rio, situados na foz, onde o rio encontra o mar (Mapa 1).

Mapa 1: Rio Jaguaribe, atravessando Aracati e Fortim.



Fonte: IBGE (2020), ANA (2017)

Org: FIGUEIREDO, D. R.C. Elab: VASCONCELOS, Y. A.G (2025).

A escolha desses locais não é aleatória, mas pensada, pois, as regiões perto do encontro com o mar apresentam uma complexidade ambiental e cultural significativa. A proximidade com a foz do rio Jaguaribe nos envolve por seu caráter multidinâmico. Esse ambiente apresenta uma infinidade de perspectivas distintas: o encontro do rio com o mar, o ecossistema de manguezais que acompanha esse trajeto final, a presença dos barqueiros e suas atividades, os moradores locais, as comunidades ribeirinhas e as grandes forças empresariais, tanto no contexto do turismo quanto na implantação de aerogeradores eólicos, que marcam a paisagem da foz.

Assim, estar nesse espaço vai além de nosso lugar de pesquisa; ele se revela como um campo rico em múltiplos olhares geográficos, despertando nossa curiosidade e inquietação para compreender sua complexidade. A escolha da foz, portanto, também se justifica por proporcionar uma interação singular entre o ser humano e o ambiente aquático, ampliando nossa compreensão sobre a relação entre as comunidades locais e a natureza.

Nesse contexto, os registros fotográficos são apresentados como ferramentas poderosas na busca por reflexões, estimulando não apenas o pensamento, mas também a construção de uma concepção sobre o que é o rio. Segundo Samain (2012), às imagens, por sua própria natureza, evocam a memória, possibilitando que o observador pense e visualize algo tangível a partir delas. Elas não apenas capturam um momento no tempo, mas também carregam consigo o potencial de trazer à tona lembranças e emoções, criando uma ponte entre o passado e o presente, e permitindo que novas interpretações e significados sejam projetados.

O fato de que toda imagem (um desenho, uma pintura, uma escultura, uma fotografia, um fotograma de cinema, uma imagem eletrônica ou infográfica) nos oferece algo para pensar: ora um pedaço de real para roer, ora uma faísca de imaginário para sonhar (Samain, 2012, p. 22).

O trecho de Samain (2012) destaca o poder intrínseco das imagens em provocar o pensamento e a imaginação. Cada imagem, seja ela um desenho, pintura, fotografia ou qualquer outra forma de representação visual, funciona como um ponto de partida para diferentes reflexões e emoções. Ela pode oferecer um vislumbre do real, convidando à análise e à interpretação crítica, ou pode acender a chama do imaginário, despertando sonhos e fantasias. Essa dualidade torna as imagens ferramentas valiosas para a compreensão do mundo, pois elas não apenas documentam a realidade, mas também expandem os horizontes do que pode ser pensado, sentido e imaginado. Ao interagir com uma imagem, o espectador é chamado a ir além do que é visível, explorando as camadas de significado e as possibilidades que se desdobram a partir dela.

Com base nessa concepção, as fotografias utilizadas para buscar conexões são, na verdade, ferramentas para pensar em possibilidades. Elas permitem visualizar cores, movimentos e diferentes perspectivas, oferecendo experiências únicas que se tornam possíveis através das imagens do lugar. No nosso caso, as fotografias da paisagem do rio, capturadas durante o período de vivência em campo com os sujeitos e as águas, não apenas registram a realidade, mas também promovem uma compreensão mais profunda e sensível do ambiente, enriquecendo nossa percepção e conexão com o lugar.

Este trabalho foi realizado dia após dia, em um processo de conhecimento que ultrapassa a rigidez acadêmica, ocorrendo junto às águas e inspirando-se em seu princípio fluido como ideal. Na busca por um entendimento que vá além da ciência geográfica, recorreremos às Artes como fonte de inspiração, compreensão e como caminhos que nos permitem enxergar de forma diferente. Como ressalta Couto (2011): “Uma reaprendizagem tão profunda implica uma perda radical do juízo. Isto é, implica a poesia” (p.117). Esse processo em reaprender o que sabemos sobre os rios é parte essencial desse mergulho, onde a ciência e a arte se entrelaçam para revelar novas perspectivas e significados, assim como temos tentado fazer, caminhar pelas margens e também **pralém**. (Imagem 2)

Imagem 2 – Nas margens do Jaguaribe em Fortim – CE¹.



Fonte: FIGUEIREDO, Debora R. C. Março de 2024.

1.1 Fluindo pelos caminhos da geografia humanista

Essa relação vivida dos seres humanos com lugares determinados faz verdadeiramente deles, num sentido rigoroso, “gente do lugar” (Dardel, 2011, p. 50).

Refletir sobre as experiências humanas, o mundo vivido e os espaços existenciais, assim como conhecer a própria noção de vida, são elementos centrais de uma abordagem geográfica enraizada no humanismo. A citação inicial de Dardel (2011) não é apenas uma introdução casual; ela serve como um convite para apresentar os temas que iremos abordar neste texto. Concentramos nossa atenção nas pessoas que habitam os espaços que estudamos, no nosso caso, as comunidades e pessoas que vivem em contato com o rio. Elas nos incentivam a mergulhar mais profundamente nesse mistério que são os "sujeitos-do-rio".

¹ Às margens do rio Jaguaribe, em sua região de foz, destacam-se os contrastes marcantes na paisagem. De um lado, a natureza exuberante do rio em seu encontro com o mar; de outro, as imponentes torres de aerogeradores que se integram a paisagem, criando uma composição visual que contrapõe a beleza natural do lugar com a presença das energias renováveis. Essa interação entre o ambiente natural e os elementos tecnológicos redefine a paisagem, trazendo novos significados à região.

A relação profunda existente entre o ser humano e os lugares específicos sugeridos por Dardel (2011), ecoam a essência da Geografia humanista, onde se entrelaçam os sentimentos e a perspectiva do mundo daqueles que vivenciam diariamente esses lugares (Cavalcante, 2019). Os afetos e as emoções tecem fios invisíveis que são responsáveis por dar formas aos lugares, em especial e em nosso caso, ao rio Jaguaribe. São a partir dessas trocas íntimas que os locais se enriquecem, se impregnam de significados simbólicos.

O retorno ao olhar atento para essas pessoas e suas relações com o lugar é, também, uma forma de resistência à rapidez imposta pela vida moderna. Viver em um lugar é fazer parte dele, é ser parte de sua essência. O difícil está em resgatar a compreensão de nós mesmos como sujeitos que não apenas habitam, mas que também *são* os lugares. Esses desafios, que são realidades da vida moderna, se refletem na ciência — em nosso caso, a Geografia. Eles influenciam as formas de pensar e agir nas relações entre o ser humano e a Terra, que estão no cerne dessa disciplina. Assim, os destaques que emergem no modo de fazer ciência são, em parte, respostas à provocação de repensar a existência de maneira diferente e positiva, em contraste com as pressões do pensamento moderno.

Nas palavras de Nogueira (2020, p. 12), “compreendemos que ao estar e ser no mundo, faço dele o meu lugar, sendo esse não a totalidade do mundo, mas aquela parte que para mim é singular, no qual faço minha história”. A singularidade de cada indivíduo, essa pequena parcela onde a vida adquire significado, é intrínseca à nossa existência neste mundo vasto. É como se escrevêssemos na própria pele da terra as histórias de nossa jornada. Cada marca, cada cicatriz que deixamos é resultado de nossas interações íntimas com o ambiente, com os outros seres humanos e com toda a existência. Essas narrativas, constantemente entrelaçadas com o tecido da realidade, são os testemunhos tangíveis de nossa presença e participação ativa na história da terra.

As reflexões de Merleau-Ponty (1996, p.249) ressoam: "Não estou no tempo e no espaço; eu sou o próprio espaço e o tempo". O ser, assim, estar imerso em uma trama indissociável de espaço e tempo em que a própria existência se desdobra. Se existo, sou invariavelmente situado em algum ponto do espaço e inserido na continuidade temporal, cujo horizonte se estende como um vasto campo de possibilidades para compreender a própria essência do ser, como destacado por Heidegger (2015). É nesses seres situados, com suas singularidades, potencialidades, paixões e emoções, que direcionamos nossa escrita, buscando desvendar essa vida em constante movimento entre os indivíduos e o fluir do tempo, tal como delineado por Marandola Jr. (2010).

Para nossa ótica voltada às águas, refletimos a partir de Dardel (2011, p. 37):

A água não é somente o espelho com o qual a Terra se estende ao céu, às árvores, às montanhas. Ela mistura imagens que se levantam das profundezas e aquelas que se referem ao céu ou à costa. A intimidade da substância líquida suaviza o dourado frio do reflexo, e cria um mundo de formas moventes que parecem viver sob o olhar.

O olhar que Dardel (2011) nos convida a fazer é o olhar do geógrafo que entende a Terra como um lugar relacional, uma terra-com. A água não é somente um elemento separado, ela é mistura, material e imaterial, imagética e misteriosa. O que isso implica em nossa escrita? Seria uma ingenuidade pensar nas coisas sozinhas, mas como seria pensar, pessoas e objetos sem estarem relacionados? O olhar geográfico é o decifrar de muitos olhos, é caminhar e descobrir durante o percurso, se misturar em experiências sinestésicas, não olhar sozinho, não olhar separado.

Diante disso, viver é relacional. O tempo todo, seja com outros seres humanos, seja com os objetos que nos cercam e as coisas que são colocadas em nossa vida que dão sentido a ela. Essa intersubjetividade e consciência de um ser relacional com os lugares, os ambientes, tornando-os dotadas de sentido, são o que mais a frente Dardel (2011) chama de geograficidade. Para Holzer (2016), a geograficidade se entende como uma cumplicidade que acontece entre homem e terra, e essa relação se afirmar na existência humana, através do que é exprimido nos lugares e paisagens.

As geograficidades que são expostas no espaço, demarcam um tempo existencial singular a cada sujeito, apesar da efemeridade da existência humana, o ser humano ainda consegue dentro desse espaço temporal realizar desejos, sonhos, criar e recriar realidades subjetivas. A Terra, nesse entremeio, é a casa onde a realização dessa marca existencial acontece. Bachelard (2008, p. 63) ao falar sobre a casa escreve: “Com efeito a casa é, à primeira vista, um objeto rigidamente geométrico”. O ser humano com o seu potencial em desvelar caminhos, transforma essa geométrica rígida, que aqui trazemos como imagem a Terra, em um espaço geográfico dotado de formas subjetivas e simbólicas.

Em nosso caso, tomamos o estudo e experiência do rio Jaguaribe, no primeiro momento, como a ideia de casa “rígida” de Bachelard (2008), mas ao decorrer do tempo, das relações feitas e refeitas, dos banhos e narrativas realizadas ao longo do caminho do rio, ele se torna abrigo existencial, principalmente para aqueles que falam a linguagem das águas, dos que vivem o rio em sua inteireza.

Refletimos nas palavras de William Goyen, citado por Bachelard (2008, p. 72):

Pensar que possamos vir ao mundo num lugar que a princípio não saberíamos nem mesmo nomear, que vejamos pela primeira vez, e que, nesse lugar anônimo, desconhecido, possamos crescer, andar, até que conheçamos seu nome, pronunciando-o com amor, que o chamemos de lar, em que afundemos nossas raízes, onde abrigamos nossas raízes, onde abrigamos nossos amores, ainda que, cada vez que falarmos dele,

o façamos como se fôssemos amantes, em cantos de nostalgia, em poemas transbordantes de desejo.

As palavras do poeta ecoam em nossas reflexões, nos permitindo imaginar junto. Esse trecho é o reflexo do processo de significação de um lugar para o ser humano, o anônimo, o desconhecido, o indiferente tornando-se familiar... Pertencente. A partir do que ele propõe com o crescimento, o conhecimento do lugar através dessa troca intersubjetiva, as raízes crescem e fortalecem esse laço afetivo com o lugar, uma topofilia (Tuan, 2012), e porque não uma hidrofília, em nosso caso, com o rio.

Para que esse mergulho aconteça e que possamos de forma inteira nos aproximar dessa realidade, é preciso que em nossa busca (re)aprendamos a ver o lugar, assim como nas palavras de Nogueira (2020, p. 16): “Esta (re)aprendizagem se dá a partir das histórias narradas por quem vive nesses lugares. São os sujeitos que dão significados ao lugar e às paisagens”. Nossa busca é por essas histórias, pela percepção e pelas narrativas dos que comunicam o lugar, o rio.

É a partir dos caminhos e aberturas proporcionados pela geografia humanista que nosso trabalho mergulha. As interações realizadas com as Artes, de modo geral, fazem parte dessa abordagem que se preocupa com o subjetivo e o simbólico, como já dito outrora, e por abrir esses caminhos em nosso trabalho, escolhemos também fluir rumo a uma geopoética dos rios, em nosso caso, do rio Jaguaribe, mas para isso, compreendamos do que trata a geopoética.

1.2 Vivenciando pelos olhos da Geopoética

Eu bem sabia que a nossa visão é um ato
poético do olhar.
Assim aquele dia eu vi a tarde desaberta
nas margens do rio.
Como um pássaro desaberto em cima de uma pedra
na beira do rio.
Depois eu quisera também que a minha palavra
fosse desaberta na margem do rio.
Eu queria mesmo que as minhas palavras
fizessem parte do chão como os lagartos
fazem.
Eu queria que minhas palavras de joelhos
no chão pudessem ouvir as origens da terra
(Barros, 2015, p. 69).

Enxergar o mundo de forma poética tem sido, há muito tempo, trabalho dos poetas e artistas que se debruçam em desvelar e transver a realidade de formas menos “dolorosa”, por assim dizer. Manoel de Barros (2015), em seu livro “Menino do Mato”, nos convida a

mergulhar nessa realidade poética das miudezas. De seu lugar “no mato”, o seu olhar sobre o mundo de forma “infantil” revela essa escrita poética. Trouxemos esse escritor e poeta para iniciar nosso diálogo na Geografia, reverberando que essa ciência também pode ser geopoética, bebendo daqueles que olham o mundo, o conhecem e conseguem reescrever a partir de outros olhos.

Nesse complexo tecido do mundo moderno, às vezes nos encontramos perdidos em tons de cinza, como se a própria essência da vida tivesse sido desbotada. As complexidades econômicas parecem tecer um véu de separação, não apenas entre o ser humano e o mundo que o cerca, mas também dentro de si mesmo. Somos primeiramente estranhos para nós mesmos, e dessa estranheza brota uma desconexão com o mundo, como se estivéssemos nos tornando estranhos até para a própria terra que nos acolhe.

Nesta realidade que às vezes tende a nos sufocar, a racionalidade ergue-se como uma torre inabalável, relegando os delicados matizes emocionais e os suspiros do sentir a um plano secundário. Mas como podemos olhar através das névoas densas dessa existência que nos envolve e nos reconhecer novamente como seres enraizados na terra, entrelaçados com sua alma pulsante?

Somente ao nos permitirmos mergulhar nas profundezas do sentir, ao abraçarmos a complexidade de nossas emoções, poderemos nos reconectar à nossa humanidade, lembrando-nos de que somos não apenas observadores, mas participantes ativos de se estar vivendo. Quando Magrane (2020) relata que uma das características do campo geopoético é o engajamento do corpo no lugar, reforça a ideia de retornar os olhos a essa relação, não apenas de maneira trivial, mas com empenho e atenção.

Tendo em vista isso, a geopoética se traduz como forma de resistir (Bouvet, 2012) de ser resistência frente um mundo e uma realidade que tenta fervorosamente nos afastar de nós mesmos. Essa resistência é também frente ao racionalismo ocidental que ainda rege em nossa vivência um caráter do fazer tudo em nome do “progresso”, a dominação do ser humano sobre a natureza. Essa dominação que vive como uma herança colonial em nossos dias, responsável também por nos deixar frios e insensíveis frente a vida simples e cotidiana.

Esse “voltar os olhos” ao mundo de maneira geopoética, nos permite refletir sobre esse distanciamento que foi sendo fortalecido entre nós seres humanos e a natureza, o ambiente que nos cerca e faz parte de nós, assim como Cavalcante (2019, p. 28) nos diz: “A geopoética mais que escritura, é abertura para o mundo”. São nessas aberturas frente ao mundo, em que se insere essa abordagem, que tenta inserir um ponto de vista, uma atitude sensível frente a uma realidade muitas vezes difícil.

Nesse olhar sensível ecoa os alicerces mais profundos da nossa existência, entrelaçando-se com a essência do ser, assim Araújo (2021, p. 3), nos diz:

A geopoética convida-nos a um encontro físico com os lugares onde vivemos e a um reaprender a ver o que nos rodeia, mesmo as coisas mais triviais. Podemos entendê-la enquanto uma espécie de apelo universal para estabelecer um diálogo autêntico entre o homem e a sua terra.

De forma nenhuma a geopoética se entende como um olhar que mascara ou romantize as desigualdades, essa não é a intenção. A perspectiva que White (1989) reflete, é a de retornar a ver um mundo como uma potência integradora, fazendo dele e com ele um contato mais sensível. Por isso Bouvet (2012) chama isso de “resistência”, pois não é uma tarefa fácil, é preciso se esforçar para retornar a esse olhar, principalmente quando a realidade tende e anuviar nosso olhar a todo momento.

A perspectiva trazida em Pineda e Nogueira (2017) é chamada de “reconciliação geopoética”, que acontece primeiramente com uma reconciliação da própria vida, em que essa recuperação é um tratado na busca do eu perdido, fragilizado, que não consegue mais reinventar as nuances e alteridades que surgem na própria trajetória existencial. A partir disso, desse retorno à multiplicidade que foi deixada, é possível pensar em nosso retorno ao ser-no-mundo.

Nesse contexto, concordamos com alguns princípios fundamentais presentes na obra de Bouvet (2015), intitulada "**Vers une approche géopoétique: lectures de Kenneth White, de Victor Segalen et de J.-M. G. Le Clézio**". No ensaio, a autora apresenta quatro pilares essenciais para integrar a poética à vivência, mostrando como essas bases podem enriquecer a percepção e a experiência poética no mundo.

O primeiro princípio, **O chamado de fora**, exprime uma ideia de apelo exterior, para se conectar ao mundo, em que é necessário experienciá-lo fisicamente, viver a sua empiricidade, no contato, na direção do outro lugar. O "chamado de fora" propõe que a verdadeira compreensão do mundo só acontece quando nos dispomos a vivê-lo em sua materialidade, sentindo suas texturas, seus ritmos, suas paisagens.

O segundo princípio está relacionado à **crítica radical**, onde a geopoética nos provoca a refletir profundamente sobre nossos modos de vida, especialmente no que diz respeito ao distanciamento de nossa relação com o habitar da terra. Essa crítica não apenas convida à reflexão, mas impõe uma urgência em repensar nossas práticas e atitudes, desafiando a forma como nos conectamos com o mundo, como o transformamos e, simultaneamente, somos transformados por ele.

O terceiro princípio diz respeito ao chamado **movimento**, nesse ponto estão vinculadas atividades como; caminhar, passear, observar enquanto está parado em algum lugar

ou até mesmo em movimento, no ônibus, o que for possível para poder experimentar o mundo, sabendo que, também, o movimento não se restringe apenas ao movimento do corpo físico, mas também se vincula ao movimento dos pensamentos que podem permitir novos e outros caminhos possíveis.

E por último, ela nos chama às **margens**, princípio em que convida a (re)descobrir um outro mundo, é necessário que as fronteiras sejam perpassadas, buscar lugares distantes e diferentes, dentro das possibilidades que cabem a cada um, que ultrapassem os físicos e imaginários. Assim também é estar aberto às novidades que possam surgir nesses caminhos.

Os rios, assim como outros elementos e seres, também têm sido afetados por essa distância, pela predação de suas águas, pelo afastamento de seus povos do seu lugar-rio. Eles tornaram-se recursos, objetos feitos para explorar e não mais vistos como parte da natureza; parte de nós mesmos. Ao adotarmos olhá-los pelas lentes da geopoética, estamos aqui abrindo esse horizonte para as águas com esse olhar que nos aproxima, nos retorna ao que foi, outrora, parte de nós.

Com as obras de Kenneth White e Michel Deguy essa abordagem ganhou reconhecimento. Esses autores defendiam que o uso da linguagem de maneira poética indica uma experiência de conexão entre o ser humano e a própria terra (Cavalcante, 2019). Essa nova perspectiva, especialmente promovida por White, começou a desafiar a ideia de uma ciência estritamente racional, favorecendo um retorno ao olhar poético sobre o mundo.

A proposta de White de redescobrir essa perspectiva poética não se limita apenas a uma linguagem, mas tem implicações que se estendem por diversas áreas, incluindo literatura, filosofia e as artes em geral. Essa abordagem, que é proposta por ele, inicia diálogos importantes com as disciplinas referidas “ciências da Terra”, e, embora essas ciências pareçam duras, essa abordagem resgata olhá-las com a relação íntima que, outrora, já tiveram (Bouvet, 2012).

Quando retornamos nosso olhar ao Jaguaribe, não apenas o vemos como um rio importante para o desenvolvimento e planejamento do Ceará como constantemente afirma-se, mas a geopoética implica olhá-lo pelos olhos dos que moram e vivem no lugar. Para além disso, a tentativa de resgatar uma memória ou (re)encontro com o rio, também faz parte desse caminhar que é proposto pela Geopoética, do desvelamento, de reativar forças imaginantes e criantes sobre o que em outro momento possa ter sido perdido.

Na concepção dos rios, e em particular do rio Jaguaribe, essa perspectiva também é presente, pois tendemos a olhá-lo muitas vezes por um viés puramente científico que pode deixar de lado esse descortinar poético e sensível frente ao que ele pode revelar. A geopoética nesse sentido nos proporciona parar, olhar e refletir, sobre um mesmo local por uma outra

perspectiva que possa torná-la original. Esse olhar original oferecido pelas lentes geopoéticas nos ajuda a retornar a esse lugar de sensibilidade, lugar de presença contínua e simbiótica junto à natureza.

São dessas inquietações que esse trabalho nasce, para além de um trabalho que se denomina científico, ele se constitui também como um exercício a retornar o olhar para o mundo de maneira diferente, de sentir, escrever, experienciar... viver uma geografia que se comunique diretamente com o mundo e também conosco (comigo).

Como tentativa em desenvolver as ideias que pensamos, organizamos a escrita desse trabalho em quatro capítulos, fora esta breve introdução, tomada como primeiro capítulo. O título, ***E na verdade o rio não tem pressa... de início, com(o) o rio***, expressa os caminhos que tomamos como forma de abordagem desse trabalho, inicialmente apresentando o rio Jaguaribe e demonstrados os percursos teóricos-metodológicos na quais fluem esse trabalho, permitindo conhecê-lo a luz do que a geopoética têm nos ensinado.

No segundo capítulo, intitulado ***As águas dos rios guardam (o) mundo***, partimos em uma busca por conhecer esse mundo das águas, as águas como elemento imaginário e subjetivo, potência dentro de muitos escritos filosóficos, artísticos que leem o mundo através desse elemento. Ainda neste capítulo, construímos um caminho para falar dos rios que passeiam pelo mundo (re)escrevendo seus caminhos pelo chão, rios que têm uma história, uma religião e uma grandiosidade tanto em extensão quanto em tudo que as águas já banharam ao longo do tempo. Ao passar por esse caminho, adentramos ao contexto dos estudos dos rios dentro da Geografia Humanista, levantando alguns textos que auxiliam nossos pensamentos e escrita para, por fim, retornar aos escritos direcionados ao rio Jaguaribe, pois dentro desses encontros com outros trabalhos que pesquisam esse rio, encontramos nosso espaço para realizar a escrita do nosso trabalho.,

Por entre esses caminhos que se abrem, o terceiro capítulo, ***Um Rio, um início: conhecendo o Jaguaribe***, segue a nossa trajetória de conhecer a fundo sobre o rio responsável por abrir nossos olhos para suas águas. Neste capítulo, fazemos menção à natureza do rio Jaguaribe, aos aspectos da bacia hidrográfica e suas paisagens sertanejas, das quais esse rio faz parte, complementando sua localização dentro do estado do Ceará. Nesses escritos também trazemos uma natureza a qual se entrelaça a história das margens do rio Jaguaribe e seus desdobramentos ao longo do tempo, e por fim, mostramos a historicidade dos municípios de sua foz, com foco para Aracati e Fortim e a influência do rio em mudanças significativas nessas cidades.

Em seguida, após nos aprofundarmos no conhecimento sobre o rio, iniciamos o quarto capítulo, intitulado ***Jaguaribe: fluindo de encontro à geopoética***. Neste momento da dissertação, percorremos uma trajetória por entre expressões artísticas que se entrelaçam ao rio, explorando as artes jaguaribanas, músicas, literatura, produções audiovisuais, que têm o Jaguaribe como inspiração ou cenário. Ao lado dessas expressões, o capítulo também traz os registros das viagens realizadas às cidades de Aracati e Fortim, ambas banhadas pelo rio. Imagens, percepções pessoais e relatos de moradores se entrelaçam na tentativa de compor uma narrativa sensível sobre as vivências, memórias e afetos que correm junto com as águas do Jaguaribe.

E quando próximo a sua foz... o rio não termina, em ***Jaguaribe, rio vivo: a foz como encontro, não fim, pois*** retornamos ao início, quando o rio não tem pressa, ele abre caminhos, possibilidades, o pensar com(o) o rio não se restringe a um só viés, uma só expressão, mas sim se agiganta nas suas potencialidades nos promovendo pensar novas experiências geográficas... Um novo pensar geográfico.

2 AS ÁGUAS DOS RIOS GUARDAM (O)MUNDO

Imagem 3 – Pescadores à espera... nas águas do Jaguaribe em Fortim – CE.



Fonte: FIGUEIREDO, Debora R. C. Maio de 2024.

Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui (Krenak, 2022, p. 11).

Na história contada a todos nós desde muito pequeno, na escola, por exemplo, os rios são grandes protagonistas presentes na história de grandes cidades, da civilização. Esse mundo, o humano, é emaranhado e foi crescendo nas margens dos rios. Essas águas são responsáveis por revelar memórias e identidades, já que estão aqui muito antes de nós, surgindo, fluindo, descendo, escorregando, escavando, transformando, mudando... Atravessando e sendo atravessadas.

Os rios mencionados aqui nos instigam a transcender as definições estreitas que muitos lhes impõem, as quais os confinam em categorias fixas e tendem a uniformizar a dinâmica de suas vidas. Embora os rios possam parecer universais, dada sua presença em todo o mundo, cada um carrega suas próprias singularidades, que se amplificam em interação com o

ser humano. Dessa relação, emerge o reflexo da cultura nas águas dos rios (Chiapetti e Chiapetti, 2012).

Sobre os rios, em seu ensaio, Vasconcelos (1940, p. 81), nos afirma;

Na fisionomia multiforme da crosta terrestre, opulenta nas suas alternativas de maravilhas e mistérios, nenhum acidente físico, mais do que os rios, assume expressão de tão alta relevância no tocante ao desdobramento dos ciclos de seu destino, talhado a uma finalidade... Examinados no seu conjunto, em qualquer mapa geográfico, lembram, por seu meandros caprichosos e curvas irregulares, esgarçado tecido de fios azulados ou a nervura intrincada das milhares de veias de que se reveste o corpo humano.

Pelos olhos e escrita de Vasconcelos (1940), em cada curva e cada volta, os rios desenham na crosta terrestre um bordado vivo, como se fossem fios de um tecido precioso, entrelaçados ao longo do tempo. Esses cursos d'água, com sua dança sinuosa, não são apenas meras cicatrizes na terra, mas veias pulsantes que nutrem e moldam os destinos dos povos e paisagens.

Assim como dito por Magrane (2020), a terra é um poema compostado, sendo necessário “descompostá-lo”, tal como uma folha dobrada, (re)descobrimo-o. O trecho de Vasconcelos (1940), nos remete a poética dos rios na sua rica passagem pela terra, um talhamento desenhando um caminho, configurando a paisagem como um entrelaçado entre suas finas ou grossas curvas azuis que se assemelham as nervuras centrais de uma folha, à um encontro potente entre veias e artérias. A comparação sublinha a conexão entre natureza e ser humano que sempre foi existente, hoje, apenas perdida, esquecida, mas que é possível recuperar.

Os rios, com suas formas irregulares, não são apenas acidentes físicos, mas elementos fundamentais que moldam o destino da Terra, desempenhando um papel essencial na paisagem natural e no ciclo da vida. Concordamos quando Couto (2011) nos permite entender o rio como uma vasta entidade viva, que é extensa nas suas relações, nas suas trocas. Ele nos convida a entender o rio como um todo, “Habitamos a olhar as coisas com engenhos, esquecemos que estamos perante um organismo que nasce, respira e vive de trocas com a vizinhança” (Couto, 2011, p.53). Esse olhar que voltamos para essa entidade é responsável por nos rememorar a ancestralidade que essas águas convocam e o respeito por fazerem parte da constituição do mundo.

O retorno a ancestralidade dos rios é uma tentativa em reconhecer esse ser não somente como o recurso, como outrora fora ensinado a nós, mas como um ser vivo que guarda dentro dele, nas suas águas claras, os maiores segredos, sua pureza, ou na escuridão de suas profundezas, seus mistérios, e em suas correntezas, o respeito. Mergulhar nesse passado é

retornar à essência daqueles que vieram antes de nós, é compreensão do presente e compreender o futuro como um retorno à intimidade ancestral.

As margens dos rios são testemunhas silenciosas do tempo, guardam em seu recolhimento as memórias de conflitos passados, onde o sangue se misturou às águas. Desde os tempos antigos, esses cursos d'água simbolizam a íntima ligação entre a humanidade e a natureza. Os grandes afluentes, verdadeiros braços da terra, traçam caminhos sinuosos que desenham novas margens, onde florescem os interesses sociais. Nesses contornos, os rios tornam-se mais do que simples cursos de água; são fontes de vida, oferecendo transporte, sustento e a promessa de prosperidade. Em suas águas, fluem não apenas os recursos materiais, mas também os sonhos e as aspirações de comunidades inteiras, que ao longo dos séculos, dependiam de seus ritmos e generosidade para construir civilizações (Vasconcelos, 1940).

Se esses rios transbordam, secam, irrigam e nos contam histórias, revelam também uma geografia que se desenrola ao longo do tempo. Essa narrativa fluvial, com suas memórias líquidas, inicia-se como um processo lento e gradual, convidando-nos a revisitar as lembranças desses mundos-rios. Reconhecendo esse movimento contínuo, este capítulo propõe um resgate das múltiplas formas da água, conhecendo as profundas relações entre rios e pessoas.

Essas conexões, ricas em histórias e simbolismos, são aqui narradas, reveladas trazendo à tona as interações entre o fluxo das águas e o espaço habitado. Em cada correnteza, a cada margem, encontramos vestígios das vivências humanas, onde o tempo e a natureza se entrelaçam, esculpindo a paisagem e moldando culturas. Assim, mergulhamos em um estudo que não apenas documenta, mas também celebra as histórias que os rios carregam em seus leitos, e como essas histórias se refletem e se espalham pelo território.

2.1 “Água, surpresa líquida e celeste”

Água, surpresa líquida e celeste
visita antiga e repentino adeus
à terra embevecida (o vento-leste
a leva e traz, nos desvarios seus).
Água pesada (látego do céus)
golpeando o chão rude do Nordeste
e invadindo as terras dos heréus
dos arredados chapadões do agreste.
Água do rio, em curvo movimento
lavando as rugas desses morros áridos
que o Jaguaribe enxuga, à mão do vento
(Maia, 2012, p. 17).

Desse modo, a água nos aparecerá como um ser total: tem um corpo, uma alma, uma voz. Mais que nenhum outro elemento, talvez, a água é uma realidade poética completa (BACHELARD, 2018, p.17).

A surpresa líquida, que inicia Maia (2012), cai surpreendentemente em uma terra embevecida, no período de seca, comumente a terra se *enruguetece*, parecendo algo como fissuras em muitos caminhos. Essa água que preenche os espaços, levanta não só a vida naquele lugar que espera pela chuva, mas também se avoluma no leito do rio, fazendo dele também um desbravador de caminhos.

Esse elemento é capaz de fazer uma transformação na paisagem, moldando e redesenhando os trajetos por onde passa, fazendo com que a água seja, assim como Bachelard (2018) cita, um ser total, uma realidade poética potente na sua forma de ser água. Isso significa que a água não é apenas um elemento físico, mas também uma presença espiritual e emocional, capaz de inspirar a imaginação e a reflexão poética.

Ao revisitarmos a filosofia pré-socrática, encontramos Tales de Mileto, cuja perspectiva monista propunha a água como o elemento único e primordial para explicar a natureza e a realidade. Segundo Solana Dueso (2009), uma das razões para Tales adotar a água como essa "arché" — termo grego que não denota apenas o início, mas também o princípio fundamental — reside na ideia de que a origem de algo é a fonte de sua natureza, conforme também defendido por Unger (2001). Para Tales, a essência primordial da natureza residia na água, pois ela é não só essencial à vida, mas também manifesta uma capacidade única de transformação, seja no estado sólido, líquido ou gasoso, simbolizando assim a fluidez e a mutabilidade da própria existência.

Além disso, a água, presente em todos os seres vivos e necessária para sua subsistência, reforçava a ideia de uma substância comum e universal, da qual tudo deriva e para a qual tudo retorna. Essa visão, profundamente enraizada no pensamento grego, estabeleceu as bases para reflexões posteriores sobre a unidade e a diversidade da *physis*, ou natureza, e a busca pela compreensão do cosmos a partir de um princípio unificador.

Para explicar essas razões, o autor recorre a antigos escritos da *Ilíada*, de Homero. Em algumas passagens destacadas, o texto relembra que as águas dos rios eram responsáveis por nutrir os jovens, proporcionando-lhes o crescimento e o desenvolvimento corporal. Esse processo de alimentação pelas águas estava profundamente ligado a rituais que celebravam e reconheciam o poder vital da água. Nesse contexto, a água não era apenas um elemento essencial à vida, mas também carregava um simbolismo de força e poder, sendo reverenciada como um agente transformador que desempenhava um papel central nos ciclos da vida e nas tradições culturais da época.

Além de influenciar no crescimento dos indivíduos, a água era também venerada por seu poder gerador, capaz de dar origem à vida. Nas antigas tradições, a água desempenhava um papel crucial em rituais sagrados, como o banho das noivas, um ato que buscava abençoá-las e assegurar fertilidade e prosperidade (Solana Dueso, 2009). A reflexão sobre a importância da água nessas antigas crenças nos leva ao conceito de origem, conforme discutido por Dardel (2011), que explora a terra como o ponto inicial de tudo no universo mítico. Tanto a terra, para Dardel, quanto a água, para Bachelard, são considerados elementos vitais dentro dessa geografia mitológica, cada um simbolizando, à sua maneira, a essência da vida e a força primordial que molda a existência.

Esses rituais que se justificaram em muitos escritos gregos e mitológicos, formaram e fortaleceram raízes que promoviam esse olhar para as águas, um respeito pelo que elas poderiam proporcionar. Em episódios que se seguiam, os jovens ainda permaneciam cumprindo esses rituais, como por exemplo, cortar o cabelo e jogar no rio, pois esse ato estava associado ao vigor sexual. Essas práticas mostravam a crença na água como a substância da vida.

Diante dessas crenças, não é surpreendente que as águas — vindas de fontes, rios, lagos e mares — tenham se transformado em divindades para inúmeras religiões e civilizações ao longo da história. A água, fonte essencial de vida, foi reverenciada não apenas pela sua importância prática, mas também espiritual. Com a influência dos escritos homéricos, os rios não receberam apenas cultos religiosos, mas também ganharam um papel cosmogônico, ou seja, foram vistos como forças primordiais na criação do mundo. Essa visão contribuiu para a transição de um pensamento mitológico para uma cosmologia mais filosófica, como a que foi proposta por Tales de Mileto, que sugeriu que a água era o princípio fundamental de todas as coisas. Para Tales, a água pode ser concebida como uma força ativa, que tem poder para exercer o papel de alma, enquanto a terra seria o corpo. Para o filósofo, esse elemento seria uma força vital (Solana Dueso, 2009).

Refletir sobre a água com uma importância que vai além da atribuída aos deuses, conforme concebida pelos gregos, suscita questionamentos profundos sobre o significado desse elemento vital. Reconhecer o quanto a água se torna vívida no pensamento humano é testemunhar que, para muitos, ela transcende o reino do vivido em direção ao divino. Todas essas percepções ressoam na filosofia de Tales de Mileto, que, na busca por um elemento primordial capaz de explicar a natureza, encontra na água tanto fascínio quanto fundamento.

Segundo Cavalcanti (1997), ao refletir sobre a origem do ser humano, torna-se indispensável considerar também a origem do universo. Nesse contexto, a água assume uma importância quase divina, como ilustrado na tradição cabalística judaica. Nessa linha,

Cavalcanti (1997, p. 14) apresenta o conceito de Sefirot, representações dos diversos aspectos da manifestação divina, abrangendo tanto as qualidades de Deus quanto os caminhos pelos quais o ser humano pode percebê-Lo. Essa concepção busca explicar a relação entre um Deus infinito e um mundo finito, atribuindo à água um papel essencial, comparável ao de uma das Sefirot na tradição mística judaica.

A água é tanto um receptáculo para a vontade de criação divina como a sua emanção. A água, como dizem os textos antigos, é uma das formas elementares através das quais a unidade infinita, o eterno não-revelado, se manifesta. A água é uma das representações da substância primordial à qual também se referem os alquimistas, e que serviu de tema para as investigações filosóficas (Cavalcanti, 1997, p. 14).

É importante ter esse olhar sobre como a água, sendo um elemento da natureza, tem sido importante desde a origem do universo, do planeta Terra e do surgimento do ser humano. Ela flui e percorre por esses caminhos, fazendo parte dessa grande teia de conexões, estando nas histórias míticas, nas lendas, na cura, enchendo rios, mares, lagos e sendo fundamental para a vida. Para Cavalcanti (1997), simbolicamente a água é vista como uma matéria fundamental para a formação de tudo que é vivo, incluindo principalmente o ser humano, por isso a autora não separa a gênese do homem com a gênese dos cosmos.

Esse elemento é incerto e volátil, “... à água possui uma natureza, sempre móvel, caindo das nuvens, encharcando as raízes, correndo para os córregos e mares” (Worster, 2008, p.27). A água segue múltiplos trajetos, infiltrando-se no solo, desaparecendo de nossa vista e ressurgindo em longas jornadas para encontrar novos cursos. Nas águas vemos refletida a natureza, como observa Worster (2008). Mas que tipo de natureza está sendo espelhada nessas águas? Com o tempo, deixamos de permitir que a pureza da água se reflita em nós, e, em vez disso, nós é que refletimos nela. Com essa fluidez da água, volatilidade, nos sentimos muitas vezes imersos, saindo do próprio corpo como uma necessidade em se enxergar assim também como água

Nas palavras de Krenak (2022, p. 14), “Ser água é viver essa incrível potência que ela tem de tomar diferentes caminhos”. Essa fala nos convida a refletir sobre a capacidade transformadora e adaptativa da água, que, assim como a vida, se molda conforme o ambiente, superando obstáculos e encontrando novos caminhos para fluir. A água, em sua essência, nos ensina sobre a resiliência e a flexibilidade necessária para enfrentar os desafios da existência. Ela nos inspira a não nos limitarmos a um único percurso, mas a desvelar diversas possibilidades, abraçando a mudança e a fluidez como partes inerentes da jornada humana.

Para compreender a história dos sujeitos à luz dos “olhos das águas”, como mencionado por Gratão (2008), é essencial adotar o que chamamos de hidroperspectiva — um

olhar fluido que acompanha os movimentos e as relações em constante transformação no espaço. Através dessa visão aquática, podemos melhor entender como as pessoas conceberam e construíram suas organizações ao longo das margens dos rios, seguindo suas confluências e entrelaçando a história dos rios com a história de suas próprias vidas. Essa perspectiva nos permite ver como as águas moldaram não apenas as paisagens, mas também as trajetórias humanas, criando um vínculo profundo entre a natureza e a cultura.

No livro "A Água e os Sonhos", o filósofo Gaston Bachelard (2018), em uma escrita ensaística, explora as diversas imagens que a água evoca, recorrendo a expressões míticas, textos literários e outros ensaios poéticos. Algumas dessas imagens são destacadas por ele como formas narrativas da escrita. Neste ensaio, o primeiro dos quatro elementos, a água, surge como uma matéria repleta de simbolismo e significado, convidando-nos a mergulhar em suas profundezas e refletir sobre sua natureza fluida e em constante transformação.

Ao explorar o imaginário da água em seus escritos, é fundamental nos permitir mergulhar nessas ideias com uma mente aberta, deixando-nos ser profundamente impactados por elas. Bachelard sugere que, antes de serem vistas como espetáculos conscientes, todas as paisagens são, primeiramente, experiências oníricas. Ele argumenta que só podemos contemplar uma paisagem com paixão estética se antes a tivermos visto em sonho. Essa perspectiva destaca a importância de reconhecer a profunda ligação entre nossa imaginação, nossos sonhos e a forma como percebemos o mundo ao nosso redor.

Os caminhos que a água percorre e as imagens que esse elemento evoca reforçam as profundas questões imaginárias da mente humana. A água se apresenta como uma unidade transitória, metamorfoseando-se constantemente, como observado pelo filósofo em seu sentido "ontológico". As imagens da água são vivas; continuamos a experimentá-las em suas complexidades primordiais. Os detalhes mais sutis desse elemento reavivam nossas memórias mais íntimas, aquelas que desconhecemos, mas que sempre carregamos conosco.

Ao percorrer esses caminhos de devaneio, encontramos ressonância nas palavras do filósofo, que afirma: "O indivíduo não é a soma de suas impressões gerais, é a soma de suas impressões singulares" (Bachelard, 2008, p. 8). O singular, o particular, aquilo que reflete a intimidade, são aspectos fundamentais da filosofia bachelardiana, que deixam um legado duradouro em outras correntes filosóficas. Quando Bachelard retorna ao imaginário das águas, sob essa perspectiva do único, ele nos revela que seu devaneio mergulha nas profundezas das águas, onde mistérios se ocultam e se revelam, dando forma ao imaginário da matéria. Como ele mesmo diz...

[...] certas formas nascidas das águas têm mais atrativo, mais insistência, mais consistência: é que intervêm devaneios mais materiais e mais profundos, e nosso ser íntimo se envolve mais a fundo e nossa imaginação sonha, mais de perto, com os atos criadores (Bachelard, 2018, p. 22).

Ao revisitar a obra "A Água e os Sonhos", podemos refletir sobre trechos que oferecem diferentes perspectivas sobre as imagens da água e o que elas evocam. Bachelard começa descrevendo as imagens fugidias e efêmeras, associadas às águas claras e brilhantes. Sua necessidade de escrever sobre elas evolui para uma poesia das águas, que se transforma em uma metapoética, um processo que ele denomina de transição do plural ao singular. Essa transição reflete uma água que, aos poucos, se torna contemplativa, aprofundando-se até se transformar no que ele chama de "elemento da imaginação materializante" (Bachelard, 2018, p. 12).

Nas águas claras, reflete-se a imagem do ser humano, adentrando em um psicologismo do reflexo, o "espelho das águas". Para Bachelard, essa imagem refletida nas águas claras "serve para naturalizar a nossa imagem, para devolver um pouco de inocência e de naturalidade ao orgulho da nossa contemplação íntima" (Bachelard, 2018, p. 23). O espelho da água funciona como uma prisão para esse segundo mundo que emerge, mas que sempre escapa; um reflexo do mundo que pode ser visto, mas nunca tocado.

Nesse trecho, Bachelard explora a ideia de que as águas claras, ao refletirem a imagem do ser humano, criam uma conexão entre a realidade e a autoimagem. Ele introduz o conceito de "psicologismo do reflexo", referindo-se à maneira como o espelho da água nos faz ver a nós mesmos de forma mais natural e inocente. A água, ao refletir nossa imagem, tem o poder de suavizar e purificar a maneira como nos percebemos, restaurando uma certa simplicidade à nossa contemplação interna.

Quando Bachelard menciona que o "espelho das águas" serve como um aprisionamento de um segundo mundo que surge, mas escapa, ele está se referindo à natureza ilusória do reflexo. O reflexo na água cria uma imagem que parece real, mas é intangível; é um mundo que podemos ver, mas não tocar. Isso simboliza a ideia de que, embora possamos perceber uma versão idealizada de nós mesmos e do mundo através do reflexo na água, essa imagem é, em última análise, inatingível, fugidia.

Em outro momento, Bachelard explora as imagens derivadas da materialidade da água, como no trecho em que evoca a imagem feminina da água (2018, p. 122): "as águas que são nossas mães e que desejam tomar parte nos sacrifícios vêm até nós seguindo os seus caminhos e nos distribuem o seu leite." Nessa perspectiva filosófica, a água... alimenta,

preenche, nutre... Para a imaginação material, a água e o leite são revelados como alimentos completos, simbolizando o sustento essencial para a vida.

Os escritos de Bachelard (2018) que abordam a natureza feminina da água se complementam com as palavras de Dardel (2011, p. 49), que descreve a Terra como uma entidade que, na visão das divindades ctonianas da mitologia, possui um potencial vital e nutricional, transmitindo aos humanos sua própria essência. Essas perspectivas dos autores revelam a percepção da Terra e da água como elementos essenciais para a existência, tanto humana quanto não humana. Todos são vistos como derivados de um mesmo elemento primordial, compartilhando uma essência comum.

Como um dos quatro elementos primordiais, tanto físicos quanto conceituais, a água se destaca como o único capaz de acolher, sendo referido como um "elemento embalador". Essas características inerentes à água permeiam o pensamento filosófico ao abordar sua natureza feminina, marcada por movimentos serenos que acalmam e oferecem repouso. Como expressa Bachelard (2018, p. 136), "A água nos conduz. A água nos acolhe. A água nos adormece. A água nos reconecta com nossa mãe".

Segundo Dardel (2011, p. 23), os espaços dominados pela água desafiam uma compreensão puramente intelectual, expondo a limitação da racionalidade diante de sua imensidão. Nessas paisagens onde a água prevalece, a crítica à nossa mente apressada nos provoca a aceitar os mistérios geográficos como eles são, instigando-nos a "dobrar nossa percepção" além dos limites da compreensão convencional.

Essa reflexão se alinha com os escritos de Bachelard (2018), que, ao discutir os conhecimentos naturais relacionado aos "devaneios naturais," faz uma crítica semelhante ao olhar utilitarista da intelectualidade, como proposto por Dardel. Bachelard nos convida a adotar uma perspectiva psicanalítica, que nos permite enxergar a realidade com mais profundidade e clareza, reconhecendo que a racionalidade por si só não é suficiente para captar toda a riqueza do mundo natural.

Em um dos trechos, Bachelard (2018, p. 127) ilustra como podemos diferenciar entre uma abordagem utilitarista e uma perspectiva psicanalítica na análise da água. Ele se refere a um antigo texto de Hesíodo que adverte: "Cuidado, nunca urine na embocadura dos rios que correm para o mar, nem em sua fonte". Enquanto uma interpretação superficial desse aviso poderia focar apenas na preocupação com a pureza da água, Bachelard propõe que uma análise mais profunda revela uma regra moral essencial. Segundo essa interpretação, o ensinamento de Hesíodo confere à água uma espécie de "majestade" e a associa a uma natureza materna. Essa perspectiva psicanalítica sugere que a água não é apenas um recurso utilitário,

mas também um elemento carregado de significados simbólicos e valores morais, refletindo uma reverência pela sua pureza e importância essencial.

Sob a ótica poética de Bachelard (2018), a matéria preexiste à sua formação. A água sendo material transcende para o reino da imaginação e é percebida não apenas como uma substância tangível, mas também como um elemento onírico. Ela se torna uma fonte de inspiração poética, manifestando-se através de símbolos e imagens que ecoam as ações humanas. A água, que permeia a realidade e flui junto à vida, umedece não apenas o mundo físico, mas também os domínios da mente e da criatividade.

Às formas poéticas de enxergar a matéria, pretende-se passar de uma poesia superficial para uma poesia profunda. Para Bachelard (2018), a percepção dessa passagem se dá pelas mudanças dos valores sensíveis aos valores sensuais, cabendo ao poeta, se quiser transmitir sua experiência por inteiro, “começar pelo espelho e chegar à água da fonte”, pois para o autor a força vem da fonte.

Sobre essa água imaginária, o filósofo descreve suas raízes como “profundas”, que têm sua nutrição baseada em imagens, pois há a necessidade precípua de uma presença material, para que essa realidade imaginária seja lembrada antes de ser descrita. Com as sensações dos nossos órgãos, com a iluminação vital que existe no nosso corpo, a imaginação fornece vida para as coisas (Bachelard, 2018).

A água desempenha um papel fundamental na vida, tanto materialmente quanto simbolicamente. “lá onde não existe água, o espaço tem algo de incompleto, de anormal...” (Dardel, 2011, p. 19). Suas diferentes formas refletem a essência vital, e sua ausência cria um vazio, uma sensação de anormalidade. Nas regiões desérticas, onde a escassez da água é evidente, as paisagens áridas sugerem uma falta de vida e uma atmosfera de letalidade. A presença da água é crucial para revitalizar essas paisagens e nutrir aqueles que nelas habitam.

Os seres humanos naturalmente buscaram estabelecer-se em vales e solos úmidos, áreas que se destacam na cartografia da vida pela estreita associação entre o ser humano e a água. Esses vales, conhecidos como lugares verdejantes, ou nas palavras de Dardel (2011, p. 20) “sorridentes”, são caracterizados pelo brilho de um sorriso que se reflete nas margens.

As águas podem dividir-se em duas: as que inspiram alegria e as da dor, que, como observado por Bachelard (2018, p.49), “tornam-se entorpecidas, pesadas”. Como uma metáfora da jornada em busca de um propósito na vida, os rios também refletem essa dinâmica, movendo-se e sendo influenciados pelo curso que tomam. Por vezes, tornam-se densos e sombrios, até alcançarem seu desfecho, onde se renovam junto às águas salgadas do mar.

Como mencionado por Dardel (2011, p. 21) o poeta Swinburne expressou o sentimento de estar próximo à água ao dizer “Eu jamais pude estar próximo à água, sem desejar estar na água”. Esse desejo de proximidade existente a esse elemento representa uma alegoria marcante da ligação do ser humano com os cursos d’água, que influenciaram o desenvolvimento de suas cidades e sua sedentarização. Dardel (2011, p.21) observa que “as águas exercem sobre o homem uma atração que chega à fascinação”.

As águas passeiam por todas as esferas da vida, desde o princípio aos dias atuais, seu simbólico flui em muitas histórias filosóficas, místicas, religiosas, urbanas, alimentando um grande arquivo e se fazendo arquivo também. É importante perceber que essas mudanças que acontecem sobre a percepção da água, refletem também as mudanças do próprio ser humano, na sua mudança de pensar a vida e a natureza. A água como um bem comum, que atravessa e compõe todos nós, tem sido modificada por essa mudança do ser humano sobre o olhar para a água.

Esse encantamento pela água se faz, sobremaneira, por entender que é um elemento que sustenta a vida, oferece muitos significados, tanto dentro da perspectiva do material como também do imaginário. A água se revela como uma valorização do pensar humano, é uma necessidade inerente ao ser humano, somos feitos majoritariamente de água, o planeta, a Terra, é uma casa rodeada por água (Chiapetti; Chiapetti, 2011).

Para Worster (2008), pensar sobre a água e a natureza hoje não está apenas na lógica de autopreservação, mas de pensar, sobremaneira, em uma ética da água, sobre generosidade. Dentro desse pensamento, olhar para a água com esse olhar ético, é se fazer pertencente a comunidade natural, como um corpo todo unido, que está ligado e conectado por esse sangue que é água, assim como Krenak (2022, p.27) nos afirma: “Respeitem a água e aprendam sua linguagem. Vamos escutar a voz do rio, pois eles falam. Sejamos água em matéria e espírito, em nossa movência e capacidade de mudar de rumo, ou estaremos perdidos”.

Quando nos voltamos para o rio, muitas são as tentativas de delimitar suas características: o rio é um corpo, o rio é o tempo, o rio é a voz do mundo. Suas formas transitam entre o material, o simbólico, o animalesco e a imagem... São como vozes de um único rio, visto sob diferentes perspectivas. Em seus escritos, Bachelard (2018, p, 127) cita a visão do dramaturgo Paul Claudel sobre o rio: “É a liquefação da substância da terra, é a erupção da água líquida enraizada no mais secreto de suas dobras”. Nessa perspectiva, o rio é percebido como uma transformação da matéria sólida para o líquido, que se infiltra nas profundezas da terra, escavando vales e moldando a paisagem ao longo de seu curso.

Mais à frente, ele nos mostra como o rio é descrito por Balzac, o escritor Francês, “O rio foi como uma senda, a qual voássemos” (Bachelard, 2018, p.137). Essa senda, direção, descrita e reforçada por Bachelard, revela que o rio carrega e faz voar aqueles que mergulham em suas águas materiais e imaginárias, que permitiram ao escritor em seus devaneios a “nadar no céu”.

Para Joel Barlow, poeta citado por Schama (1996), o termo “corpos de água” associa o rio ao fluxo da circulação sanguínea no corpo humano. Essa comparação, herdada da Antiguidade, é reforçada em seu pensamento poético. A visão circular do fluxo remete à concepção de Platão, que via a natureza e o corpo humano como governados por uma lei universal da circulação, responsável por conduzir todas as formas vitais. Joel Barlow compreendia o rio nas suas dimensões místicas e misteriosas...

Barlow sabia que ver um rio equivale a mergulhar numa grande corrente de mitos e lembranças, forte o bastante para nos levar ao primeiro elemento aquático de nossa existência intra-uterina. E com essa torrente, nasceram algumas de nossas paixões sociais e animais mais intensas: as misteriosas transmutações do sangue e da água; a vitalidade e a mortalidade de heróis, impérios, nações e deuses (Schama, 1996, p.253).

Esse rio que é citado pelo poeta, surge como um corpo material e mergulha na corrente imaterial do seu ser, relembrando suas características simbólicas que estão inerentes aos humanos e não humanos (deuses) que são tocados pela água dos rios e tem sua história misteriosa e vida descritas nesse fluir, retornando a nossa mais ínfima memória infantil, uma lembrança inconsciente, assim como Bachelard (2018, p. 120) pensa: “Esse algo de nós, de nossas lembranças inconscientes, é sempre e em toda parte resultado de nossos amores da infância”.

Para Dardel (2011, p. 20), o rio é descrito como uma substância que rasteja e “serpenteia”, sendo comparado a uma cobra que, tal como o rio, desliza pelo solo, movendo-se em curvas. De forma semelhante, Couto (2003, p. 61) também explora a imagem da cobra: “o rio é uma cobra que tem a boca na chuva e a cauda no mar”. Nesse sentido, a boca do animal representaria a nascente, o início do percurso, enquanto todo o trajeto seria o corpo da cobra, com a foz, o mar, marcando o fim de sua cauda, o desfecho de seu caminho.

As diversas formas que o rio assume, quando observadas sob uma perspectiva animalésca, nos levam a enxergá-lo como um ser vivo. Ele se arrasta e desliza, podendo se tornar violento se perturbado, ou tranquilo se tratado com cuidado e respeito. Às vezes corre agitado como um animal jovem, enquanto outras vezes descansa serenamente, próximo ao seu destino, como um animal no crepúsculo da vida. Essa poética, presente em muitos textos, nos

ajuda a compreender a essência do rio, e é isso que buscamos encontrar ao longo das paisagens fluviais.

Essa conexão existente entre ser humano e as águas, pode ser vista, também, nas **obras literárias**, narrativas que desenvolvem seus caminhos e paisagens também margeando os rios. Em *Luar-do-Chão*, ilha fictícia no romance “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”, de Mia Couto, a água é responsável pela separação de dois mundos, o mundo da cidade e o mundo da ilha, “[...] aquelas águas, porém, afastam mais que a sua própria distância. Entre um e o outro lado reside um infinito (Couto, 2003, p.18).

Esse continuum que se desenrola entre esses dois lugares divididos pelo rio também representa a infinidade do papel do rio na separação e na conexão das vidas humanas. As águas do rio, neste caso, separam duas formas de viver, próximas geograficamente e afastadas pelo olhar do mundo, e o rio, como um protagonista fiel, vive no entremeio dessa viagem que passeia pelos dois lugares.

Em outro romance, agora escrito por José de Alencar, o livro “O Guarani”, evidencia, logo na primeira parte, intitulado de “os aventureiros”, o cenário da narrativa, que será o lugar responsável por boa parte da história. Como forma de apresentar aos leitores esse cenário (paisagem), o autor inicia uma descrição, poética, desse lugar:

De um dos cabeços da Serra dos Orgãos desliza um fio de água que se dirige para o norte, e engrossando com os mananciais que recebe no seu curso de dez léguas, torna-se rio caudal.

É o *Paquequer*: saltando de cascata em cascata enroscando-se como uma serpente, vai depois se espreguiçar na várzea e embeber no Paraíba, que rola majestosamente em seu vasto leito (Alencar, 2002, p. 9).

O rio que nasce na serra dos órgãos é evidenciado como fio de água ainda ganhando fluxo, forças, encontrando seu volume. Esse caminho, desenhado pelo autor, faz parte da paisagem de um Rio de Janeiro existente no século XVII. Temporalidade escolhida pelo romancista para narrar a história. O rio faz parte dessa “vista” da casa onde se desenrola boa parte do romance. O rio Paquequer é um importante curso de água existente no interior do estado do Rio de Janeiro, assim como diversos outros rios do Brasil, e tem sofrido as consequências da exploração de suas águas.

Em um dos trechos, há uma reverência existente entre os elementos da natureza, rio e relevo. O que o romancista descreve, é um espaço geográfico que conversa entre si no romance, um sinal de reverência entre os elementos, narrando o caminho do rio, o seu fluir com os outros:

Dir-se-ia que, vassalo e tributário desse rei das águas, o pequeno rio, altivo e sobranceiro contra os rochedos, curva-se humildemente aos pés do suserano. Perde então a beleza selvática; suas ondas são calmas e serenas como as de um lago, e não

se revoltam contra os barcos e as canoas que resvalam sobre elas: escravo submisso, sofre o látego do senhor (Alencar, 2002, p. 9).

Não é somente uma descrição, é uma poética que se reescreve através da narrativa, a relação do caminho do rio e suas fluências junto às rochas, não são ditas apenas em seu sentido literal. No romance, a água se curva, a água se personifica, se torna vassalo daquele que impõe a mudança do seu curso, na vista do autor, os rochedos.

Ainda nessa primeira parte, o autor evidencia a dinâmica do rio, como se comporta a sua nascente, como caminha, o que encontra nas suas travessias, que desafios o cansam, e o que faz quando, enfim, encontra seu descanso...

Não é neste lugar que ele deve ser visto; sim três ou quatro léguas acima de sua foz, onde é livre ainda, como o filho indômito desta pátria da liberdade.

Aí o Paquequer lança-se rápido sobre o seu leito, e atravessa as florestas como o tapir, espumando, deixando o pelo esparsa pelas pontas do rochedo, e enchendo a solidão com o estampido de sua carreira. De repente, falta-lhe o espaço, foge-lhe a terra. O soberbo rio recua um momento para concentrar as suas forças, e precipita-se de um só arremesso, como o tigre sobre a presa.

Depois, fadigado do esforço supremo, se estende sobre a terra, e adorme numa linda bacia que a natureza formou, e onde o recebe como em um leito de noiva, sob as cortinas de trepadeiras e flores agrestes (Alencar, 2002, p. 9).

O trecho que é escrito poeticamente, descreve o rio Paquequer em sua jornada pela natureza selvagem, personificando-o como um ser vivo e indômito, um "filho indômito desta pátria da liberdade". A linguagem utiliza imagens e comparações para transmitir a força e a beleza do rio, que corre livremente através das florestas, espumando e deixando sua marca nas rochas. A descrição da queda d'água é particularmente intensa, comparando-a ao movimento de um tigre sobre sua presa. Essa imagem transmite uma sensação de poder e majestade, enquanto o rio se lança com ímpeto sobre o terreno.

No entanto, após esse momento de esforço supremo, o rio encontra uma calmaria, descansando em uma "bacia" formada pela própria natureza, onde é acolhido como numa cama nupcial. Essa mudança de paisagem, de uma corrida tumultuosa para uma quietude serena, sugere uma dualidade na natureza do rio, que oscila entre momentos de intensa atividade e períodos de repouso e tranquilidade. O trecho nos proporciona ir além do que está posto, nos sugere uma reflexão, assim como a transitoriedade do rio em seu percurso, a vida também acontece nesses momentos.

Assim como é feito por José de Alencar, outros autores também poetizam seus caminhos, descrevem suas paisagens, cenários de seus romances, com um toque especial que nos aproxima, nos coloca frente a uma realidade temporal distante, e isso nos ajuda a perceber os lugares de forma diferente, um novo olhar, sobre um o mesmo rio, mas outra história.

Para Sousa Neto (1997), o rio, nas obras literárias, assume o papel de personagem principal, tornando-se uma presença constante ao lado dos outros elementos da história, uma vez que seu percurso é responsável pelo fluxo das experiências. Em um dos seus artigos o autor nos propõe uma reflexão sobre três rios e três poetas: o Capibaribe de João Cabral de Melo Neto, o Tietê de Cassiano Ricardo e o Amazonas de Thiago de Mello. Cada um desses poetas oferece uma perspectiva única sobre os rios que, há tanto tempo, desempenham papéis marcantes em diversas narrativas.

Sousa Neto destaca: “Três rios, três regiões, três poetas. Três perspectivas de mundo por intermédio do correr das palavras sobre o leito da dura pedra, que a água da poesia com seu carinho amacia e transforma” (Sousa Neto, 1997, p. 58). Este retrato revela que, independentemente do território percorrido pelo rio ou dos vales que ele preenche em seu curso, a água age como um espelho, refletindo a natureza do mundo. Assim, o desvelamento da água se torna uma fonte inesgotável de poesia, revelando as múltiplas camadas de significados e emoções associadas a cada rio. Essa visão poética nos convida a entender que os rios não são apenas corpos d'água, mas também símbolos profundos que moldam e são moldados pelas experiências humanas e pela paisagem ao seu redor.

Para ilustrar nossas reflexões sobre as profundezas que um rio revela em seu curso e o impacto que exerce na configuração das paisagens e no potencial que transcende o material, vamos examinar três rios que, apesar de compartilharem a essência de serem rios, se distinguem por suas singularidades e pelos territórios que percorrem. Esses exemplos servirão para aprofundar nossa compreensão da vida dos rios, desde suas influências nas paisagens até suas manifestações simbólicas e culturais. Assim, ao olhar esses rios, chegaremos ao nosso nosso: o Jaguaribe, cujas características e histórias enriquecem ainda mais nossa apreciação e encantamento das dinâmicas fluviais e suas ressonâncias na vida e na cultura ao seu redor.

2.2 Três rios, três mundos

Como vimos anteriormente, os rios têm sido os grandes protagonistas na origem de muitas civilizações. Essa relevância é central quando revisitamos a história das cidades e os contextos que se desenvolveram próximos aos cursos d'água. Para ilustrar a continuidade da importância dos rios no mundo, destacamos três desses grandes protagonistas: o Nilo, o Ganges e o Amazonas.

A escolha desses rios para iniciar uma reflexão sobre a importância das águas para a civilização mundial se justifica por suas contribuições históricas, culturais e ambientais, que

foram cruciais para o florescimento das sociedades em suas margens. Esses três rios não são apenas fontes de vida e sustento, mas também ícones de desenvolvimento humano e espiritualidade em diferentes regiões do planeta.

Como início, mencionamos aqui um dos protagonistas mais icônicos do mundo das águas: o Nilo. Este rio evoca imediatamente as memórias das grandiosas histórias da civilização egípcia, cujo crescimento e prosperidade estiveram intrinsecamente ligados ao fluxo contínuo de suas águas. Mesmo hoje, o Nilo continua a ser uma fonte vital de vida para as pessoas que dependem dele. No entanto, o rio está sendo lentamente alterado e comprometido, resultado de uma ganância crescente que domina o mundo globalizado. Como bem coloca Krenak (2022, p. 66), "As sinuosidades do corpo dos rios são insuportáveis para a mente reta, concreta e ereta de quem planeja o urbano."

O rio Nilo é um símbolo de encontro e continuidade. Desde sua origem, ele transcende fronteiras e territórios em conflito, afirmando sua presença muito antes das disputas contemporâneas. O Nilo não se limita a uma única origem, mas nasce da confluência de outros três rios que juntos tecem sua história. O primeiro é o Nilo Branco, que se origina no Lago Vitória, situado na África Oriental, entre Tanzânia, Uganda e Quênia. O segundo é o Nilo Azul, que tem sua nascente no Lago Tana, na Etiópia. O terceiro é o rio Atbara, também originado na Etiópia. Esses rios, ao se unirem, formam o grandioso Nilo, refletindo uma conexão profunda e antiga com a paisagem e as culturas que ele atravessa.

Desde o século V a.C., Heródoto e outros estudiosos já observavam duas características notáveis do rio Nilo. A primeira dizia respeito à sua nascente, que se localizava em uma região de temperaturas elevadas e, paradoxalmente, fluía para áreas com climas mais temperados. Isso despertava questionamentos entre os gregos, pois, ao contrário da maioria dos rios, que nasciam em climas mais amenos, o Nilo desafiava essa lógica. A segunda característica importante era sua cheia sazonal, que atingia seu pico durante os períodos de calor, enquanto outros rios costumavam estar em sua fase de águas baixas nesse mesmo período (Schama, 1996). Essas peculiaridades fizeram do Nilo um objeto de fascínio e estudo desde a antiguidade, destacando-se pela sua dinâmica única.

O Nilo Azul une suas águas com as do Nilo Branco em Cartum, a capital do Sudão (Pinto-Coelho; Havens, 2015). A partir dessa confluência, o Nilo carrega não apenas sedimentos, mas também memórias e histórias dos diversos lugares que percorre. Este fluxo, que mistura os elementos de cada região atravessada, transforma o Egito em uma verdadeira dádiva do rio, criando um oásis na aridez do deserto. A generosidade do Nilo, com suas cheias

anuais, fez do Egito uma terra fértil e rica, contrastando fortemente com o ambiente desértico ao seu redor.

As cheias que aconteciam em alguns períodos do ano, promoviam uma renovação da terra, do solo, limpando as margens de seu percurso, alimentando o processo de se auto fertilizar com os sedimentos que trazia. A responsabilidade fica a cargo das correntezas rápidas e ferozes das suas cheias. Toda essa dança, executada pela natureza desse ser-rio, promoveu vida através da agricultura para aquelas pessoas (Costa, 2013).

Essa intimidade e dependência à natureza do rio, aconteceu por milhares de anos consecutivos (Worster, 2018). A chamada “Mãe Nilo” trouxe alimento através de suas águas, suas lamas, que com as enchentes, promoviam vida às faixas de terra verdes que nasciam por entre a aridez do deserto e o frescor das águas no seu chão.

Quando as chuvas se atrasaram e o rio começava a baixar suas águas, fluindo em ritmo lento, os egípcios, cuja subsistência dependia da natureza feroz das cheias para garantir seu alimento, viam nesse momento uma oportunidade de sintonizar-se com o rio. Ao ouvir sua voz, conforme observa Worster (2008), os egípcios desenvolveram um profundo respeito pelo rio. Aprenderam não apenas a utilizar seus recursos, mas também a conviver em harmonia sem perturbar sua ordem natural. Essa comunicação íntima com o rio os caracterizou como povos das águas...

O rio Nilo, não serviu unicamente como um espaço para a captação de recursos (pescaria, água para o consumo, coleta de papiro etc), mas como um grande fator para a orientação espacial não só física, mas simbólica: como as correntes saem do Sul em direção ao Norte, era dessa forma que as comunidades egípcias se situavam espacialmente (Costa, 2014, p. 9).

Essa geografia hídrica que delineava os saberes empíricos foi a grande responsável pelos conhecimentos espaciais dos egípcios, a sua crescente compreensão sobre a terra, o solo, os movimentos da água, e no desenvolvimento da vida a partir dessa experiência. Esse rio se materializa e se fazia vivo no simbólico e nas crenças daquele povo, como forma de conectar os mundos espirituais aos elementos da natureza.

Para os antigos egípcios, acreditava-se que a vida e a morte estavam associadas ao lado em que o sol surgia no rio. Eles consideravam a margem leste do rio, onde o sol nascia, como representativa do mundo dos vivos, enquanto a margem oeste, onde o sol se punha, era associada ao mundo dos mortos. Essa crença fundamentava-se principalmente na observação do ciclo solar, onde o amanhecer e o anoitecer simbolizavam, respectivamente, a vida e a morte, em um ciclo que se repetia diariamente (Costa, 2014).

O elo existente entre os sacrifícios e a abundância fluvial parecia ser uma repetição comum entre as culturas antigas que tinham sua vida correndo às margens dos rios. Assim, muitos mitos e histórias foram sendo contadas e recontadas a partir dessa explicação ritual para que os rios fossem abundantes e férteis. O Nilo, por se situar nesse panorama, era considerado um rio “salvador”.

Essa civilização reforçava suas crenças em deuses, esses que boa parte estavam associados aos elementos da natureza e às consecutivas mudanças relacionadas a ela. Para essa população que vivia tocada pelo rio Nilo, a deusa Hapi, seria a responsável pela enchente do rio, e os deuses Heqet, Tauret, e Sobek, responsáveis pela fecundidade, o que fazia com que, acreditassem que as cheias e secas fossem consequências das ações e vontade dos deuses (Costa, 2014).

Schama ao citar um dos diálogos de Platão, revela a natureza com que esse rio era visto pelo filósofo:

[...] suas águas sobem gradativamente, ao contrário das torrentes gregas que despencam das altas montanhas, ameaçando de destruição cidades como Atenas. Essa coerência de comportamento é a razão essencial pela qual, no Egito, os templos e monumentos se preservam melhor que em outros lugares; o que faz do Nilo o rio da longevidade, da memória (Schama, 1996, p. 264).

O conhecimento possuído pelos egípcios com relação à geografia do rio e do lugar, refletia um saber da dinâmica desse corpo hídrico e de como suas águas eram fortes; por se tratar de uma civilização que tinha sua fé em deuses e seres mitológicos, recorriam a eles para fortalecer a crença na divindade do Nilo. Tamanha era a força do Nilo que o estoico Sêneca se deixou levar pelas fantasias do rio acreditando que as suas águas, popularmente reconhecidas pela crença da fecundidade, eram capazes de curar as mulheres estéreis, assim ele disse sobre o rio:

Só no Nilo, pensava Sêneca, gladiadores fluviais – crocodilos do Sul e delfins do Norte – poderiam travar um combate mortal. Só no sinuoso Nilo os astutos delfins, animais da paz e da sabedoria, poderiam prevalecer, rasgando com as barbatanas dorsais o ventre dos répteis. Água salgada e doce, lama e sangue, vida e morte atingindo a torrente sagrada (Schama, 1996, p. 261).

Assim, a imagem de um rio, pode parecer poéticas linhas que envolvem sua história em um tempo, onde há encontros, com memórias, trajetórias, movimentos de idas e vindas que, assim como esse rio, confluem. Essa água deixa ser horizonte de possibilidades para aqueles que escrevem sobre ela...

O sereno Nilo: Teia de vida e História²

Nas entranhas do tempo, o Nilo.
 Águas que embalam o berço da vida
 sobre seu leito, segredos de um povo,
 onde o encontro das almas faz o mundo esquecer.
 Pessoas se encontram à margem da história,
 sob o olhar sábio do rio que flui
 Correntezas que dançam
 ao seu destino.
 Navegante de sonhos,
 um guardião a brilhar.
 Em suas águas, a vida jamais desiste,
 e o tempo perpetua esse eterno navegar.

Quando Worster (2008, p. 30), denominou o Nilo como o rio mais velho do mundo, considerou toda a história socioambiental do uso do rio: “É uma história com boas e más lições: uma simbiose extraordinariamente longa entre o povo e o rio...”. Essa relação íntima vem atravessando os tempos e faraós, até chegar aos dias atuais, como testemunha de mudanças, saindo de uma entidade natural para um recurso socioeconômico.

Quando por esses caminhos os exércitos franceses e britânicos invadiram o território egípcio, tentaram e conseguiram converter aquele país, aquelas águas e aquele rio a uma agricultura que não mais conversava com a linguagem do rio, mas em uma linguagem de recurso econômico. Para ampliar a produção excedente, uma separação cada vez maior entre o sujeito e o ser-rio acontecia, não o vendo mais como ente, e sim, como recurso a ser explorado.

O rio tinha que ficar preso e represas foram construídas junto a barragens ao longo do Nilo. Essas transformações trouxeram a construção da represa de *Assua Alta*, responsável por criar o Lago Nasser, que é considerado um dos maiores lagos artificiais do mundo (Worster, 2008). E agora, a lama, essa que levava fertilização ao solo por tanto tempo, também ficou presa, junto à água, e um dos mais emblemáticos deltas do mundo, vem se transformando em memória.

A água, ao passar por esse processo contextual, sendo transformada de sangue vital da terra à *commodity*, passa também a ser vista pelos mais diversos atores, dotados de uma racionalidade científica tão apreciada pelo mundo ocidental, como um recurso a ser ordenado, utilizando de máquinas para aumentar correntezas em alguns pontos, desacelerar em outros, afetando a vida das margens que viviam em um outro ritmo.

Hoje o Nilo tem se desenhado a partir dessa crescente pressão populacional em suas margens, seu percurso tem sido margeado pelas paisagens urbanas, crescentes pressões

² Trecho autoral organizado em caderno de pesquisa a partir de leituras sobre o Nilo.

turísticas que, de longe...do espaço...são possíveis de se identificar; os seus contornos, as luzes que caminham junto ao corpo hídrico, a vida que se originou de um rio, agora, o modifica e o torna um outro rio.

Ao referir-se à historiadora Gercinair Silvério, Assad (2013) destaca a observação de que diversas cidades brasileiras se desenvolveram “de um ponto de vista da beira” (s.p). Essa visão sugere um olhar a partir das margens dos rios, indicando que o surgimento e a expansão urbana estão intimamente ligados à presença desses cursos d’água. As águas que ali afluíam foram essenciais para o crescimento da vida humana. No entanto, a autora aponta que, atualmente, muitas dessas cidades, embora tenham se originado em estreita conexão com os rios, “acabam virando-lhes as costas” (Assad, 2013, s.p).

De acordo com Leopold (1953), para aprender a lidar com água, existe a necessidade em parar de olhá-la apenas do ponto de vista econômico e aprender a lógica do rio, pois nosso olhar tem se tornado cru e insensível, distanciado da nossa casa, a terra. Assim como Couto (2011, 98) escreve: “Nós somos também este mundo...Quebrar as armadilhas do mundo é, antes de mais, quebrar as armadilhas em que se converteu o nosso próprio olhar”. E para que esse mundo dos rios seja percebido e olhado, as armadilhas que vivem em cada um de nós devem ser quebradas, assim, podemos voltar a caminhar junto aos rios.

Ao seguir por essas águas dos rios que correm pelo mundo, adentramos ao **Ganges**, que por sua vez, é profundamente entrelaçado com a vida espiritual e cotidiana do subcontinente indiano. Considerado sagrado por milhões de pessoas, o rio é o eixo central de práticas religiosas e festivais, além de ser uma fonte vital de irrigação e transporte para as populações que dependem dele. Assim o lemos a partir da poesia de Cecília Meireles...

Ganges
 Eis o Ganges que vem de longe servir aos homens.
 Eis o Ganges que se despede de suas montanhas,
 da neve, das florestas, do seu reino milenar.
 Eis o Ganges que caminha pelas vastas solidões,
 com suas transparentes vestimentas entreabertas,
 pisando a areia e a pedra.
 Seu claro corpo desliza entre céus e árvores,
 De mãos dadas com o vento,
 Pisando a noite e o dia.
 Eis o Ganges que sobe as escadas do céu.
 Que entrega a Deus a alma dos homens.
 Que torna a descer, no seu serviço eterno,
 Submisso, diligente e puro.
 (Meireles, 2001,s.p).

Assim como o Nilo, o rio Ganges se tornou um rio sagrado para o povo indiano, principalmente o associando às religiosidades, crenças e rituais que envolvem as suas águas. A

poeta Cecília Meireles citada acima, revela algumas das características desse rio que, em toda a sua materialidade existente como corpo hídrico, também demonstra sua completude como uma entidade simbólica.

O rio Ganges, reconhecido como o Rio da Índia, tem seu nascimento na cordilheira do Himalaia; de uma grande altura, um grande rio. Por ser um rio que banha o país mais populoso do mundo, reflete a humanidade e a vida daquelas pessoas, sua vivência, suas crenças religiosas, sua cultura que perpassa aquelas águas e chega a diversos lugares.

Um dos rituais mais significativos associados ao rio Ganges, realizado pela população indiana, é o mergulho em suas águas sagradas. Para eles, essas águas, embora lodosas, são consideradas um purificador poderoso, capaz de limpar profundamente o corpo e a alma. O Ganges não apenas purifica os vivos, mas também desempenha um papel central na passagem espiritual dos mortos.

Muitas famílias realizam a cerimônia de imersão das cinzas de seus entes queridos no rio, acreditando que isso ajuda a alcançar a purificação espiritual e a libertação da alma, um passo essencial para o ciclo de renascimento e iluminação (Corrêa, 2018). Além disso, as margens do Ganges são o palco de festivais religiosos e práticas devocionais que reforçam a ligação espiritual entre o rio e as comunidades que dele dependem, tornando-o um símbolo vivo de fé e renovação.

Para Andrade (2010), a religião Hindu, exerce uma relação direta com a geografia do lugar. De forma nítida é possível perceber que os aspectos geográficos estão inseridos diretamente ao desenvolvimento da religiosidade do país:

A religiosidade Hindu e seus complexos rituais foram desenhados segundo metáforas das relações entre montanhas e planícies, picos nevados e beiras dos rios. Os picos de montanhas são considerados moradia dos deuses, os rios são considerados sagrados, pois descem diretamente das montanhas (das divindades) e oferecem a água: o sustento básico da vida (Andrade, 2010, p. 46).

Esse conjunto de crenças e o vínculo entre o povo e a religião revelam uma conexão profunda não apenas com montanhas, rios e planícies, mas também com elementos como rochas e água, que são percebidos como objetos naturais sagrados. A água, por exemplo, simboliza tanto a peregrinação quanto o crescimento da vegetação, enquanto a rocha representa a estabilidade. Esses elementos são essenciais para compreender como os indivíduos veem, através da religião, símbolos que espelham sua própria relação com a natureza.

Essa relação que se costura nas trocas entre os aspectos geográficos e a religião nos ajuda a entender como, para os Hindus, se desenvolvem suas relações ativas com os elementos da natureza, e, nesse caso, o rio Ganges. Pois assim como Couto (2011, p. 73) nos diz “Entre a

paisagem e a humanidade criaram-se laços de parentesco”, as paisagens que circundam, que contemplam os elementos da natureza, se formam como elementos fundamentais da existência humana.

A água sendo o elixir humano nos atravessa por entre muitas formas. O rio Ganges para além do rio, é um testemunho vivo, que se alimenta dessas vidas que mergulham e fazem de suas águas o responsável por realizar milagres, curas, reforçarem suas renovações espirituais. O que nos sugere, ainda mais, entender o rio para além de suas características físicas, químicas, mas por sua inteireza que contempla água líquida, sombras, espírito, faunas, margens e tudo aquilo que pode ser tocado.

Por fim, **o Rio Amazonas** também resguarda um outro mundo, que muito se assemelha aos rios já citados, assim como dito por Krenak:

É fascinante pensar que o grande rio que dá nome à Bacia Amazônica nasce de um fiozinho de água lá nas cordilheiras dos Andes para formar aquele mundo aquático (Krenak, 2022, p. 15).

Após iniciar mergulhando nas águas do rio Nilo, na sua grandiosidade histórica, os seus caminhos, nas suas profundidades... saímos e continuamos nosso mergulho nas águas simbólicas do rio Ganges, que na Índia flui com as correntezas de cura e rituais religiosos. Voltamos agora o nosso olhar para um grandioso rio que realiza seu caminho fluindo em território brasileiro.

Quando o Amazonas nasce, ele ainda nem é chamado de Amazonas. Nas cordilheiras geladas, onde a neve parece nunca derreter, a água que dá origem a esse mundo-rio surge como um fio de esperança. Ele recebe muitos nomes, quando ainda está há mais de 5 mil metros acima do nível do mar, ao nascer entre os montes, é chamado de Mismi e Kcahuich; ao Sul da cidade de Cuzco, é chamado de Apurimac; depois torna-se: Uicaiali, Urubamba, Marañón, até adentrar ao Brasil com o nome Solimões.

Já (per)correndo o chão brasileiro, suas águas encontram com as águas do rio Negro, e ali formam o então chamado Amazonas. Esse caminho que citamos aqui, não é desconhecido, escutamos falar sobre esse rio, aprendemos sobre ele em todos os lugares, crescendo ouvindo e olhando suas imagens que parecem veias cheias por entre o verde estonteante da floresta amazônica. Mas aqui um rio não é somente um curso de água que enche um leito, um rio aqui pode se apresentar de diferentes formas e o Amazonas, em sua imensidão, nasce, caminha e deságua no mar também pelo imaginário e voz daqueles que vivem no lugar.

A Amazônia já não é mais a região misteriosa de antigamente, um exótico celeiro de lendas. Não é a Manoa do lago Dourado, nem o país das Amazonas. Também já não se trata apenas do Paraíso, com a bem-aventurança da luz na poderosa quietude da selva. Nem do inferno, rubro do fogo das febres, de serpentes e peçonhas. A magia já

se aconchega na mão da ciência. A ciência se enche de olhos para descobrir o sortilégio da esmeralda escondida (Mello, 2002, p.85).

O poeta Thiago Mello, foi um grande expoente do rio Amazonas em suas obras poéticas. Não eram simples descrições, eram um mergulho pela vida daquele que nasceu virado para essas águas. Em suas obras o rio é tão marcante que chega a ser indissociável do escritor.

Esse rio é um guardião para tantas populações que ali vivem, e o sentido aqui é o de viver diariamente e dependente dessas águas. Ele se torna estrada, trajeto, é o meio de se atravessar, para outras margens, outros lugares, outras pessoas, de encher através das vazantes o ecossistema tão conectado às suas águas. Com as palavras de Mello (2002) fica mais compreensível ver que a necessidade de conexão com o lugar está para além do material, pois também é mítico, poético, aquilo que outros chamam de “irracional”. Em um trecho ao relatar o convívio da população ribeirinha:

Seres que conhecem e amam a convivência solidária. Vivem numa sábia integração com a natureza, cujos rigores e virtudes condicionam sua maneira de viver. Tão harmonioso é o seu convívio com a natureza, que parece confundir-se com ela (Mello, 2002, p. 78).

Esses saberes e convivências que chegam a confundir-se com o rio e a floresta são ressaltados também nos escritos de Felipe Silva (2018), ao falar do sabor, estética e poesia, dos povos ribeirinhos da Amazônia. É entre essas paragens no caminho, são entres as águas do rio e a imensidão da floresta, que a vida ribeirinha ganha contorno existencial, um sentido.

Para essas comunidades, as águas são as vias que conduzem a todos os outros destinos possíveis e os barcos e canoas são considerados extensões naturais do próprio corpo, utilizados para navegar por essas rotas aquáticas. Dardel (2011) sugere que o verdadeiro geógrafo é aquele que se compromete com a compreensão da Terra em sua totalidade. Nesse contexto, poderíamos considerar os povos ribeirinhos do rio Amazonas como geógrafos, já que eles possuem um conhecimento profundo e íntimo do ambiente aquático em que vivem e dependem para sobreviver.

As casas flutuantes e as palafitas são um dos maiores símbolos dessa relação ser humano/água, elas se apresentam voltadas para o rio, nunca o negando, sempre estabelecendo uma relação de respeito às suas enchentes, suas secas, seus movimentos. Quando as águas sobem e as cheias correm rio adentro, o chão da casa e a água se transformam em uma coisa só, e a janela das casas se abrem para o mundo; para eles a casa é o rio e o rio é casa.

Imergir nesse mundo das águas é nadar rumo ao desconhecido, lavar a mente e se deixar banhar, desprender de algumas concepções e se aprofundar nas aprendizagens dos

povos do rio, pois para eles as coisas ganham vida. O inanimado se torna animado, o pensar/sentir são uma coisa só.

O poeta Thiago de Mello, em uma visita aos seus amigos indígenas Maués, descreve um ritual em que o guaraná é preparado em uma cuia e passado de mão em mão para que cada pessoa tome um gole. Ao tomar o seu, o poeta se levantou logo após, mas essa saída não foi vista com bons olhos, na perspectiva da comunidade foi recebido como um ato desagradável, que os fizeram dizer logo em seguida: "Você não pode sair do lugar antes de tomar o guaraná uma segunda vez. O guaraná não gosta, ele se zanga" (Mello, 2002, p. 35).

Nessa vida que se desenrola entre o que nos parece inanimado, para eles é onde tudo ganha sentido; é onde a vida realmente existe. Aquilo que para nós pode ser apenas uma simples bebida, para outros pode ser quase como um ser divino, que possui sentimentos e "se zanga" se não for respeitado. Ao olhar para esses fatos através de outros olhos, como os das águas, nos enchemos de conhecimentos que transbordam das pessoas e nos complementam, permitindo que esses conhecimentos fluam pela escrita. Assim, outras pessoas podem ler, se inspirar e se conectar, como diz Mello (2002, p. 25);

Ser capaz, como um rio
que leva sozinho
a canoa que se cansa
de servir de caminho
para a esperança.

E de lavar do límpido
a mágoa da mancha,
como o rio que leva, e lava.
Crescer para entregar
na distância calada
um poder de canção,
como o rio que decifra
o segredo do chão.

Se tempo é de descer,
reter o dom da força
sem deixar de seguir.
E até mesmo sumir
para subterrâneo,
aprender a voltar
e cumprir, no seu curso,
o ofício de amar
Como o rio, aceitar
essas súbitas ondas
feitas de águas impuras
que afloram a escondida
verdade das fonduras.

Como um rio, que nasce
de outros, saber seguir
junto com outros sendo
e noutros se prolongando

e construir o encontro
com as águas grandes
do oceano sem fim.

Mudar em movimento,
mas sem deixar de ser
o mesmo ser que muda.
Como um rio.

A imagem de "seguir junto com outros sendo" evoca a importância das conexões humanas e da comunidade em nossa existência. Somos moldados e enriquecidos pelas relações que construímos, pelas histórias que compartilhamos e pelos laços que formamos com as pessoas ao nosso redor. Com esse entendimento sobre os grandes rios, logo nos aventuraremos pelo rio Jaguaribe. Antes, porém, faremos uma parada para explorar alguns trabalhos significativos que nos ajudarão a compreender como diversos rios ao redor do Brasil têm sido abordados pela Geografia Humanista.

2.3 A trajetória dos rios na Geografia Humanista

Se aprofundar na trajetória dos trabalhos sobre rios na geografia humanista tem como propósito a busca de uma aproximação das abordagens e experiências que moldaram tais estudos, o que promove o aprimoramento de nossa própria pesquisa, contribuindo com novas perspectivas que emergem da convivência e do diálogo com as práticas anteriores. Essa conexão permitida pelos textos abre novas possibilidades para interpretar e interagir com a realidade, promovendo outras reflexões sobre o habitar do ser humano no ambiente de sua convivência. Assim, nossa investigação não apenas se alimenta do passado, mas também se projeta para um futuro mais sensível.

É nesse contexto que se insere a pesquisa das geógrafas Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti e Lurdes Bertol Rocha, que, em 2017, fizeram um levantamento de alguns trabalhos de abordagem humanista-cultural em que a relação das pessoas com os rios brasileiros teve destaque. Elas levantaram, entre os trabalhos existentes, teses e dissertações produzidas entre 1990 e 2012, totalizando nove estudos. A proposta desse levantamento coloca em relevo como esses cursos d'água influenciam a vivência e o mundo íntimo das comunidades ao seu redor. Dessa forma, a conexão entre as águas e a experiência humana se torna evidente, refletindo a riqueza das relações que se estabelecem entre os rios e as pessoas.

O artigo apresentou uma análise dos caminhos teóricos e filosóficos que orientaram cada um dos trabalhos, abordando as experiências empíricas de cada autora em relação ao lugar escolhido. Após a escolha e leitura das obras selecionadas, constatou-se que os principais

fundamentos teóricos utilizados se baseiam nas questões de percepção e na filosofia fenomenológica. Esses aportes tornam-se especialmente relevantes quando o lugar é vivenciado diretamente por quem o habita e lhe atribui significados a partir de sua própria realidade geográfica.

Optar por traçar o caminho dos rios através da Geografia Humanista nos permite ampliar a imagem que temos desses corpos d'água. Esse percurso, que conecta diferentes textos e perspectivas, oferece um novo fôlego ao nosso trabalho com o rio Jaguaribe. Ao olhá-lo através dessas múltiplas imagens, encontramos uma abordagem enriquecedora, que tem sido essencial para nossa análise. A partir disso, encontramos, aliado a esses outros textos, novos caminhos para contemplar o nosso texto, e o lugar de onde falamos.

A ciência geográfica ainda carece desse olhar mais atento às águas e suas relações com as vivências humanas, o que dificulta a busca por bibliografias mais amplas nesse campo, inclusive a partir do levantamento feito pelas professoras Chiapetti e Rocha, o diminuto número de estudos que adotem uma abordagem humanista e cultural sobre os rios ainda é significativa. A partir do que encontramos nesse caminho, escolhemos aprofundar em 3 dos trabalhos mencionados no artigo (números 1, 2 e 3) e incluímos outros dois trabalhos mais recentes (números 3 e 4) que são caminhos possíveis para auxiliar a nossa pesquisa (Quadro 1)

Quadro 1 - Trabalhos escolhidos...

OS RIOS NA GEOGRAFIA HUMANISTA			
AUTORES	NÍVEL	TÍTULO	RIO
1. Lúcia Helena Batista Gratão	Doutorado	A poética d' "O RIO" – ARAGUAIA! De cheias e Vazantes (À) luz da Imaginação	Rio Araguaia
2. Janaína De Alencar Mota E Silva Marandola	Mestrado	Caminhos de morte e vida: o geográfico e o telúrico no rio severino de João Cabral de melo neto	Rio Capibaribe
3. Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti	Doutorado	Na beleza do lugar, o rio das contas indo... Ao mar.	Rio das contas
4. Alice De Bessa Silva	Mestrado	Opará vivem em Francisco, rosa e maria: imersões na paisagem-rio de barrancos em ameaça	Rio são Francisco
5. Diana Alexandre Bernal Arias	Doutorado	Río sensible: topologia de la tierra-vida	Rio Cauca

Fonte: Elaborado pela autora.

Iniciamos este subcapítulo com o instigante trabalho de pesquisa da geógrafa Lúcia Helena Batista Gratão, intitulado *A poética d'O Rio Araguaia! De cheias e vazantes (À) luz da imaginação*, defendido em 2002. Assim como destacado pelas autoras em seus artigos, reafirmamos a relevância e a completude dessa obra para os estudos sobre rios na geografia humanista brasileira. O trabalho de Gratão (2002) se consolidou nas veredas da Geografia Humanista como um marco e uma abertura para pesquisas que adotavam uma perspectiva mais humana e poética, então emergentes na ciência. Para nós, suas palavras ainda reverberam até os dias de hoje.

O trabalho sobre o rio Araguaia marca um atravessamento importante nas pesquisas sobre os rios na Geografia. Herdeira de uma tradição majoritariamente voltada à Geografia física, a autora se posiciona de forma distinta ao apresentar o rio a partir da poética e da imaginação do filósofo francês Gaston Bachelard. Sua escrita caminha devagar, com contemplação e paciência, um exercício muitas vezes contrário ao ritmo exigido em outras abordagens.

Essa perspectiva filosófica permite que as cheias e as vazantes do rio sejam compreendidas como aberturas para a imaginação de quem escreve e também de quem lê. Uma escrita telúrica revela um outro rio, que pulsa para além da medição de vazões ou do mapeamento de margens. Como ela própria destaca:

O meu imaginário brota dos trópicos. País tropical! Brasil! Planalto Central! Sertão! Cerrado! Berço das águas...Nasci em terras araguaianas de ipês amarelos, pequi, cocais, buriti... araras e tucanos...rios de duas estações...de cheias...e... vazantes. [...] meu prazer é ainda acompanhar “O Rio”, caminhar ao longo dos seus (per)cursos...no sentido da água que corre, correnteza que leva (à) vida – (À)luz da imaginação. (Gratão, 2002, p. 4).

Em nossa caminhada ao longo das pesquisas sobre os rios, esse trabalho nos encontrou como uma bonita reflexão sobre escrita fluvial, sobre descrições contemplativas, e principalmente por uma nova perspectiva geográfica sobre os corpos fluviais, sejam eles de extensões enormes como o Araguaia, seja em nosso caso, com o rio Jaguaribe em seu contexto cearense. A poética inserida em cada linha pensada, tecida com muitos campos e um acervo artísticos plural, faz desse trabalho um grande nome para quem busca se debruçar em uma geopoética da Terra, aquela; como lar das pessoas (Tuan 2012).

Destacamos aqui outro trabalho; o da geógrafa Janaína de Alencar Mota e Silva Marandola, que tem como título: *Caminhos de morte e de vida: o geográfico e o telúrico no rio Severino de João Cabral de Melo Neto*, defendido no ano de 2011. Esse trabalho tem um grande pano de fundo em que tece sua escrita: a literatura do poeta João Cabral de Melo Neto, que se desdobra em torno do rio, convertendo-o também em personagem. Não é apenas um recorte sobre o rio Capibaribe, mas o uso da literatura como forma de ampliar a imagem do rio. De maneira sutil, a geografia literária delineia um caminho a partir das obras, fazendo delas uma reinterpretação do espaço, do lugar, da paisagem e da existência humana. A literatura, por sua vez, consegue atravessar os chãos pedregosos pelos quais a ciência às vezes caminha, trazendo, ao passar por esses caminhos, uma narração experiencial que nos permite visualizar e sentir junto com a escrita e a obra (Cavalcante, 2019).

O que nos é apresentado por Marandola (2011) são as diferentes imagens dirigidas ao Capibaribe, rio que será protagonista não somente do seu trabalho, como também da obra cabralina, que a inspira. Esse rio é um importante recurso hídrico do estado de Pernambuco e percorre um longo percurso, anda em direções difíceis, atravessa semiárido, torna-se perene e após 240 km, chega ao mar, se encontra com o Oceano Atlântico (Chiapetti e Rocha, 2017).

O rio é concebido como "Severino", em constante movimento, escapando da seca e ansiando pelo oceano, uma metáfora que revela a jornada de sobrevivência de todos os severinos. Eles fogem da morte, buscando desesperadamente a vida. O então rio Capibaribe se transforma em ser vivo na obra do autor, que assim como o ser humano, padece quando entra em contato com algo que lhe angustia, com as intempéries causadas pela vida, pois como em um movimento, passa por alegrias e dores, por momentos de velocidades maiores e de outras mais lentas, por cheias e secas, continuamente caminhante, peregrinando ao seu destino, porém vivo, e assim como dito por Melo Neto (2007, p. 151) "O que vive é espesso / como um cão, um homem / como aquele rio".

Por meio dessas camadas de significados e da relação homem-rio, o trabalho de Marandola (2011) nos faz refletir sobre o rio tanto na poesia quanto em sua geografia poética. Ela realiza o que Almeida (2020) menciona sobre o texto literário: ao explorar as inúmeras possibilidades do texto artístico, o geógrafo é capaz de gerar uma nova obra a partir dele. Em nosso percurso pelo rio Jaguaribe, a literatura tem sido uma companheira constante e estudos como este nos ajudam a abrir caminhos para as literaturas que nascem às margens do Jaguaribe.

Partindo para o segundo trabalho dos selecionados, temos a pesquisa da professora Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti, que também escreveu uma tese sobre o rio. A tese, intitulada *Na beleza do lugar, o rio das Contas indo... ao mar*. Os contornos apresentados a quem lê sobre o rio das Contas oferecem uma visão significativa tanto do rio em seu aspecto natural quanto em seu mundo poético, permitindo que a transmutação entre esses dois universos ocorra ao longo do texto.

O rio das Contas é considerado um oásis no sertão baiano e nasce na Chapada Diamantina. É um rio histórico, semelhante a muitos dos grandes rios protagonistas do mundo, pois suas correntezas garantem às pessoas o sustento, sendo sempre estrada, travessia, caminho. Quase tudo se movia conforme as direções desse rio e pensar nele desta forma é carregar simbolicamente o que ele representa para a existência humana (Chiapetti, 2014). Para compreendê-lo como um todo integrado, a autora mergulha profundamente nas percepções das pessoas e em suas relações com o rio, permitindo também que, ao longo desse processo, as expressões artísticas revelem outras faces desse corpo hídrico.

Este rio também representa uma expressão da paisagem, estabelecendo uma conexão com as pessoas e se materializando no espaço. Como observa Chiapetti (2014, p. 114), "[...] os lugares são compostos por paisagens e, ao longo do tempo, por meio da dinâmica histórico-espacial, essas paisagens se modificam, transformando-se e adaptando-se". O que a autora nos convida a contemplar são paisagens que testemunharam a passagem do tempo: um

rio que, outrora, serpenteava durante os períodos de extração de ouro, testemunhou a presença indígena em suas margens e hoje reflete a paisagem moldada pela dinâmica da atividade turística, especialmente nas proximidades de sua foz. Essa perspectiva também nos remete ao rio Jaguaribe e às suas diferentes dinâmicas ao longo do tempo. Um rio que, outrora, foi margeado por povos indígenas, hoje, também principalmente em sua foz, foi transformado em um polo majoritariamente turístico, refletindo as mudanças histórico-espaciais que afetam suas dinâmicas.

Para aprofundarmos o estudo de outro rio nordestino, recorreremos à recente dissertação defendida, em 2023, por Alice de Bessa Silva. Intitulada *Opará vive em Francisco, Rosa e Maria: Imersões na paisagem-rio de barrancos em ameaça*, a pesquisa apresenta a relação entre o rio e a vida de personagens simbólicos, revelando as nuances de uma paisagem marcada por ameaças e transformações. Nesse sentido, ela descreve:

A água dessa bacia corre há muito dentro dos corpos dos seres humanos que vivem nela. Então, esse encontro é sentido antes que a paisagem do porto Beira Rio. Mas, essa paisagem é o que desaguou a mente nesse devanear enquanto corre no leito do rio Opará e no leito das memórias (Silva, 2023, p.23).

Neste trabalho, Silva (2023) delineia a escrita do rio, reescrevendo Opará através de diários de bordo. Essa abordagem transforma a narrativa dessa jornada com o rio em uma experiência mágica de revelação das trajetórias compartilhadas pela própria pesquisadora. A forma poética com que ela nos convida a imaginar essas experiências lembra um trecho de Mia Couto (2011, p. 106), onde ele afirma que “[...] o que o poeta faz é mais do que dar nomes às coisas. O que ele faz é converter as coisas em pura aparência”. E é exatamente isso que ela realiza.

Uma pesquisa que caminha junto aos rios envolve uma transformação de perspectivas onde, assim como as águas, há fluidez. As correntezas revelam o reflexo de nossas próprias ações, pois pensar como um rio é pensar em constante movimento. No Opará o que Silva (2023) nos mostra é o entrelaçamento de ideias e teorias que se formaram a partir da vivência e da experiência. Os povos ribeirinhos são partes fundantes dessa investigação, fluindo com a pesquisadora em sua convivência com o lugar, pois esses povos fazem da água o sustento da vida.

Essa geografia unificadora, descrita pela autora, surgiu em seus escritos a partir da pluralidade de metodologias que a acompanharam e dialogaram com sua vivência do fenômeno: das águas, das pessoas, de tudo o que estava sendo experienciado. Em cada uma dessas vivências reside a singularidade de estar na Terra.

O trabalho demonstra que muitas vezes a forma e a lógica racional não são suficientes para compreender a complexidade das relações humanas com a natureza. Como afirma a autora: "Perceber a relação entre os seres e a natureza das águas que eles vivem é um campo da imaterialidade que se relaciona com o sentido da existência" (Silva, 2023, p. 116). A relação com as águas transcende, em muitos casos, o que podemos compreender, e, a partir disso, outras dimensões, míticas, ritualísticas e religiosas se entrelaçam nesse processo existencial.

No processo de leitura do trabalho, cada descrição feita minuciosamente demonstra um cuidado em passar para aqueles que leem, a relação sincera das pessoas que foram entrevistadas. Entre cafés, peixes, conversas e o rio São Francisco, esse trabalho carrega um peso poético e científico, o que para nós, são duas mãos que devem andar entrelaçadas. Em nossa imersão no universo dos rios, o trabalho de Silva (2023) vai além de uma nova contribuição para a pesquisa geográfica humanista. Ele também ressalta a beleza da convivência e da experiência que só o trabalho de campo pode proporcionar. O campo, como um espaço de aprofundamento íntimo, revela que é apenas através do convívio que podemos encontrar lindas narrativas e bonitos encontros pessoais.

Para concluir a análise dos trabalhos selecionados, somos conduzidos ao olhar sensível para um rio. A tese de Diana Alexandra Bernal Arias, defendida em 2022, desperta em nós um sentimento profundo sobre o rio e nossa própria existência. Intitulada ***Río Sensible: Topología de la Tierra-Vida***, a pesquisa nos desafia, provoca e reflete sobre a sensibilidade dos seres hídricos e seus caminhos em um mundo que tende à insensibilidade.

Muitas das nossas reflexões e ideias trazidas para esse texto percorrem um diálogo que tenta refletir, em sua maior parte, o sentimento poético relacionado aos rios. Em seu rio sensível, Bernal Arias (2022) nos questiona sobre o andamento da civilização em crise, em seu sentido cultural e ontológico. Como nesta civilização, podemos enxergar os rios que são, em suas palavras "um dos seres mais sensíveis que existem" (Arias, 2022, p. 19). Talvez esse seja o nosso desafio, o olhar poético requer um retorno ao que nos foi retirado, à visão integrada e unificada de todos nós e a natureza.

A pesquisa nos instiga a questionar o quanto perdemos a sensibilidade para com um ser tão sensível quanto o rio, destacando que a falta de compreensão de sua natureza o prejudica e conseqüentemente nós também. Como Krenak (2022, p. 38) afirma, "a vontade do capital é empobrecer a existência", o que nos faz refletir sobre a vida e a existência do rio. Se continuarmos a vê-lo apenas como um recurso, corremos o risco de perder essa relação vital.

O trabalho também nos convida a conhecer formas poéticas de habitar a terra ao longo dos caminhos do rio, revelando, através das comunidades ribeirinhas, as múltiplas geograficidades que emergem de sua relação hidropoética. O rio, assim, é apresentado como um espaço vivo, onde histórias e experiências humanas se entrelaçam em um fluxo contínuo de significados e emoções.

As águas dos rios carregam uma força inerente, criando uma energia ao longo de seu percurso. O fluxo dos rios, apesar de poderoso, também possui uma sensibilidade própria marcada pelo movimento constante que se assemelha a uma dança. Às vezes, esse fluxo se torna mais lento, e em outros momentos, mais acelerado, refletindo o ritmo natural do curso d'água. Trata-se de um movimento de encontros, onde a interação com as margens, pedras e correntes cria um compasso único. Esse fluxo, com seus momentos de calmaria e turbulência, é capturado e refletido neste escrito, representando a fluidez e a dinâmica do próprio rio.

Não há como escapar da busca por experiências sem nos encontrarmos com aqueles que vivenciam esse lugar, o rio. Nesses caminhos do sentir, o que Arias (2022) propõe se alinha ao que consideramos essencial para compreender o rio em sua totalidade, baseando-se em um olhar sensível que integra a experiência das pessoas, a dinâmica da natureza e a perspectiva hidropoética, formando uma junção de sentidos e sentimentos. Ela nos entrega a importância em habitar o rio, senti-lo a partir da convivência cotidiana.

Sentir o rio é o primeiro passo para compreendê-lo. O ato de recordar outros rios como forma de descobrir os caminhos do nosso próprio rio, reflete uma abordagem inicial de olhar para o exterior antes de nos voltarmos para dentro, desdobrando nossas ideias preconcebidas na busca por uma conexão mais profunda com nossas próprias trajetórias. Nessa perspectiva, enraizada na Geografia Humanista, nosso trabalho também busca encontrar seu lugar, onde as águas possam ecoar a voz da mesma terra que as sustenta.

2.4 O Rio Jaguaribe carrega geografias ainda não contadas pelo tempo

Poema Intemporal do Jaguaribe

O rio Jaguaribe traz canções
ainda não cantadas pelo tempo
(estórias ancestrais), traz emoções
tangidas em segredo pelo vento

O rio seco que hoje alguém supõe
tão sempre o mesmo rio tão sedento
não revela as colheitas temporãs
e, ri(s)os de água antiga em movimento
nem as maduras roças de amanhã

(a folha verde sobre o pó cinzento)

O rio que abrigou o sangue-outrora
dos ancestrais guerreiros (Pindorama)
não é o Jaguaribe que hoje chora
um tão minguado pranto que derrama
a custo a pouca água de onde aflora
um grito sertão-mar aceso em chama.
(Maia, 2012, p. 84)

Ao voltarmos nosso olhar para o rio Jaguaribe, começamos a nos perguntar se suas águas já haviam nutrido outros trabalhos em um sentido simbólico, se já haviam alcançado as mãos de outras pessoas que também buscavam conhecê-lo. A partir dessas questões, investigamos algumas obras na tentativa de aprofundar nosso entendimento sobre esse rio.

A releitura de textos que se assemelham ao nosso faz parte de um exercício comum aos pesquisadores. No processo de escolha dos textos que poderiam somar ao nosso trabalho, enfrentamos dificuldades em encontrar estudos sobre o Jaguaribe que o abordassem dentro de um contexto cultural-humanista. Essa busca revelou que, apesar de o rio ser o ponto de partida para muitos trabalhos, poucos aprofundam sua trajetória poética. Diante disso, propomos investigar essas lacunas para conhecer de perto o rio com textos que pudessem nos auxiliar nesse caminho.

Em outras abordagens da Geografia muitos trabalhos sobre o rio concentram-se principalmente em seus aspectos físicos: geomorfológicos, geoambientais, pedológicos, hidrológicos, entre outros. As partes físicas são fundamentais para a composição da natureza do rio, pois formam, como um quebra cabeça, parte essencial do quadro natural que é parte indissociável da poética que estamos propondo reler. Em outras áreas como a História e a Antropologia, encontramos trabalhos que trazem essa margem cultural e simbólica com mais afinco, dialogando de forma direta e nos auxiliando perante nossos textos.

Como escreveu o poeta Luciano Maia (2012, p. 84), “o rio traz canções ainda não cantadas pelo tempo”. É justamente dessas histórias ainda não cantadas que estamos em busca, visando preencher as lacunas que se abrem ao longo dessa trajetória com o rio. Para isso, selecionamos quatro trabalhos sobre o rio Jaguaribe, escolhidos com base em sua relevância e contribuição para somar ao nosso estudo. (Quadro 2)

Quadro 2 – Informações dos trabalhos sobre o Rio Jaguaribe.

Autor (a)	Título	Tese/Dissertação/Ano	Universidade/Programa
Anderson Camargo Rodrigues Brito	Rio Jaguaribe, das entradas aos açudes: a guerra como fundamento da formação territorial	Tese/2023	Universidade Federal de Pernambuco – Pós-Graduação em Geografia
KamilloKarol Ribeiro e Silva	Nos caminhos das águas, nas águas do Jaguaribe: memórias das enchentes em Jaguaruana-CE. (1960, 1974 e 1985)	Dissertação/2006	Universidade Federal do Ceará – Pós-Graduação em História
KamilloKarol Ribeiro e Silva	Um rio entre diversas temporalidades: o Jaguaribe a partir da construção do Açude Orós (1958- 1964)	Tese/2018	Universidade Federal do Ceará – Pós-Graduação em História
KarunaSindhu de Paula	Travessia por ‘Terceira Margem’ de um Rio: natureza e cultura no rio Jaguaribe-Ce (séculos XIX – XX)	Dissertação/2011	Universidade Federal de Pernambuco – Pós-Graduação em História

Fonte: Elaborado pela autora.

A tese de Anderson Camargo Rodrigues Brito, intitulada “*Rio Jaguaribe, das entradas aos açudes: a guerra como fundamento da formação territorial*”, defendida em 2023 na área da Geografia, explora como a formação territorial do Vale do Jaguaribe está profundamente ligada aos conflitos ocorridos ao longo de sua história.

O autor traça um percurso pelas terras jaguaribanas a partir de um contexto de guerra, sendo este, segundo ele, o principal fator que condicionou a expansão dessas terras e a recriação de territórios a partir dos conflitos. Por realizar uma vasta historiografia dos territórios jaguaribanos e dos primeiros povos que habitaram essas terras, o trabalho contribui para que possamos compreender como essa dinâmica do passado reflete no presente e nos contornos do rio. Além disso, a complexidade das dinâmicas que envolvem o rio ainda hoje está intimamente ligada a esses conflitos, cujas heranças continuam a influenciar os tensionamentos atuais. O trabalho de Brito (2023), assim, destaca essas interações, oferecendo uma visão mais ampla e contextualizada do espaço fluvial como encontro e, muitas vezes, motivo desses conflitos. Essa abordagem é relevante para nós, já que nosso próprio trabalho também é permeado por essas compreensões.

Deparamos-nos também com a dissertação de KamilloKarol Ribeiro e Silva, intitulada *Nos caminhos das águas, nas águas do Jaguaribe: memórias das enchentes em Jaguaruana-CE (1960, 1974 e 1985)*. O encontro com esse trabalho trouxe, de início, um tema que ainda não havíamos considerado: as cheias do rio. Na ânsia de conhecer as geografias poéticas que mergulham no Jaguaribe, esquecemos que dessas águas também nascem experiências lamentáveis, como a entrada da água nas ruas, nas casas e na vida das pessoas. Para nós, compreender os caminhos que essas águas percorreram durante as cheias, a partir da rica história oral elucidada nos escritos de Ribeiro e Silva (2006), foi como um lampejo luminoso em nossos próprios caminhos com as águas do Jaguaribe.

O rio Jaguaribe é comumente lembrado por suas histórias de secas e pelas consequências desse fenômeno para os povos ribeirinhos e sertanejos. No entanto, ao longo da história do rio, as cheias também ocorreram, tornando-se marcas pungentes nas memórias de muitas pessoas que vivem ou viveram próximas às suas margens. Essas enchentes demarcaram importantes fronteiras entre a seca severa e a cheia que inunda, fazendo com que o povo sempre recorde os movimentos do rio, ora seco, ora caudaloso.

Outro exemplo que gostaríamos de mencionar aqui é o complemento do trabalho lido acima, escrito pelo mesmo autor, falando do mesmo rio, e ainda assim trazendo partes tão pertinentes para a pesquisa sobre o rio. A tese de KamilloKarol Ribeiro e Silva, cujo título *Um rio entre diversas temporalidades: o Jaguaribe a partir da construção do açude Orós (1958 - 1964)*, foi também um passo importante para nossos escritos e pensamentos acerca das voltas e caminhos que o rio teve, passou, recriou.

Os açudes no estado do Ceará desempenham um papel crucial, especialmente considerando as questões climáticas que afetam a região. Essas construções existem há muito tempo no espaço cearense. No contexto do rio Jaguaribe, sua extensão e abrangência resultaram em várias partes de seu curso permanecendo por longos períodos de seca, o que levou à construção de diversos açudes. Entre os principais açudes do estado, destacam-se o Orós, além do mais recente açude Castanhão.

Na tese de Ribeiro e Silva (2018), a potencialidade das águas do rio Jaguaribe é mais uma vez destacada ao longo das diversas temporalidades. Primeiro, com as cheias e depois com a construção do açude Orós, somos levados a refletir novamente sobre os caminhos fluviais desse rio e seus movimentos — ora transbordando, ora secando. Esses desdobramentos dinâmicos influenciam profundamente as cidades, as pessoas e a vida que está em constante interação com o caminho do rio.

Por fim, o trabalho de KarunaSindhu de Paula, realizado em 2011, foi um trabalho de dissertação e teve por título: *Travessia por ‘Terceira Margem’ de um Rio: Natureza e Cultura no rio Jaguaribe-CE (Séculos XIX – XX)*. Essa pesquisa, que foi realizada há treze anos, ainda permite experienciar diferentes faces relacionadas à natureza e cultura do rio Jaguaribe. Por se tratar de um trabalho com bases históricas fortes, nos ajuda como uma referência historiográfica importante para delinear partes de nossa pesquisa.

A travessia que a autora propõe é tanto humana quanto vivencial, pois, ao iniciar sua escrita, ela nos convida a conhecer o rio através das histórias que encontrou ao longo de suas viagens. São histórias recolhidas de pessoas mais experientes, cujas vidas se entrelaçam profundamente com a do próprio rio. A terceira margem anunciada pela autora comporta outro mundo, uma margem invisível, reconhecida principalmente por aqueles que estão no lugar.

Nosso objetivo, por meio desses trabalhos, é recolher informações, falas, vivências que possam auxiliar o nosso estudo, enquanto buscamos compreender as dinâmicas do rio Jaguaribe e as demais experiências das pessoas junto ao rio. Os trabalhos selecionados apresentam diferentes faces do rio Jaguaribe, mas reconhecemos que há ainda uma vasta produção acadêmica sobre outros rios, tanto brasileiros como do exterior, que também adotam uma perspectiva humanista. Esses estudos, assim como o nosso, abordam as complexas interações entre o ambiente fluvial e as experiências humanas ao longo do tempo, oferecendo uma base importante para compreendermos melhor não somente as dinâmicas, mas também os sentidos e significados que rios, como o Jaguaribe, assumem em diferentes contextos.

3 UM RIO, UM INÍCIO: CONHECENDO O JAGUARIBE

Imagem4– Campo pelas águas do Jaguaribe – Fortim – CE.



Fonte: FIGUEIREDO, Debora R. C. Maio de 2024.

A terra, poder telúrico da pedra viva e da vida petrificada não está limitada à superfície visível das coisas. A superfície é somente a zona de aparição das forças ocultas; a subida à superfície do sagrado revela uma presença difusa, sempre pronta a se mostrar sem se libertar (Dardel, 2011, p. 52).

O rio Jaguaribe passeia pelas terras do Ceará. Superficialmente as águas revelam uma parte de sua natureza, a aparição, assim como dito por Dardel (2011), parte de um desvelar pelos caminhos que percorremos. Para que essa presença difusa seja desnudada, é necessário conhecer de perto.

Ao conhecer alguém, estamos abrindo um caminho de descobertas, onde diversas intenções se conectam. Queremos saber dos gostos, histórias, ouvir os problemas e as vitórias, e nos interessar pelo que essa troca pode nos oferecer. Da mesma forma, ao nos aprofundarmos no que o Jaguaribe tem a nos mostrar, é fundamental desenvolver interesse pelo que ele guarda

em sua essência - sua natureza, história, cultura e o que isso pode proporcionar às pessoas que o conhecem.

Assim como no conhecimento de uma pessoa, iniciamos pelo princípio de sua existência, suas origens, para compreender sua trajetória até o momento presente. Ao conhecer o Jaguaribe, é essencial começar **pela nascente**, o ponto onde tudo se inicia, e a partir daí seguir seu curso, descobrindo suas riquezas, desafios e belezas ao longo do caminho.

3.1 Nascer com(o) rio

“... e sabe a gente que nasce com o rio? Parece que jorra”³

O Jaguaribe atravessa o largo terreno cearense. Inserido dentro da natureza da caatinga, se faz um dos mais importantes rios da região. A nascente desse rio já foi, por muito tempo, um enigma fascinante para muitos pesquisadores, despertando muito interesse em diversas áreas. Até recentemente, não se sabia exatamente onde se iniciava esse curso d’água, e pela falta de uma localização exata, a serra da Joanelha, no município de Tauá, ficou sendo reconhecido como seu marco zero.

As nascentes são marcadores cruciais de um corpo hídrico, pois representam a integração direta entre o sistema ambiental e as questões hidrogeológicas e geomorfológicas das áreas superficiais e subterrâneas. Ocorrendo de maneira natural, as nascentes podem ser classificadas como perenes ou intermitentes, dependendo, em grande parte, dos regimes pluviométricos, que são um dos fatores mais importantes nesse contexto (Teodoro et al., 2007).

No Brasil, quando nos referimos a uma nascente, entendemos de forma conotativa como o início de um rio. Os rios, sejam perenes ou intermitentes, possuem características distintas. Segundo Guerra (1993), nos rios perenes é comum o acúmulo de água nas áreas de nascentes ou olhos d’água. Se esse acúmulo não ocorre, o rio não pode ser caracterizado como perene.

As nascentes dos rios intermitentes, ao contrário das perenes que mencionamos antes, são fiéis às chuvas, pois é esse período que marca sua existência e o volume de seus corpos d’água. A interação entre nascente e chuva é como uma dança a dois, onde um só existe com a presença do outro. Essa dança é natural, uma simbiose perfeita. Mas, quando um terceiro

³ A frase foi retirada de um post selecionado da rede social Instagram. Não tinha nenhuma identificação de autor, tendo sido colocado apenas como “autor desconhecido”.

elemento entra na dança - o ser humano - ora ele dança harmoniosamente, ora empurra e derruba as outras partes, transformando a natureza em algo bem diferente.

Uma coisa que podemos entender, a princípio, é que as nascentes dos rios, sendo perenes ou temporários, são fundamentais para toda uma microbiota que pertence àquele ambiente em específico, embora as nascentes sejam importantes para todo um sistema, boa parte delas não são mapeadas e por terem características de áreas pequenas, dependem frequentemente de observações de campo.

A nascente do rio Jaguaribe, situada na região dos Inhamuns, no município de Tauá, é amplamente respaldada por diversas instituições responsáveis pela informação sobre o rio, como o Instituto de Pesquisa e Estratégia do Ceará (IPECE) e a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). Por se localizar no coração do sertão cearense, o Jaguaribe, outrora conhecido como o maior rio seco do mundo, segue sua jornada. As barragens construídas ao longo de seu percurso transformaram seu leito principal em um rio perene, mas seus afluentes ainda vivem longos períodos de seca. A aridez que permeia seus caminhos faz com que sua origem se perca em algum misterioso lugar da região dos Inhamuns.

A princípio, essa curiosidade sobre a nascente se aguçou devido a importância do rio para o contexto da bacia hidrográfica na qual pertence o Jaguaribe. A compreensão sobre o que conhecemos acerca de uma bacia hidrográfica, perpassa diferentes esferas da natureza. Tomemos as palavras de Gratão (2002, p. 12) sobre o entendimento de uma bacia hidrográfica:

A Bacia hidrográfica (área drenada pelo rio) - território municipal e estadual, nacional e internacional - (onde os únicos limites são os divisores d'água) é uma manifestação [das relações sociais, do meio ambiente e da subjetividade humana]. E o rio representa o elemento e/ou substância e/ou o canal de confluência e de convergência dessas relações.

Para a autora, a área que o rio drena, perpassa, conflui não diz respeito apenas a uma localização geográfica, mas que ao passar por essa área, perpassa também a natureza do ambiente, banhando ao mais miudinho dos seres às pessoas e suas relações. O rio ao acolher as águas em um percurso, também acolhe as subjetividades e miudezas de cada porção espacial.

Nos entremeios dessas águas, o rio Jaguaribe se insere contextualmente dentro da perspectiva que Gratão (2002) entende, permitindo a partir desse olhar, ter um contato mais próximo do significado do rio Jaguaribe dentro do seu contexto de Bacia Hidrográfica. No nível dos conhecimentos técnicos que são necessários para a gestão ambiental dos recursos hídricos, alguns pesquisadores e professores se reuniram para fazer essa “delimitação” da nascente do rio Jaguaribe.

O artigo intitulado **“Expedição científica ao alto curso do Rio Jaguaribe (Ceará): Identificação da nascente do possível maior rio temporário do mundo” (Costa et al, 2020?)**, escrito por pesquisadores e professores do Ceará, serviu como uma base para entendermos os caminhos feitos para se entender a nascente desse rio.

Dentro do que compete os parâmetros para se delimitar uma nascente, existe um fator imprescindível para isso: identificar a calha mais extensa e mais larga. Pelo fato de muitos cursos fluviais apresentarem múltiplas nascentes, é necessária uma “expedição” na busca da calha principal (Costa, et al., 2020). Para que a nascente do curso principal do Jaguaribe fosse, de fato, encontrada, a equipe foi a campo com uso de geotecnologias, com precisão geodésica para saber o local mais aproximado desse início.

Encontrar a nascente desse rio, além de ser uma curiosidade antiga, que já se arrasta há um tempo, também tem necessidades práticas no que diz respeito a questões de gerência e projetos técnicos. Um exemplo notável é o projeto “Cílios do Jaguaribe”, liderado por alguns órgãos públicos do Ceará, a exemplo da Secretaria do Meio Ambiente (SEMA) em parceria com a Secretaria de Recursos Hídricos do Ceará (SRH), Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos (COGERH) e a Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF).

Este projeto surge com o objetivo principal de recuperar as matas ciliares nas áreas próximas à nascente do rio, bem como em trechos urbanizados ao longo do seu percurso. Para a recuperação das áreas de nascentes, foi reservada uma área de 6 hectares, enquanto, nas zonas urbanas, a recuperação abrangerá aproximadamente 20 hectares (Costa et al., 2020).

Historicamente o território de Tauá, especificamente nos encontros dos rios Trici e Carrapateiras, é apontado como o local mais provável da nascente do rio Jaguaribe. No entanto, essa afirmação foi questionada devido à presença de áreas mais elevadas nas proximidades, embora não exatamente no local tradicionalmente conhecido, que é mais reconhecido como um ponto turístico do município (Feitosa, 2015).

Esse lugar inicial do rio ficou tão comumente conhecido e aceito que é descrito em versos, como os do poeta cearense Luciano Maia(2012, p. 25):

(DAS FRONTEIRAS)

Trici é água
da joaninha.
Carrapateira
que se avizinha.

Terra fronteira
em que se aninha
raiz primeira
da ribeirinha.

Tauá: barreiro
dos Inhamuns.
Sertão primeiro
dos mais alguns.

nomes ancestrais
que a terra prova
parentes destros
da mão Feitosa.

Essas fronteiras fazem parte do questionamento sobre o real início, alguns baseiam essa a nascente do rio Trici, na chamada lagoa de Santiago, de onde vem a se tornar o rio Jaguaribe. Em outros, diferente do que a literatura oferece, também há relato de locais como: Santa Tereza, Livramento, São João e Grossos, localidades conhecidas por serem o sangradouro de um açude (Costa et al., 2020).

Para realizarem esse estudo, os pesquisadores seguiram rumo ao misterioso lugar que seria a nascente do rio. Tomaram como hipótese o rio Carrapateira por ter uma extensão maior, apresentando uma calha mais larga e se localizar num lugar mais alto em relação ao rio Trici. Por ser um rio típico do ambiente semiárido, foi também definido como parâmetro para a nascente, aquela que tivesse a maior “linha de fundo”, ou seja, o ponto mais distante da foz. Partindo desses princípios, seguiram viagem em campo.

A jornada para buscar respostas revelou-se incerta e cheia de questionamentos. Para seguir na direção da nascente do rio Jaguaribe, foi necessário empreender visitas ao município de Tauá, explorando diversos pontos na Serra da Joanelha, nos vales do rio Trici e Carrapateiras, bem como nas localidades de Riachos e Fazendas (Costa et al., 2020).

Após uma busca árdua e a coleta de dados através de geotecnologias e conversas informais, as perguntas sobre a origem do rio puderam finalmente ser respondidas. A dúvida que guiou a pesquisa era: de onde brota a água do rio mais conhecido do Ceará? Seria das terras do rio Trici ou das regiões do rio Carrapateiras na Serra da Pipoca?

Os materiais levantados esclareceram que Tauá não abriga o início do rio. O começo da busca se materializou no Morro da Lagoa Seca, na Serra das Pipocas, entre os limites municipais de Tauá, Pedra Branca e Independência. Foram levadas em consideração as maiores altitudes do rio, com o Carrapateiras começando a uma altitude de 700 metros e estendendo-se por cerca de 114 km, enquanto a região do Trici se inicia a 600 metros de altitude, com uma extensão de 86 km.

Ao concluir a pesquisa sobre a nascente, foi demonstrado que o reconhecimento da origem do rio Jaguaribe se encontra no chamado Riacho Carrapateiras. Além dessa revelação crucial, ainda houve a atualização do comprimento do rio a partir do marco zero, localizado na

confluência dos rios Trici e Carrapateiras, até a foz, totalizando 566 km. Adicionando a extensão do rio Carrapateiras até o marco zero, com mais 114 km, o Jaguaribe alcança então a majestosa extensão de 680 km (Costa et al., 2020).

Encontrar a origem de um rio, apesar de todas as atribuições técnicas inseridas nessa busca, nos diz muito sobre a importância dos **inícios e dos começos** tanto na dimensão mais tecnicista que é exigida pela esfera científica, como também na dimensão simbólica, do sentimento que reverbera em nós. Se para se tornar um grande rio, como o Jaguaribe o é, é necessário um início, e em seu caso, um fio d'água, isso diz muito sobre nosso nascimento junto a essa pesquisa sobre esse rio

Como fato importante para conhecer o Jaguaribe, partimos da origem de suas águas, a nascente. Sabendo agora onde o rio começa, o lugar que guarda seu nascimento, partimos adiante para conhecer mais sobre sua natureza física, o que compete, também, entender um pouco sobre sua bacia hidrográfica e demais saberes que essa natureza nos proporciona.

3.2 Por uma natureza jaguaribana

Por nascer e desaguar no mesmo estado, o rio Jaguaribe é eminentemente um rio cearense. Ele não é apenas um rio que tem uma natureza importante para as gerências hídricas do estado, não é apenas um rio que por atravessar boa parte do Ceará, há o dever em “decorar” seu nome, mas é um rio histórico para a existência, inclusive, do próprio território cearense e de seu povo.

Os rios exibem uma natureza particular que os distingue uns dos outros. Apesar das muitas semelhanças entre eles, os rios, suas bases telúricas, os sedimentos que os compõem e são carregados, o lugar onde nascem e deságuam, seus movimentos de idas e vindas, vazantes, cheias, cores, densidades e tantas outras coisas, os diferenciam uns dos outros.

Esses ambientes fluviais são partes fundantes de muitas civilizações, portanto a necessidade e curiosidade de compreender esses ambientes, fazem parte também de entender a evolução e a esculturação da paisagem que se insere (Cavalcante e Cunha, 2012). Os rios têm uma dinâmica muito própria, suas correntezas fluem em diferentes velocidades em períodos distintos, isso reserva constantes alterações em seus caminhos.

Os rios em ambientes semiáridos são de uma natureza diferente, pois suas dinâmicas são marcadas pela grande variação de movimento conforme o clima. Em curtos intervalos de tempo esses rios experimentam uma torrente de mudanças respondendo rapidamente aos eventos climáticos. O fluxo das águas, os volumes, as velocidades e demais

transformações são profundamente diferentes nos rios do semiárido, conferindo-lhes um caráter único e efêmero, onde cada enchente é uma dança breve e intensa da natureza (Cavalcante e Cunha, 2012). O Jaguaribe, no semiárido cearense, é um exemplo desse tipo de natureza, em que sua calha fluvial passa por variações de até 300 metros entre os períodos secos e chuvosos. Sobre os rios nesse contexto, Cavalcante e Cunha, 2012, p. 88) escrevem:

O regime hidrológico é, sem dúvida, um dos fatores mais importantes na qualidade ambiental de um rio e de seus ecossistemas associados. Variáveis como a magnitude das vazões mínimas, a magnitude das vazões máximas, o tempo de duração das estiagens, o tempo de ocorrência das cheias, a frequência das cheias, a época de ocorrência dos eventos de cheias e estiagens, entre outros, estão entre as mais importantes para a qualidade ambiental.

O trecho que destacamos reflete um pouco dessa complexidade que são as dinâmicas fluviais no contexto do semiárido enquanto fator predominante no fluir do rio. É importante destacar que, embora essas áreas sejam reconhecidas por seus longos períodos de estiagem, a temporada de cheia, apesar de menor, faz toda a diferença na manutenção dos rios. São a partir dessas condições que estamos falando do Jaguaribe.

Dentre as semelhanças que acompanham os rios, uma delas é fazer parte de uma bacia hidrográfica. Nas palavras de Guerra (1993), uma bacia hidrográfica existe a partir de uma área de terras drenadas, cujo rio principal e seus afluentes são marcados por linhas divisoras que demarcam seu entorno. Na perspectiva de Barbosa, Paula e Monte-Mór (1997), a bacia hidrográfica tem um sentido literal de “divisor de águas”, principalmente com a função de identificar uma área delimitada pelas águas e identificar questões da esfera ambiental daquele espaço.

Em outros textos, uma bacia hidrográfica é descrita como uma região claramente delimitada por unidades de relevo, como morros e montanhas, onde as nascentes fluem em direção aos cursos dos rios, formando um rio maior, o rio principal. Conforme mencionado por Cavalcante e Cunha (2012), às bacias hidrográficas têm se tornado importantes ambientes devido às suas características naturais, sendo utilizadas como unidades espaciais para o gerenciamento de recursos hídricos e a conservação da natureza na área.

O relevo tem se destacado como um dos principais elementos ao se discutir bacias hidrográficas. As formas que os relevos assumem influenciam diretamente no direcionamento dos rios. Ao mesmo tempo, esses rios, ao percorrerem os relevos, também atuam como modeladores da paisagem, esculpindo o terreno por onde passam. Segundo Brasil (1973, p. 15):

Junto aos relevos das serras e dos pés-de-serras favorecidos pelas precipitações mais elevadas e melhor distribuídas, os cursos d'água têm a sua drenagem assegurada durante quase todo o ano. Contrariando, pelos relevos aplainados do sertão, os rios secam no fim da estação chuvosa.

A bacia hidrográfica do Jaguaribe compreende uma área grande do sertão, a vasta depressão que ocupa partes mais aplainadas tem uma característica de relevos *glacis*, e em seu caminho ainda é bordejado por alguns relevos de altitudes de até 800 metros. Grande parte dos caminhos que os afluentes e o próprio rio principal atravessam, abarcam esse terreno. Os rios têm uma grande capacidade de carregar sedimentos com as suas correntezas, as várzeas que acompanham essas águas se tornam importantes lugares para o desenvolvimento dos terraços aluviais, relevos comuns nas faixas de várzeas do rio Jaguaribe, por exemplo. Esses sedimentos que fazem parte desse terraço são datados principalmente do período holoceno, pertencendo ao quaternário (BRASIL, 1973).

Na realidade do rio Jaguaribe, sua bacia hidrográfica compete um tamanho espacial de em média 75.669 km², uma extensão que a faz limitar a outros estados vizinhos, a exemplo do Piauí, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Por compor uma área expressiva no território cearense, a bacia hidrográfica é subdividida em 5 Sub-bacias; (Alto, Médio e Baixo Jaguaribe, Banabuiú e Salgado), sendo os dois últimos os maiores afluentes do rio. Cada uma dessas sub-bacias formam uma área de drenagem importante para o rio principal. Por estar localizada no Ceará, a natureza do estado reflete suas características nos caminhos desta grande rede de águas.

Como temos enfatizado, falar do rio é evocar a natureza da qual ele faz parte, abrangendo diversos aspectos geográficos que o delinea. Falar desse rio é trazer à tona a memória do Ceará, assim como suas características naturais e humanas. De acordo com Brasil (1973), o estado do Ceará se localiza entre os meridianos de 37° 14' 54'' de longitude, a oeste de Greenwich, e os paralelos de 2° 46' 20'' e 7° 52' 15'' de latitude Sul. Essa localização o faz pertencer à zona tropical do planeta, próximo a linha do equador. A zona climática tropical é reconhecida por grande recebimento de raios solares quanto mais próximo do Equador, mais raios, mais quente. O estado cearense por se situar nesse polígono, apresenta um clima quente e seco, com médias térmicas que variam entre 26° e 27° (Ab'Saber, 1974).

Além disso, o Estado do Ceará está inserido no chamado "Polígono das Secas", uma região definida pela legislação brasileira como sujeita a constantes crises de estiagem, gerando questões tanto ambientais quanto sociais. De acordo com a Lei n.º 7.827/1989, que criou o Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE), o Polígono das Secas é uma área que necessita de atenção especial, por sofrer de constantes períodos de escassez hídrica.

Como uma das consequências dessas condições, o solo do Ceará sofre rachaduras pela ausência de água. Quando a água finalmente toca a terra seca, sedimentos são arrastados pela corrente, causando erosão. Tooth (2000) nos apresenta o termo "rios de terras secas",

referindo-se a corpos d'água que fluem por terras áridas e semiáridas. O Jaguaribe, um rio que percorre a terra semiárida do Ceará, é um exemplo desses rios. Ele traz vida ao sertão, transformando a aridez em paisagens cheias de vitalidade.

Com esse contexto que faz parte da natureza do semiárido, conseguimos identificar vínculos existentes entre essa realidade e o sentimento do sertanejo em sua vivência. Essa característica molda uma relação única entre os sujeitos e a água, refletida em seu cotidiano e cultura. O sentimento especial das pessoas que vivem no sertão em relação à chuva se manifesta em diversas esferas, inclusive nas expressões artísticas como; música, literatura, pinturas e outras. Um exemplo é a música **"Chuva no Sertão", de Donaldo Santos**, que celebra essa conexão profunda com a água...

Depois que a chuva cai no meu sertão
Os pássaros cantam alegres
Que emoção
Agradecendo ao criador
Por trazer esta água abençoada
Brotando com toda força a invernada
As árvores agradecem
E presenteiam-nos com tua flor
Que vão brotar novos frutos com sabor
Alimentando a bicharada
Matando a fome no sertão
Fazendo brotar vida de montão
Chuva
Cai abençoada
Molha nossa terra arada
Faz essa semente
Brotar frutos para a vida
Faz a nossa gente mais feliz.
(Chuva no Sertão - Donaldo Santos)

O clima é um dos fatores que transformam o lugar, os seus desejos refletem nos balanços hídricos, desenhando um cenário onde os fatores climáticos desfavorecem certos setores regionais. No estado cearense, isso resulta na presença dos rios intermitentes, que vivem das chuvas sazonais, caindo em apenas alguns meses do ano. Dependendo da generosidade da quadra chuvosa, os rios podem manter a água em seus leitos por mais tempo, alimentando outros rios com suas correntes.

Em nossos caminhos pelas águas do Jaguaribe, o período chuvoso de 2024 — nos meses de março, abril, maio e junho — presenteou a região com chuvas abundantes. As águas provenientes especialmente de Itaiçaba, município próximo a Fortim, transbordaram em suas barragens levando um grande volume de água aos municípios da foz. A correnteza forte trouxe consigo a vegetação das margens, criando uma cena extraordinária, comum apenas quando as chuvas são intensas.

A natureza de um rio lhe confere também uma história, como um corpo marcado por ranhuras que narra seu próprio percurso. Os passos que o rio Jaguaribe traça ao longo de sua trajetória pelo extenso território cearense mantêm em suas águas e correntezas os rastros de todo o caminho percorrido. Para nós, esses passos são revelados por uma natureza abrangente, a partir dos elementos naturais que compõem seu ambiente particular. Como continuidade dessa narrativa, partimos agora para uma outra dimensão de sua história, explorando as histórias que se formaram ao longo de suas margens, com os movimentos de expansão e crescimento das cidades atravessadas pelo remanso do rio.

3.3 Um rio que percorre caminhos e histórias

sou menino de rio
 não de mar
 não sei pegar ondas
 não cabem nas mãos

no rio ninguém pega nada
 e tudo cabe
 quando se vê
 já passou (Furtado, 2023, p. 61).

Entre os caminhos e histórias do rio Jaguaribe, também tem os caminhos e narrativas de uma pesquisadora que também é menina/mulher do rio. As palavras do poeta Mailson Furtado, (2023) nos instigam a pensar sempre em como os rios que nos atravessam ficam marcados permanentes em nossas memórias, tudo é capaz de caber e ainda assim, tudo é capaz de passar. Pensar sobre esses rios que nos atravessam é, acima de tudo, pensar sobre a impermanência e ao mesmo tempo o resgate memorialístico de nossas (com)vivências.

Com a nossa vivência, o rio Jaguaribe também se torna parte fundamental e permanente de nossa vida. Como colocado por Davim (2020, p. 7) “[...] a pesquisa nasce da própria situação, ou seja, é o tema que muitas vezes escolhe o investigador”. Em nosso caso, a vida nos tencionou a essa pesquisa, fazendo dela também íntima, parte de nossa existência.

A experiência se revela um elemento essencial para o humanismo, pois as vozes surgem da vivência concreta e das realidades tangíveis. É fundamental criar um vínculo que conecte o concreto ao subjetivo, o texto à objetividade, estabelecendo uma relação profunda com o lugar e com os elementos que o compõem. Nessa trajetória, tivemos a oportunidade de percorrer alguns trechos da foz, conforme ilustra a imagem a seguir (Imagem 5). A partir dessa vivência e das leituras realizadas, exploraremos a historicidade jaguaribana, com ênfase no papel da foz e seu impacto no município de Aracati.

Imagem 5 – Em direção a foz do rio Jaguaribe – Encontro do rio e o mar



Fonte: FIGUEIREDO, Debora R. C. Março de 2024

“Os que aspiram às lembranças se aproximam dos que trazem uma quantidade importante delas” (Onfray, 2009, p. 28). A princípio, para nos aproximar dos estudos históricos de Aracati, uma das cidades situadas na foz do rio Jaguaribe, retornamos a alguns escritos que lembranças vinculadas à expansão dessa cidade, como do próprio Ceará, voltada ao rio, e como dito por Onfray (2009), quando mais se aspirar a essas lembranças, maiores as proximidades com aqueles que escrevem-vivem o lugar.

O Nordeste brasileiro tem uma história e geografia muito marcante para a expansão do território brasileiro. Como espaço, foi marcado pela presença de grandes mudanças nos setores econômicos, sociais e políticos do Brasil Colônia (Girão, 1995). Dois setores marcaram fortemente a presença dessas mudanças, a área vinculada à cultura de cana (litoral) para a

fabricação do açúcar, e a área interiorana da região que foi demarcada pelo gado que logo mais deu lugar a charqueadas.

Os setores vinculados à cana de açúcar, foram uma proposta importante para a ideia de uma integração do Brasil. Ideias essas que eram alimentadas pela ótica colonial, uma vez que os objetivos da colônia era servir ao mercado de Portugal. O Brasil, pela sua localização, era reconhecido por seus gêneros tropicais de fácil comercialização no mercado do chamado “velho mundo”.

O interior do Nordeste e a sua exploração como recurso, principalmente as vinculadas ao semiárido, só foram procuradas quando a resistência do solo foi sendo revelada e superada. Isso acontece em um contexto em que o ser humano revestido de interesse pela exploração de novas áreas, consegue “vencer” a aridez. O gado, nesse sentido, foi um importante marcador desses caminhos, seguindo uma trilha de ribeiras, conseguiu sua instalação por entre o recôncavo baiano e o São Francisco (Girão, 2001).

Devido ao contexto de semiaridez da região do Ceará, essa área não era considerada uma das mais atraentes na época da colônia. As terras que hoje pertencem ao Ceará foram concedidas em meados de 1535 a Antônio Cardoso, considerado por muitos o primeiro donatário da capitania que na época era chamada de "Siara Grande". No entanto, o donatário não demonstrou interesse em assumir a posse dessas terras, uma vez que elas não se alinhavam com os objetivos expansionistas e exploratórios da Coroa Portuguesa (Pinheiro, 2000).

A capitania do "Siara Grande", como ficou conhecida, não estava entre as mais cobiçadas pelos colonos até aproximadamente 1603. Foi nesse ano que Pero Coelho de Souza, que já possuía o título de capitão-mor concedido pela Coroa, fez a primeira tentativa de ocupar a região. As primeiras sesmarias no território que hoje é o Ceará só começaram a ser estabelecidas entre 1678 e 1682, em um momento em que a economia portuguesa deixou de ser exclusivamente centrada na cana-de-açúcar (Pinheiro, 2000). Com essa mudança econômica, o interesse pelo interior aumentou, e a expansão territorial passou a ocorrer a partir das outras capitanias, conhecidas como "capitanias do norte"

A ocupação no sertão aconteceu de forma primária relacionada ao gado que foi trazido de outros lugares, capitanias vizinhas, como por exemplo as do estado de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. De acordo com Brito (2023), as expansões para essas áreas foram feitas a partir de avanços e também recuos, devido a constantes conflitos entre donatários e povos indígenas. As primeiras sesmarias do Ceará, de 1678 e 1682, estavam principalmente em duas áreas de entradas do território, as chamadas: entrada das boiadas e a estrada geral do Jaguaribe, pontos fundamentais para a expansão da economia (Girão, 2001; Brito, 2023).

Dado esses pontos nas proximidades dos rios, as fazendas cresciam em número e também na produção de bovinos. Pelo baixo poder aquisitivo da população circunvizinha, a carne produzida excedia as necessidades do mercado local. Essa produção excedida não era interessante para a economia, mesmo o uso do couro sendo um importante produto de interesse econômico.

Esses problemas foram temporariamente resolvidos pela comercialização de gado nas feiras pernambucanas. Esse circuito começou em Olinda, expandindo-se em seguida para Igarassu e Goiana, e posteriormente para o Recôncavo Baiano (Girão, 2001). Os rebanhos mais próximos do litoral eram os mais prejudicados pela distância em relação às feiras e pela estrutura superior que algumas capitanias ofereciam.

Alguns fazendeiros da zona litorânea, como solução, começaram a transportar seu gado abatido já no formato de carne-seca salgada. Esse processo, que teve início no século XVIII, levou o Ceará a se beneficiar amplamente dessa produção, dando origem às chamadas “oficinas, charqueadas ou feitorias” (Girão, 2001, p. 37). Essas oficinas foram instaladas inicialmente nas áreas estuarinas dos rios Jaguaribe, Acaraú e Coreaú, e gradualmente se expandiram para outras regiões, como o Parnaíba, no Piauí, e Açu e Mossoró, no Rio Grande do Norte.

Braga (1947) destaca as condições favoráveis do litoral para o desenvolvimento dessa nova indústria emergente. Além da abundante matéria-prima disponível na época, a região se beneficiava de condições climáticas ideais, como ventos ininterruptos e baixa umidade do ar, que garantiam uma secagem eficaz e a durabilidade dos produtos. Foi graças a essas charqueadas que o Ceará viveu seus anos dourados, com o crescimento econômico impulsionado por essa indústria animal.

Nesse período, sertão e litoral firmaram laços administrativos importantes, tornando-se significativas essas duas zonas. Aracati nesse contexto, torna-se privilegiada no sentido de ser contemplada pelas duas zonas, se tornando o lugar de maior influência nos processos sociais, históricos e econômicos do Ceará. As oficinas responsáveis pela produção de carne seca foram um dos pontos primordiais para que o comércio se intensificasse. O professor Francisco Alves de Andrade, citado por Girão (1995, p. 37) nos afirma:

O litoral e os sertões se seguem em linhas paralelas da agroindústria rural (...) em três aspectos ou tônicas, equiparam-se um e outro domínio: a) as charqueadas marcam o encontro do homem da marinha com os homens do sertão; b) contribuem com o primeiro impulso monetário para desenvolver as fazendas de gado com divisas de sua própria indústria; c) abrem caminhos às importações.

Essas narrativas refletem uma mudança significativa na trajetória das boiadas, que antes se dirigiam às feiras pernambucanas e agora seguem em direção às zonas fluviais, acompanhando as margens dos rios locais. O rio Jaguaribe, com sua foz, desempenhou um papel central nas transformações da região, sendo o principal responsável pela mudança de direção econômica. Sua abertura para o mar não apenas moldou a paisagem, mas também transformou a área em um ponto estratégico de comércio, facilitando a entrada e saída de mercadorias. Foi através de suas águas que o novo dinamismo comercial se espalhou, impulsionando o desenvolvimento dos municípios que fazem parte desse território.

Segundo Jucá Neto (2007), a formação do território que compõe os domínios do rio Jaguaribe foi vista por muitos como uma colonização tardia, devido ao limitado interesse econômico na região. No entanto, a pecuária destacou-se como a principal atividade econômica que incentivou a expansão para o interior. A criação de gado e suas subcategorias, como a venda de couro, fortaleceram a economia local, contribuindo significativamente para o desenvolvimento da região, que anteriormente era mais centrada na atividade econômica do litoral.

As mediações relacionadas ao vale do Jaguaribe, nesse contexto, evidenciam que a criação de gado foi o principal motor da expansão territorial, conferindo destaque à província, que se consolidou como a principal fornecedora de animais de trabalho para as regiões produtoras de açúcar e de carne seca, conhecida como charque. Por muito tempo denominada “carne do Ceará”, a produção de charque sofreu uma significativa redução devido às prolongadas secas que assolaram a região na segunda metade do século XVIII (Andrade, 1994).

As secas que se intensificaram durante esse período, especialmente entre os anos de 1777 e 1779, e novamente entre 1790 e 1793, marcaram profundamente a história cearense. Esse período não só testemunhou uma drástica redução no rebanho bovino, como também provocou uma significativa queda na produção de charque, que até então era uma das mais importantes da região. A combinação do impacto climático com a crescente concorrência do charque produzido no território gaúcho resultou em grandes perdas para as oficinas cearenses, outrora tão expressivas (Brito, 2023).

No vale do Jaguaribe, ao longo dos séculos XIX e XX, o Ceará estabeleceu um novo espaço de produção de algodão, o que trouxe profundas transformações ao território, (re)configurando paisagens e criando novos contextos. Ao analisar essas mudanças nas áreas ao redor do rio, observa-se que a expansão baseada no monocultivo alterou drasticamente a dinâmica local e deu origem a novos comportamentos. No contexto do vale do Jaguaribe, essa

transformação intensificou conflitos com os povos originários, que foram integrados à expansão capitalista como força de trabalho produtiva (Brito, 2023).

O controle das populações indígenas sempre foi uma estratégia empregada pelos colonos e proprietários de terras, marcada desde o início pela perda de tradições, torturas, perseguições e mortes. No contexto que abordamos, muitas vilas foram exploradas pelo trabalho indígena para garantir o abastecimento alimentar. No entanto, com as transformações trazidas pela nova monocultura do algodão, essa força de trabalho se tornou o motor que impulsionou a economia algodoeira, porém, a custo de trabalhos controlados e escravizados das populações tradicionais (Brito, 2023).

As áreas ao longo das margens dos rios foram palco de significativas transformações, com os rios desempenhando um papel crucial na formação do território dos sertões, responsável por integrar de maneira decisiva ao sistema-mundo. A Expansão através dessas águas colaborou para novas mobilidades. Em se tratando da realidade que compreende o rio Jaguaribe, muitos fluxos migratórios seguiram muitos trechos de seu percurso. A mobilidade da população em direção ao sul do Estado se intensificou no início do século XX, especialmente nas proximidades do Jaguaribe, que abrigava grande parte dessas populações. Esse período foi marcado tanto pelo fenômeno das secas quanto pelas romarias a Juazeiro do Norte, o que resultou em um significativo fluxo migratório para a região do Cariri, no sul do Ceará.

No baixo Jaguaribe, havia uma comarca que abrangia as localidades de Aracati e Russas, delimitando-se ao médio curso do rio. As águas do Jaguaribe desempenhavam um papel importante na agricultura, que era particularmente intensa na região de Russas. A extração da cera de carnaúba se tornou uma atividade expressiva na região, aproveitando as condições favoráveis de cultivo no vale do Jaguaribe. O antigo território de Russas foi atualmente dividido em outros municípios, como Limoeiro do Norte, Jaguaruana e Tabuleiro do Norte, fazendo parte dos municípios que compreendem a região do baixo Jaguaribe.

Em meados do século XIX, a vila de Aracati já se destacava como um importante centro de comércio de exportação e importação. Entre os anos de 1859 e 1861, a vila recebeu a visita da Comissão Científica do Império que realizava estudos em diversas áreas, como biologia, historiografia e etnografia. A comissão percorreu várias localidades, iniciando seu trajeto em Fortaleza e seguindo até Aracati. De lá, adentraram ainda mais o interior, acompanhando as águas do rio Jaguaribe até chegar ao Crato. Embora a expedição tivesse como objetivo principal o conhecimento científico do território, as intenções da coroa incluíam a exploração de novos locais para a extração de metais preciosos (Brito, 2023).

A comissão fazia parte de uma colaboração ao então imperador Pedro II, em uma tentativa em fazer o Brasil produzir conhecimentos para adentrar também as efervescências das ciências naturais crescentes nesse período. Muitos naturalistas e pesquisadores eram responsáveis por levantar dados referentes aos recursos naturais desconhecidos no território brasileiro. Entre um desses pesquisadores, estava Francisco Freire Alemão, médico e botânico que passou boa parte de sua vida descrevendo suas viagens, catalogando espécies, escrevendo um diário de viagem que até hoje proporciona o conhecimento de muitos hábitos e dinâmicas de alguns lugares.

As secas que ocorreram ao longo do século XVIII tiveram repercussões significativas, e muitos documentos da Comissão Científica do Império registraram os impactos desse fenômeno nos circuitos econômicos da época. A gradual transição da economia baseada na produção de charque para o cultivo de algodão também foi mencionada. Nos escritos de Freire Alemão (2006), Aracati é retratada como um ponto central do comércio na região, uma posição atribuída principalmente à sua localização às margens do rio Jaguaribe. Ele destaca que as parcerias comerciais de Aracati com cidades como Icó, Crato e Quixeramobim seguiam o curso do rio, fortalecendo o papel estratégico da vila no comércio regional.

Durante o período marcado pela expedição científica e pelas descrições de Alemão (2006), algumas informações se revelaram bastante esclarecedoras. Por exemplo, ao final do século XIX, as cidades de Aracati e Fortaleza possuíam populações quase equivalentes. No entanto, Fortaleza já começava a se destacar como um centro econômico, especialmente com a crescente importância da produção de algodão, o que a tornava um polo central em comparação às cidades vizinhas.

Outra observação relevante é que ambas as cidades enfrentavam naquele período, desafios relacionados à água. Fortaleza lidava com problemas de abastecimento e inundações causadas pelo riacho Pajeú, enquanto Aracati sofria com as cheias do rio Jaguaribe, assim descritas por Alemão (2006, p. 68):

Em roda da cidade há grande número de palhoças, mas não arruadas. Nas Grandes cheias do Jaguaribe, como uma de [18]39 e [outra] de [18]42, toda a cidade fica embaixo d'água, há casas que ficam com água pelas vergas das juntas e pelas ruas andam canoas e lanchas, e de circunstância mui forte. Nessas ocasiões quase toda a gente sai da cidade tirando seus móveis e os que têm sobrado os passam para cima, como fazem as vendas, armazéns e lojas, muitas casas se arruinam e o espetáculo deve ser medonho, porque toda a grande vargem fica submersa, formando um vasto lagamar, do meio do qual surgem as casas ou antes os sobrados e as igrejas. Esse Estado dura alguns dias, às vezes 15 ou mais.

Em períodos de chuvas mais intensas, o Jaguaribe pelo seu caráter intermitente, (antes das construções dos açudes), corria fortemente nesses intervalos de abundante água, e as

cidades que dormiam próximo às suas margens, acordavam muitas vezes com as cheias das águas. Esses acontecimentos serão lembrados no século seguinte como justificativa para construção de açudes e barragens.

A cidade de Aracati, um dos focos deste trabalho, foi uma área intensamente impactada pelas águas transbordantes do rio Jaguaribe. Durante grande parte do século XX, Aracati foi marcada pela chegada das águas, que deixaram profundas marcas simbólicas e se materializaram no espaço, compondo a história da cidade. A mesma água que traz vida também representou grandes desafios para essa pequena cidade. Abordaremos esses aspectos com mais profundidade a seguir.

3.4 Um Aracati transbordado no vai e vem das águas (século XX)

A **cidade de Aracati** foi uma das cidades que sofreu com constantes períodos de cheias devido às chuvas torrenciais que caíam no leito do Jaguaribe. Durante o século XIX e principalmente **as cheias** que passaram pelo século XX, foram marcadas por grandes impactos a estrutura da cidade e as pessoas, devido a expansão dessas cidades terem ocorridos nessas margens, as vazantes de rios corriam pelas ruas quando as chuvas vinham fortes.

As enchentes que transformaram muitas ruas em verdadeiros cursos d'água afetaram diversos municípios ao longo do baixo Jaguaribe durante o século XX. Decidimos focar nos transbordamentos ocorridos na cidade de Aracati, não apenas por sua localização estratégica na reta final do rio, o que intensifica os impactos dessas cheias, mas também por ser o cenário onde conduzimos nossas pesquisas. A seleção das principais enchentes do século XX foi guiada pela disponibilidade de registros, tanto em documentos escritos quanto em relatos orais, transmitidos por pessoas que compartilharam suas vivências.

Para aprofundar nossa compreensão sobre as cheias do rio Jaguaribe, iniciamos com um trecho do livro de Luciano Maia (2012, p. 53). O poeta dedica um poema à visão das águas durante as enchentes, antecipando as reflexões que entraremos adiante. Intitulado "Da Água Alta", o poema oferece uma perspectiva poética sobre esse fenômeno, revelando suas nuances e significados.

Vi parede de reboco
se ajoelhar no aguaceiro
roçado de milho alto
virar loca de piau.
Sete vacas amojadas
se afogarem no baixio.
No quintal de Joaquim Bento
se perca curimatã.

E a pedra virou água
e a água virou mundo.
(Maia, 2012, p. 53).

A força que as águas têm nos transbordamentos do Jaguaribe, foram as grandes marcas das transformações da paisagem e da memória do lugar. O poeta descreve cenas de devastação, como paredes de reboco que se desfazem, plantações de milho que se tornam habitat de peixes, e vacas que se afogam nas baixadas. O quintal de Joaquim Bento, antes seco, torna-se o lar de peixes como o curimatã, sugerindo que a enchente invadiu o espaço da casa. A transformação da "pedra em água" e da "água em mundo" simboliza a completa subversão da ordem natural, onde a solidez da terra e das construções cede lugar à dominância das águas.

Segundo Pereira Filho (2016), a cada nova enchente em Aracati, as autoridades buscavam soluções para mitigar os impactos. Ao longo do século XX, o rio Jaguaribe transbordou diversas vezes, com episódios marcantes entre 1917 e 1974. No entanto, a maior enchente registrada ocorreu em 1985, um evento amplamente documentado e lembrado por muitos através de relatos pessoais.

Sobre as cheias do século XX, existem diversos registros que documentam os impactos desses transbordamentos. **Em 1917**, alguns relatos escritos destacam os "benefícios" que Aracati teria obtido com essas águas, conforme descrito por Pereira Filho (2016, s.p.).

O registro sobre a cheia de 1917, dá a impressão que foi benéfica para o Aracati mesmo diante dos grandes prejuízos causados; “como uma rua inteira de casas desmoronadas”. Todavia, segundo os relatos: *“a força das águas da enchente melhorou a embocadura do rio, nossa barra, fazendo uma abertura funda e franca, onde dias antes não passava sequer uma barcaça. Formou-se assim uma nova barra, capaz de dar entrada franca a vapores libertando o Aracati de uma dificuldade que lhe embarçava o tráfego marítimo”*.

As águas que alimentam o rio Jaguaribe são poderosas, carregando sedimentos a ponto de abrir novos caminhos e causar rupturas. A força dessas águas, especialmente durante as cheias, era tal que as casas pareciam ínfimas perto de sua potência, que demonstrava seu impacto avassalador. Contudo, essas não foram as únicas enchentes; outras já haviam passado e novas ainda viriam, atravessando novamente esses lugares. Aracati, nesse contexto, permaneceu como um marco central dessas transformações, uma cidade moldada pela constante interação com as águas.

Sete anos após essa cheia marcante de 1917, houve um novo transbordamento, **em 1924**, aconteceu novamente o aumento das águas do Jaguaribe, considerada mais forte que a anterior. No dia 04 de março de 1924, o povo que se aventuravam nos últimos sons promovidos pela marcha carnavalesca, foi surpreendido por uma neblina no alto da

madrugada, aos poucos, a neblina fraca que os acompanhava a noite, se tornou logo uma chuva que deixou todos surpresos.

Até aquele momento, não havia preocupações em relação às enchentes. O coronel da cidade, Alexanzito Costa Lima, e sua esposa, dona Egisa Leite, aproveitaram os sons da marchinha e seguiram a pé, após a festa, por entre a chuva que caía logo após o baile (Pereira Filho, 2014). Naquele período, circulava pela cidade a notícia de que, nos meses de janeiro e fevereiro, as águas do Jaguaribe haviam subido a tal ponto que as famílias que moravam mais próximas ao rio precisaram se mudar para outras áreas.

No entanto, no fim do mês de março as águas foram baixando. Assim as famílias voltaram para as suas casas, e as conversas e notícias que circulavam pelas pessoas, diziam que as águas estavam baixando em todo o curso do rio, do sertão à foz. Entre as crenças sobre as cheias, havia uma superstição que dizia “somente quando o rio subia no beco do Antonio Roberto, conhecido como “Xibau”, a cidade podia se preparar para receber água do rio nas suas ruas e nas casas. Até então, isso não tinha acontecido, o que gerou um certo desdém da parte dos moradores

Sem esperar enchente, foi oferecido um “sarau dançante” no dia 28 de março daquele ano, homenageando um comerciante famoso da cidade, o senhor Mirtyl Meyer, que naquele momento era um visitante da cidade no então clube dos diários. E a vida seguia tranquila. O prefeito da cidade, Bruno Figueiredo, viajou para Recife em 10 de abril, dois dias antes da enchente de 1924. As águas invadiram a cidade de Aracati, tomando conta das ruas, das casas, das pessoas e das lembranças (Imagens 6 e 7).

Imagem 6 – Enchente do Rio Jaguaribe. Aracati – CE – 1924.



Fonte: Pereira Filho, 2014

Imagem 7 – Enchente do Rio Jaguaribe. Aracati – CE – 1924.



Fonte: Pereira Filho, 2016

Na cidade de Aracati o povo já tinha visto outras vezes as enchentes tomarem conta de suas ruas e casas. Na época, alguns telegrafistas já haviam avisado das dinâmicas nas cabeceiras do Jaguaribe e a força de seus afluentes com as águas que corriam rumo à foz. Em

um relato escrito pelo Dr. Eduardo Alves Dias, no artigo de Pereira filho (2014, s.p) ele descreve o que presenciou:

...Saí de casa às 10 horas para fazer uma *délivrance* no Pátio D. Luís, tomei uma canoa numa ruazinha que fica por detrás da rua da parada, atualmente Santos Dumont, estive por lá cerca e meia no máximo. Ao regressar desembarquei na porta de casa, o rio ameaçando entrar. A tarde desse mesmo dia, já tínhamos dentro de casa "meio metro de água." No dia seguinte mais de "metro e meio." A nossa casa fica numa das ruas mais altas da cidade, a Rua do Comércio, atualmente Cel. Alexanzito. Mudei-me na véspera para o sobrado de Mamede Pontes, na esquina sul no Beco do João do Rego Falcão, atualmente Travessa Costa Barros. À noite saímos para o Jardim, o rio havia tomado conta da cidade. Foi, portanto, rápida a enchente. O volume d'agua assombrou o de outras cheias por mim assistidas: 1917, 1921, 1922 sem falar as menores. Em 1924 foram desmornadas 47 casas de alvenaria, muros de muita habitação e mais de 100 choupanas foram desmornadas...

As águas já haviam subido e baixado ao longo dos primeiros meses do ano, por isso o susto repentino da população. A velocidade com que as águas subiram foi marcante para os que presenciaram; da tarde para noite foi um terror, pois nos dois dias seguintes as águas já tinham adentrado a cidade, de imprevidência à um desastre, as várzeas todas cercadas por água, com os animais perdidos e os armazéns tomados (Pereira Filho, 2014).

Em um trecho do livro “Memórias de Antonio da Rocha Guimarães”, mencionado por Pereira Filho (2014, s.p.), o autor recorda sua experiência durante essa enchente:

Lembro bem da marchinha do carnaval; "Vamos pro mato morar Yayá..." Vão marchando que eu já vou". Lembro perfeitamente que estávamos dormindo quando acordamos de manhã, vi os penicos boiando como verdadeiros barquinhos de papel. Nossa casa ficava na Rua do Comércio nº 210, quando levantei assustado coloquei os pés dentro da água, pois o Rio Jaguaribe havia invadido nossa casa. Como dormíamos em rede, a água não nos atingiu.

Foi então que começou a correria para apanhar tudo que fosse possível para salvar da enchente. Nosso avô providenciou um barco e embarcamos para a fazenda que ficava na margem esquerda do Rio Jaguaribe no Porto José Alves.

Na cheia de 1924 muitas famílias eram embarcadas pelas varandas dos sobrados de tão alta estava a água dentro da cidade, e todos tinham que correr para salvar as próprias vidas antes que comessem os desmornamentos em consequência dos redemoinhos.

O difícil, além de sair da cidade inundada, era transpor a correnteza violenta causada por um rio de 500 metros de largura habitualmente, transformado numa largura de mais de 2.000 metros.

Para evitar a correnteza era preciso sair com o barco a vela pela parte mais oeste da cidade denominada "Cruz das Almas", onde havia um campo de futebol, para cruzar o rio na direção do Tomé e deixar o barco ser levado pela correnteza até o Porto José Alves onde ficava a fazenda.

O rio estava cheio de barreira a barreira sem enxergar a margem direita que havia se confundido com as ruas de Aracati e o casario submerso.

Antes que a cidade fosse limpa meu pai começou a trabalhar na sua loja retirando as peças de fazenda que ficaram molhadas pelas águas da cheia, mesmo as que ficaram em cima do balcão.

Essa cheia que veio como uma surpresa para os moradores da cidade se tornou uma grande marca nas paredes e memórias do povo aracatiense. Assim como relatado:

Não ficou uma casa limpa, todas receberam o batismo do lodo das águas barrentas do rio Jaguaribe. A rua do rosário foi a que mais sofreu. Caiu a torre da igreja do Rosário

do flanco direito. A fábrica de tecidos de Santa Tereza ficou com o maquinário todo enferrujado. Prejuízo enorme para toda a cidade notadamente o comércio (Pereira Filho 2016, s.p):

Após anos sem enchentes de grande expressividade, em 1974 uma nova onda fluvial do rio Jaguaribe trouxe novamente a força das águas. As cidades que já haviam sofrido com enchentes anteriores reviveram toda a experiência dessas cheias. A população, que ao longo dos anos já havia passado por outras situações similares, enfrentou novamente o impacto devastador da velocidade e intensidade com que as águas subiram durante essa nova cheia.

O inverno de 1974 foi considerado favorável, sem preocupações com a seca, pois as chuvas chegaram intensamente nos meses de março e abril. Cidades próximas à foz do rio, como Itaiçaba, Aracati e Jaguaruana, foram duramente afetadas pela cheia, com seus centros urbanos sofrendo constantemente devido à proximidade com o rio. Os jornais da época relataram esses meses como um período de "bom inverno", sinalizando aos agricultores a promessa de uma boa safra (Silva, 2006). Contudo, para as cidades ribeirinhas, esse bom inverno trouxe consigo os desafios das inundações.

À medida que a intensidade das chuvas aumentava, as reportagens que inicialmente celebravam o bom inverno começaram a refletir a crescente aflição e medo da população diante de seu maior temor: as enchentes. No dia 16 de março de 1974, o jornal *O Povo* estampou em sua manchete: "Itaiçaba: cidade em expectativa". Poucos dias depois, outra manchete alarmante surgiu: "Calamidade pública a qualquer momento para Jaguaruana, Itaiçaba e Aracati". A expectativa e o medo passaram a dominar o cenário, e as previsões sombrias começaram a se concretizar quando o inverno severo trouxe consigo as temidas inundações.

Os municípios localizados ao longo do baixo Jaguaribe eram frequentemente mencionados nos jornais devido às chuvas contínuas e suas consequências, como as cheias. No dia 3 de abril de 1974, foi noticiado o processo de evacuação da população de Aracati, implementado pelo governo estadual. Naquele momento, mais de 3 mil pessoas estavam em situação de (des)abrigo. Essa evacuação também evidenciou a resistência da população local, que relutava em deixar suas casas e abandonar muito mais do que apenas suas residências (Silva, 2006).

As matérias publicadas continuavam a destacar a situação de calamidade, como evidenciado por um artigo do jornal *O Povo* com a manchete "Aracati, cidade em agonia". Na edição de 22 de abril, o jornal também abordava outras perspectivas das águas, mencionando: "Elevam-se novamente as águas dos rios". A constante divulgação dessas notícias aumentava ainda mais a angústia de quem vivia aquela realidade. As condições enfrentadas pela população

refletiam um sentimento crescente de indiferença em relação às medidas adotadas pelo governo naqueles momentos críticos. Em 23 de abril, uma das reportagens mais tristes, publicada pelo *O Povo* (1974), relatava as ações do governo com um tom de desilusão e frustração;

“Aracati sem comida, água e luz”.

Para forçar a evacuação da cidade daqueles que, por quaisquer circunstâncias insistiram em permanecer na cidade que está tomada pelas águas do Rio Jaguaribe, o Governo do Estado decidiu cortar o fornecimento de água, luz e alimentos, além de bloquear os serviços de telefonia urbana, esgotando assim todos as condições de sobrevivência humana naquele local.

As cheias revelam mais do que os olhos podem captar à primeira vista, expondo uma relação complexa entre os fenômenos das enchentes, a cobertura da imprensa e as ações governamentais. Através das notícias veiculadas pelos jornais e das experiências daqueles que vivenciaram as enchentes, torna-se evidente a influência que a informação exerce sobre esses eventos. A cobertura sensacionalista frequentemente amplificava a sensação de calamidade, intensificando a percepção pública do desastre. Essa ampliação da crise muitas vezes pressionava os poderes públicos a adotar medidas mais extremas e drásticas em resposta à crescente urgência e ao clamor gerado pela mídia.

Apesar das águas terem se mostrado ao longo dos anos, em constantes movimentos, existe uma resiliência oculta nas passagens das cheias. Mesmo com o medo que a chegada das águas provoca, as pessoas mantêm a esperança de que elas não invadam suas casas sem antes pedir licença. Em nossa jornada de campo, tivemos a oportunidade de ouvir a história de Seu Neném, assim como em tantos outros relatos. Ele é um pescador de 66 anos que se autodenomina “filho da bonita canoa quebrada”. Vive há mais de 30 anos na cidade de Fortim e já presenciou muitos acontecimentos tanto em Aracati quanto em Fortim, onde atualmente mora com sua esposa.

Durante nossas conversas, enquanto navegávamos água adentro no Jaguaribe, conversamos sobre as cheias do rio. Quando perguntei sobre a cheia de 1974, ele compartilhou sua vivência de quando jovem, época em que precisou navegar de barco pela cidade de Aracati:

– **Debora** “Dizem que a cheia de 74 foi também grande, eu na verdade nem conhecia direito, o senhor foi de barco por lá, pela cidade?”

– **Seu neném** “Dentro da cidade de Aracati, eu andei de barco, fui amarrar um barco lá no INSS, no posto perto do INSS. Aqui entra, é bem distante, viu? Lá da beira do ri, pra dentro, lá pro INSS, dá na faixa de uns, rapaz, dá uns 400, 500 metros, uns 400 metros, viu? E eu amarrei o barco lá no posto do INSS, viu? E não foi conversa de me dizer, não, foi eu que andava no barco também, mas o pessoal que vi. Essa época eu tinha o que? Foi em 74, eu acho que eu tinha uns 16 anos, era 16 anos, né? Eu vou fazer 67, era uns 16 anos, né? Acho que era.

O papel da escuta torna-se crucial quando estamos diante de alguém que não apenas vivenciou uma experiência, mas também a narra colocando-se como personagem central dessa

história. O que está em jogo é a própria consciência histórica. Quando “seu neném” narra “*e não foi conversa de me dizer, não*”, *fui eu que andava no barco*”, automaticamente assume um status de testemunha da história contada e da memória desdobrada. A escuta, nesse contexto, não apenas permite que a experiência seja compartilhada, mas também reconhece a importância do narrador como portador de uma memória vivida e autenticamente conectada com o passado.

No decorrer das águas que íamos navegando, as palavras iam surgindo tais como os peixes que víamos pulando enquanto o barco cortava a água, naturalmente. A fala que surge é de quem vive o lugar, e dele traz a revelação daquilo que marca, como parte fundamental da história, da vida...

Seu neném - Nem tudo eu sei, mas muita coisa eu sei. Muita coisa eu sei, sei explicar, entendeu? Porque eu sou uma pessoa que tenho muito conhecimento das coisas. Toda a vida eu, desde pequeno, fomos criados com outro estilo, entendeu? Então a gente vem vendo, vem aprendendo muitas coisas com a convivência. Nós não aprendemos, não é com estudo. Eu sei ler, mas é coisa pouca, entendeu? Minha leitura é muito pouca, mas eu aprendi muito com a vida, muito com a convivência, muito com a natureza, muito com as coisas que a gente vai vendo, entendeu? A gente aproveitava tudo que a gente ia vendo, a gente ia aproveitando.

O conhecimento que vem do que a vida ensina é privilégio dos sortudos, dos viajantes e daqueles que se deixam tocar pela complexidade da existência. As cheias do rio foram as grandes responsáveis por marcar, de maneira indelével, as lembranças de muitas pessoas que viveram e ainda vivem às margens, ao redor, e em comunhão com o rio. Desde o início de nossas leituras, nos relatos e nas conversas que tivemos, as cheias surgiram como uma das menções mais frequentes. Elas não apenas invadiram a cidade, mas também penetraram nas profundezas da vida daqueles que jamais esquecerão essa experiência.

O relato ouvido, fruto de uma experiência rememorada, reflete o resgate de um acontecimento significativo, similar a outros vividos por aqueles que testemunharam a chegada das águas do Jaguaribe em sua trajetória, deixando marcas profundas em suas casas e em suas vidas. Silva (2006, p. 113) observa que as palavras “angústia, expectativa e possibilidades” predominam nas descrições das pessoas. Esses termos, carregados de significado, revelam a intensidade com que as cheias invadiram e deixaram uma cicatriz nas memórias daquelas pessoas. O vocabulário utilizado é exausto e expressa profundamente o impacto emocional e psicológico das enchentes, evidenciando como esses eventos moldam as experiências e as percepções das comunidades afetadas (Imagem 8).

Imagem 8 – Centro histórico de Aracati, cheia de 1974.



Fonte: Guimarães, 2015

As paredes também contavam quantas marcas as águas faziam em sua superfície, manchas escuras da umidade se formavam sempre que essa chegada acontecia. Quase doze anos após a última cheia enfrentada, as paredes retornaram a sentir o frescor daquelas águas, quase como se já se conhecessem de tantos enfrentamentos juntas, parede, águas, pessoas e histórias, tudo isso em um novo ano, 1985, se encontrando novamente.

As notícias nos jornais da época relataram que o vale do Jaguaribe estava novamente “embaixo d’água” (Rebouças e Correia, 2011). As cheias de 1985 surgiram como um lembrete de que o rio é tão vibrante quanto seus habitantes, passando por ciclos de cheias e vazantes que mostram sua força ao inundar as ruas. Esse ano marcou a terceira grande enchente do século XX que afetou o baixo Jaguaribe, impactando diretamente cidades como Russas, Itaíçaba, Jaguaruana e Aracati.

Em um dos trechos ressaltados sobre esse evento, Rebouças e Correia (2011, s.p), relatam da seguinte forma;

Algumas famílias, como a de Luzia Correia, 60 anos, na localidade de Motambas, distante 12 quilômetros do centro de Jaguaruana, jamais retiradas pela seca, tiveram que deixar as suas casas em 1960, 1974 e 1985 por conta das inundações. A casa do senhor Francisco Honorato, sogro de Luzia, a três quilômetros do centro, torna-se, em 1985, retiro para quantos precisavam. O grande pé de tamarindo, sombra para as conversas do proprietário com os vizinhos, ancorava as canoas transportadoras de retirantes. Este era o cenário da cheia de 1985.

Durante essas muitas cheias, as casas deixam de ser o então abrigo e torna-se parte do rio, sendo então as casas pertencentes das águas, as pessoas além de serem retirantes de suas casas, são órfãos durante aquele período, se encontrando, dessa forma, abandonadas em outras

casas. As cheias provocam esse sentido de perda do lar temporariamente, a ânsia de saber o que vai ser perdido e o que será salvo, com a constante temeridade da perda da própria vida.

As escritas de Pereira Filho (2016, s.p) demonstram algumas passagens do que foi dito pelas reportagens da época, como; “Aracati, onde a vida se desfaz e recomeça”, “A difícil volta à casa a população de Aracati”, “Rio Jaguaribe sobe e Aracati é abandonada” ... e muitas outras. A cheia que assolou as cidades situadas próximo à foz em 1985, se tornou um marco divisor na temporalidade dessa região, marcada como a maior inundação do século.

Em 1974, as águas que atingiram as cidades não ultrapassaram um metro de altura, o que já era significativo. No entanto, em 1985, o nível do rio subiu para 1 metro e 30 centímetros. Na cidade de Aracati, dos mais de 13 mil prédios existentes na época, apenas 11 não foram afetados (Pereira Filho, 2016). Alguns anos antes, em 1982, havia começado a construção de um dique ao longo das margens do rio para proteger a cidade das cheias. A obra, supervisionada pelo engenheiro Dr. Santana, estava prevista para ser concluída no início de 1982. No entanto, devido à “falta de recursos”, o dique não foi finalizado a tempo. Assim, a construção inacabada deixou a cidade vulnerável, e a grande enchente de 1985 ocorreu exatamente como temido.

Como todo começo de inverno, em 1985, o ano havia iniciado com uma previsão promissora. A região que compunha a Chapada de Apodi e as redondezas como a região de Lagoa Vermelha, Córrego de Machado e outros, estavam no começo de suas colheitas de algodão. Como já tinha acontecido outras vezes, o fluxo das águas estava seguindo o curso pluviométrico normal e com as capacidades dos açudes Orós e Banabuiú, que são responsáveis por alimentar o Jaguaribe, também conforme a normalidade.

As cidades de Russas e Limoeiro do Norte foram afetadas pelas enchentes deste ano, mas cidades como Jaguaruana, Itaiçaba e Aracati foram as que mais tiveram perdas, devido sua proximidade com o oceano, no ambiente de foz, as forças das águas se intensificam. Em uma reportagem feita pelo *O Povo* em 1985, os técnicos do DNOCS - Departamento Nacional de Obras Contra a Seca - averiguou que a vazão da água no dia 22 de abril das águas do Jaguaribe era de 4.813 m³/s, diferente do que foi marcado logo mais no dia 6 de maio, quando a marca da vazão subiu para 10.300 m³/s (Silva, 2006).

A força com que as águas chegaram em 1985, mostrando mais uma vez sua potência diante daquelas cidades e pessoas, foi o estopim para retornar ao que foi iniciado anos antes; o dique de Aracati. Quando chegou em outubro de 1985 e a obra reiniciou, uma crescente fagulha esperançosa de futuro se acendia naquele lugar, aquelas pessoas. A incrível capacidade das

águas traçar linhas líquidas diferentes nas pessoas faz dessa pesquisa sempre uma (re)descoberta.

O então Dique, construído para que as águas não chegassem mais às casas e às ruas, foi colocado a posto para seu teste quando em 1989, houve um aumento das águas, e o dique não conseguiu realizar sua função completamente. A construção foi festejada, mas logo em seguida foi lido como insuficiente. Em abril de 1989, mais uma vez o jornal estampa em uma de suas manchetes, que “apesar do dique construído pelo DNOS, a enchente do rio Jaguaribe já deixou desabrigados em Aracati...” (Pereira, Filho, 2016).

A fala do prefeito da época, Kleber Gondim, afirmou que a área inundada estava fora do espaço que o dique deveria proteger. O objetivo do Dique, de proteção da sede do município, estava sendo cumprida. No entanto, as áreas distritais que compõem o município ainda não eram contempladas pela proteção dessa construção, fazendo com que algumas partes de Aracati, ainda estivessem no caminho dessas águas elevadas.

Ao longo do século XX, o território cearense, especialmente os municípios do baixo Jaguaribe, incluindo a emblemática “cidade dos ventos”, Aracati, foi desafiado pela grandiosidade das águas do rio Jaguaribe. Esta cidade, que floresceu sob a forte influência desse curso fluvial, vivenciou a força das correntes que descem em direção ao mar. Cada cheia, com seu poder indomável, revela a resiliência de um povo que aprendeu a conviver com o ciclo das marés e das cheias, reconhecendo nas águas tanto o perigo quanto a promessa de mudança. Nesse processo incessante de idas e vindas, as águas tornaram-se parte essencial da história de Aracati, moldando não apenas suas paisagens, mas também a memória coletiva que a define.

Junto a Aracati, o município de Fortim, situado no litoral leste do Ceará, completa o cenário das cidades que guardam a foz do rio Jaguaribe. Embora nossa atenção tenha se voltado principalmente para Aracati, por sua história profundamente enraizada nas águas desse rio e sua importância na expansão do Ceará, Fortim também compõem essa narrativa fluvial. Assim, ambos os municípios compartilham o protagonismo das águas do Jaguaribe, que, ao transbordar e seguir seu curso em direção ao oceano, fortalece os vínculos entre as cidades e enriquece o patrimônio natural e histórico da região.

3.4.1 Fortim: a cidade que nasce dos transbordamentos das águas

Essa cidade é, ao mesmo tempo, nova e antiga. Ainda não abordamos profundamente o município de Fortim porque há pouquíssimos textos originais sobre ele; suas informações muitas vezes ficam camufladas pelo protagonismo de Aracati, sua vizinha. No

entanto, mesmo com sua emancipação recente, a cidade hoje conhecida como Fortim preserva importantes aspirações que permanecem latentes em sua paisagem, formas simbólicas que mantêm viva a história e impedem seu esquecimento.

A formação administrativa da cidade teve início há muitos anos. O distrito, inicialmente chamado de Canoé, foi criado em 1934 como uma unidade subordinada a Aracati. Alguns anos depois, a sede do distrito foi transferida para um local denominado Fortim, nome que substituiu o anterior. O distrito de Fortim permaneceu vinculado a Aracati até a década de 1990, quando conquistou sua separação oficial do município. Os decretos ao longo do tempo trouxeram diversas mudanças em seus limites, à medida que a cidade se expandia. A data oficial de sua elevação a município ocorreu em 27 de março de 1992, marcando o desmembramento e sua independência administrativa.

Ao obter a emancipação como município, a cidade incorporou distritos vizinhos, consolidando oficialmente, em 1995, seis distritos: Fortim, Barra, Campestre, Maceió e Viçosa. Com a emancipação, o município de Fortim adquiriu novos contornos, passando a ver no turismo um de seus principais investimentos. Por ter uma localização privilegiada, o encontro do rio Jaguaribe com o mar, traz a essa cidade novas dinâmicas atrativas dentro desse setor. Ao longo de nossas viagens em campo, entramos em contato com uma cidade entregue a essa dinâmica turística, não podíamos falar do rio Jaguaribe, sem notar que o rio se tornou uma fonte de renda turística para muitos barqueiros, barracas locais e comerciantes autônomos que vivem na cidade.

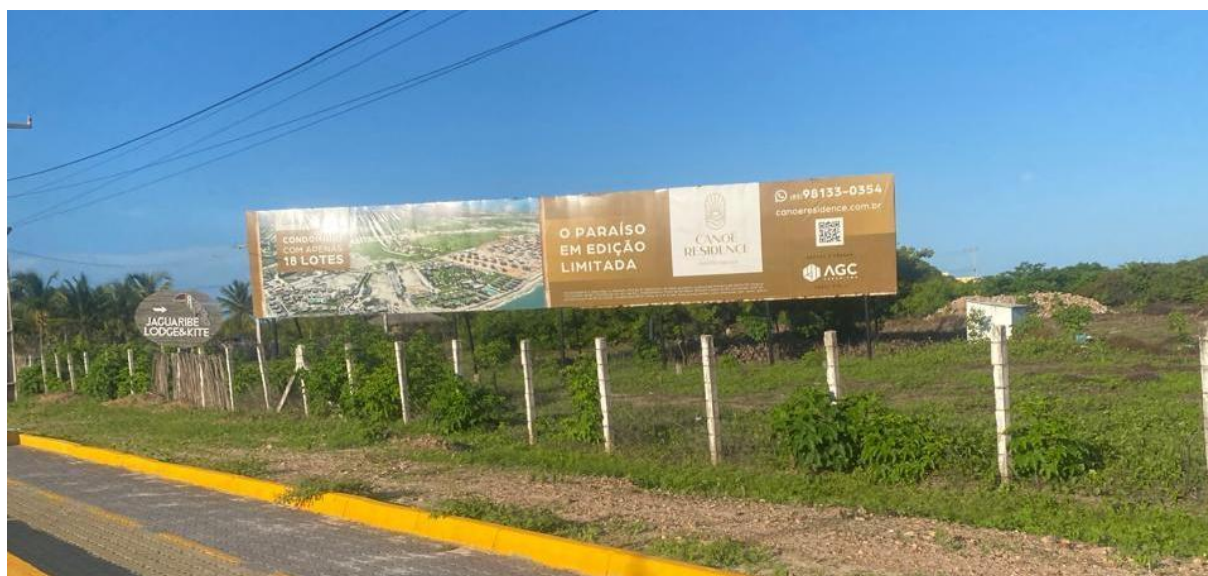
As paisagens urbanas revelam, através de seus contornos, a expansão de uma atividade que só tende a crescer. Ao longo das principais rodovias que cortam a cidade e conectam os distritos vizinhos, encontramos, ao longo do trajeto, espaços vazios preenchidos por placas que anunciam a chegada de novos empreendimentos, como as pousadas e condomínios que estão cada vez mais visíveis ao longo desse trajeto. A "venda" da paisagem e do local em desenvolvimento já faz parte do processo de crescimento das cidades turísticas litorâneas, impulsionado pela chegada cada vez mais expressiva de turistas a esses lugares. (Imagens 9 e 10).

Imagem 9 – Placa de novos empreendimentos previstos para a cidade de Fortim – CE.



Fonte: FIGUEIREDO, Débora, R, C. Março de 2024.

Imagem 10 – Placa de novos empreendimentos previstos para a cidade de Fortim – CE



Fonte: FIGUEIREDO, Débora, R, C. Março de 2024.

Nos últimos anos houve um crescente movimento para o litoral de Fortim, os distritos da Barra e Pontal do Maceió, são intimamente procurados devido ao seu encontro entre rio e mar. É impossível não passar pela cidade sem notar a influência turística marcantes nas ruas, no delineamento da cidade e também na fala das pessoas. A margem esquerda pertencente

ao município de Fortim tornou-se um grande palacete para mansões de grandes empresários e políticos, o contato com o rio, em certos momentos, é interrompido por essas grandes casas que têm acesso particular às águas e a paisagem.

O distrito da Barra é o cenário onde ocorre o belo encontro das águas, de onde partem barcos em direção tanto ao trecho a montante do rio quanto a jusante, em direção ao mar. As barracas e diversos barcos aguardam esperançosos a chegada dos visitantes, que vêm para experimentar as comidas locais e embarcar em um passeio pelo Jaguaribe. Em relatos feitos ao longo do trajeto, o responsável por nos guiar, comentou que o rio era o mantenedor de 50% da sobrevivência dos moradores locais, de onde vinha o principal sustento das famílias da região. É importante demonstrar que a atividade turística crescente no local, têm influenciado constantemente na economia do lugar.

Esse passeio de barco, que dura em média uma hora, é conduzido pelo comandante do catamarã, que apresenta as casas e os respectivos donos ao longo da margem esquerda do rio. Quem embarca nessa jornada tem uma visão privilegiada de certos pontos da margem, acessíveis apenas a partir das águas do rio. O passeio culmina em um mergulho refrescante nas águas do Jaguaribe, encerrando a experiência com um contato direto e revigorante com o rio. (Imagem 11).

Imagem 11 – Catamarã à espera... Boca da Barra – Fortim.



Fonte: FIGUEIREDO, Débora, R. C. Março de 2024

O rio Jaguaribe atravessa todos os planos da cidade, se movimenta e determina sobre a dinâmica deste município, sem ele, seria um território completamente diferente do que se revela atualmente. A seguir, abordaremos alguns elementos materiais que guardam uma rica narrativa simbólica, tornando essa cidade "nova" uma conexão vibrante entre rio e mar, e se consolidando como um dos principais destinos turísticos do Ceará.

Um dos grandes símbolos da cidade é a chamada “Pedra do Chapéu” (Imagem12 e 13), localizada à beira das águas do Jaguaribe. Essa formação de falésias é notável por ter abrigado o forte de São Lourenço, que é um de seus principais marcos históricos.

Imagem 12 – Pedra do Chapéu – Fortim– CE



Fonte: Revista “Da cadeirinha de arruar” link disponível:
<https://dacadeirinhadearruar.blogspot.com/2015/04/fortim.html>

Imagem 13– Vista aérea Pedra do Chapéu - Fortim-CE



Fonte: Revista “Da cadeirinha de arruar” link disponível:
<https://dacadeirinhadearruar.blogspot.com/2015/04/fortim.html>

A Pedra do Chapéu, assim chamada por seu prolongamento sobre a terra que lembra o formato de um chapéu, já foi residência de antigos senhores feudais e é um importante símbolo da dominação existente durante o período de expansão do estado. Após passar por diversos proprietários, a propriedade atualmente pertence à família Rolim, um grupo de empresários que comanda o grupo C. Rolim, vinculados ao comércio varejista no Ceará. Esse exemplo é apenas um dos aspectos que vivenciamos ao estar nessa cidade, a valorização do município e sua localização privilegiada, com rio, mar e belas paisagens, atraem cada vez mais grupos que buscam residir próximos às margens do Jaguaribe.

Em algumas histórias ouvidas em nossas andanças, conta-se uma lenda de que, sob essa pedra, habita o que chamam de “Mero”, um peixe do tamanho de uma baleia, que há muito assombra pescadores e viajantes desde o período colonial. Alguns relatos dizem que essa criatura já foi responsável por devorar embarcações inteiras que navegavam nas águas do Jaguaribe em noites muito escuras, quando o luar estava ausente.

Devido o local ser residência privada, não obtivemos acesso para conhecer a tal Pedra do Chapéu, mas de longe crianças resistentes pulavam da altura da pedra em direção ao rio Jaguaribe, uma cena muito comum aos fins de semana, quando o lazer toma conta da cidade e todos esperam por um momento para experienciar o rio.

Na cidade de Fortim também, encontra-se uma importante igreja, a Matriz de Nossa Senhora do Amparo, cuja construção carrega uma curiosidade histórica. No período em que Fortim ainda era chamada de Vila Canoé, a vila crescia ao longo das margens do rio Jaguaribe, e a igreja foi erguida com a fachada voltada para o rio. Com o crescimento da cidade, novas casas foram sendo construídas atrás da igreja, e contam os relatos que muitos devotos ficaram incomodados com a igreja "de costas" para a cidade, temendo um castigo divino. A solução encontrada para que os fiéis não perdessem suas bênçãos foi abrir uma entrada nos fundos da igreja, junto a uma pequena praça. Desde então, a maioria dos fiéis entra pela parte de trás da igreja. (Imagem 14 e 15).

Imagem 14– Parte traseira da igreja Nossa Senhora do Amparo - Fortim- CE.



Fonte: Revista “Da cadeirinha de arruar” link disponível:
<https://dacadeirinhadearruar.blogspot.com/2015/04/fortim.html>

Imagem 15 – Vista da frente da Igreja Matriz a partir do rio Jaguaribe



Fonte: Revista “Da cadeirinha de arruar” link disponível:
<https://dacadeirinhadearruar.blogspot.com/2015/04/fortim.html>

Além da igreja, da pedra do chapéu, há ainda um importante mirante na cidade que oferece uma bela vista do contorno do rio. O mirante da barra, como é chamado, fica bem próximo ao centro da cidade, a chegada a esse lugar já nos garante uma paisagem bonita das vegetações que são presentes em boa parte da margem do rio, ao subir alguns lances de escadas, somos tomados por uma visão de cima, com um vento que não deixa a nenhum custo os cabelos no lugar. O som dos ventos tocando as árvores e a brisa da água fazem parte da exuberância de estar posta nesse lugar. Não há como passar pela cidade e não parar para dar uma olhada e descansar a mente por alguns minutos (imagem 16)

Imagem 16 – Paisagem Jaguaribana - Mirante da Barra.



Fonte: FIGUEIREDO, Débora, R, C. Março de 2024

A cidade de Fortim dialoga constantemente com o rio Jaguaribe, que integra diretamente seu contorno. A paisagem fluvial logo se funde com a paisagem urbana, criando um elo essencial à convivência das pessoas. O rio, responsável por abrir caminhos para a cidade, deixa sua marca em nomes que circulam por Fortim, estampados em muros, fachadas, e até mesmo no hino, que reverencia esse importante corpo hídrico. A seguir, um trecho retirado do hino da cidade composto por Aldenízia Barbosa de Lima, disponível no site da prefeitura da cidade;

[...] Fortim do Forte São Lourenço
Fortim das águas do mar
Fortim da Pedra do Chapéu
teus encantos fascinam nosso olhar.

De tuas águas sai o sustento
pro teu povo humilde e vencedor
carregando as marcas do passado
que ajudam a te fortalecer [...]

[...] Nos manguezais, na praia, no rio
o vento assobia o teu hino
hino que canta a luta e a vitória
da tradição que faz história.

És criança na flor da idade
com brilho e garra no olhar
orgulho daqueles que batalharam
pra conseguir te emancipar [...].
(Hino da cidade de Fortim)

A cidade de Fortim, como dito na letra do hino, ainda é uma criança na flor da idade, o espírito jovial percorre suas ruas, um entrelaçamento entre um passado histórico e a esperança do novo. O sentimento emancipatório circula entre os moradores, a novidade do atual atravessa os espaços antigos, trazendo novas cores e (re)contando as histórias que moram naqueles lugares. O rio rememora o tradicional e abre a porta para a novidade, guardando nas águas a mais antiga história de pescador, como também os movimentos velozes das brincadeiras juvenis nas suas margens, um relance que nos retoma ao início, uma cidade nova e antiga em tradições, e o Jaguaribe, que é intemporal (Maia, 2012), correndo em sua bonita trajetória ao mar.

Outras paradas importantes que vivenciamos durante a experiência são localizadas ao longo das andanças de barco, proporcionando uma perspectiva singular das águas do Jaguaribe. Falaremos com maior profundidade sobre essas paradas ao retomarmos nossas descrições experienciais dos campos e os relatos realizados ao longo do rio Jaguaribe e seu entorno.

4 RIO JAGUARIBE DE FLUÊNCIA A GEOPOÉTICA

Podemos compreender que a geopoética não fala apenas de pedras, areias e flores, gelo, sol e ruínas, ela também fala dos reencontros do homem consigo mesmo. Nisso, ela é um humanismo geográfico (Levy, 2023, p. 153).

Imagem 17 – Entardecer com o rio



Fonte: FIGUEIREDO, Débora, R, C. 2025

Ao longo de nossa caminhada, a geopoética se entrelaçou como um ponto de encontro entre as águas do rio Jaguaribe e nós. A entrada que fazemos, inspiradas pelo chamado de Levy (2023), ecoa nossa experiência com o rio e suas múltiplas faces, faces que nos alcançaram como encontros, especialmente por meio da Arte. A geopoética, também entendida como o encontro do ser humano consigo mesmo, conforme afirma o autor, se revela em nossa vivência com as diversas expressões que encontramos sobre o rio Jaguaribe.

Diante das múltiplas narrativas do e com o rio Jaguaribe, não o escrevemos apenas como um percurso geográfico por onde suas águas correm, mas como um rio que, em seu curso,

conduz relações e assombrações, com as pessoas, os animais, as instituições... O Jaguaribe transborda para além de suas margens, expandindo-se a ponto de sua sangria banhar e irrigar outros textos e outras artes. É sobre esses transbordamentos que falaremos aqui, experiências que se desdobram a partir de encontros com lugares, músicas, literaturas, imagens...

As expressões artísticas que chegaram até nós, nasceram de nossas andanças e da curiosidade em conhecer o rio antes mesmo de nosso encontro pessoal com ele. No início de nossas pesquisas, muitas visitas à Biblioteca Pública do Ceará (BECE) marcaram este percurso; foram ali os primeiros contatos com a literatura que tratava sobre o rio Jaguaribe. Sentar naquelas cadeiras com um livro em mãos fazia o tempo transcorrer de maneira distinta, como meditação. Era um tempo que, de certa forma, se assemelhava ao vivido ao escrever próximo ao rio. Os tempos se entrecruzam talvez por uma percepção similar ou pela experiência de ler e estar no lugar, como se ambos os momentos compartilhassem uma mesma aparência temporal.

Dentre as obras e expressões artísticas que encontramos, escolhemos pelo menos um exemplo de arte vinculada ao rio Jaguaribe, como; na música, na imagem, na literatura. Em nossas buscas, descobrimos diversos autores, músicos e artistas que compartilharam suas vivências e relações com o rio. O Jaguaribe tem sido personagem, companheiro, paisagem e símbolo espiritual para inúmeros povos e indivíduos ao longo do tempo, inspirando múltiplas expressões artísticas. Para definir nossas escolhas, consideramos o rio como fio condutor de memórias, vivências e significados para aqueles que o retratam em suas obras. A partir dessas seleções, teceremos ao longo do texto nossas narrativas conjuntas.

Para facilitar a visualização, elaboramos um quadro (*Quadro 3*) com as escolhas feitas a partir do material encontrado e escolhido. A geopoética a partir das artes apresentadas a seguir representam o vínculo que construímos com o rio e são manifestadas nessas expressões. Alguns dos autores dessas obras estiveram em contato conosco, compartilhando suas experiências e participando de nossa pesquisa.

Quadro 3 – Expressões artísticas sobre o Jaguaribe

Estilo	Nome da obra	Autor(a)
Música	Na margem do Jaguaribe	Tribo de Jah
	Rio Jaguaribe	Sávio Leão
Literatura	A rainha do Ignoto	Emília Freitas
	Rio Jaguaribe: Memória das águas	Luciano Maia
Documentário	Jaguaribe – O rio da minha aldeia	Efigênia Alves

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Como dito anteriormente, a escolha pelas obras acima diz respeito a nossa tentativa em demonstrar um recorte pequeno, mas múltiplo, daquilo que entendemos como o rio Jaguaribe geopoético, na fala, voz, poesia e história desses artistas. A geografia humanista, na perspectiva de Marandola Júnior (2010), nos oferece sentir esse “além fronteiras”, nos sugerindo encontrar na sensibilidade dos artistas um atravessamento dessas margens que estamos buscando destacar neste trabalho.

Nossa jornada em busca de conhecer essas obras, são frutos de uma curiosidade alimentada pela ânsia de estar perto do rio mesmo quando estávamos longe. Em muitos momentos, o rio Jaguaribe nos visitou através do ressoar da voz de Sávio Leão ou na história fascinante da rainha encantada que passeava pelas águas do rio Jaguaribe, contada no romance de Emília Freitas. A arte, como expressão, torna-se um alimento à nossa imagem e imaginário (Marandola Júnior, 2010). Cada pequeno detalhe foi importante para compor essa Geopoética jaguaribana.

4.1 Transbordamentos Geopoéticos nas Artes Jaguaribanas

“O rio me encontrou,
 não apenas com suas águas,
 mas com as histórias que ele carrega.
 Fui ao seu encontro com os ouvidos abertos,
 e ele me disse: “aqui tudo é saudade”.
 O som das pedras no fundo
 falava das noites que não existem mais.

O rio não molhou apenas meus pés,
 molhou minha boca de palavras.
 O som das águas é um eco de histórias
 que nunca saem do fundo,
 e o vento,
 esse é contador de segredos
 que o rio guardou sem querer”
 (Elaborado pela autora, 2024).

Este subcapítulo, intitulado *Transbordamentos Geopoéticos nas Artes Jaguaribanas*, consiste também em um espaço que nos permite compartilhar o que chamamos de “encontro pessoal com o rio”. Iniciamos este subcapítulo com algumas palavras que emergiram das experiências vividas, seja na leitura dos textos, seja nas idas à campo. São palavras e poesias ainda iniciais, uma tentativa em construir uma geopoética autoral sobre o rio Jaguaribe. Nas palavras de Camargo (2023), uma experiência de transbordamento acontece no encontro de múltiplas narrativas, na quais essas se relacionam e geram essa sangria, conectando diversos momentos diferentes.

A partir dessa ideia, partimos do transbordamento de nossa experiência com as artes. Começamos pela música, pois, enquanto representação espacial, ela nos transporta para diferentes lugares por meio das palavras de seus compositores, exercendo o papel de rememorar afetos, olhares, novas paisagens e outras possibilidades (Figueiredo e Xavier, 2023).

Aqui destacamos duas canções que escolhemos para uma elaboração musical do transbordamento-rio-música. Uma cantada pela *Tribo de Jah*, “*Na margem do Jaguaribe*” e a canção de *Sávio Leão*, “*Rio Jaguaribe*”. As duas músicas apesar de retratar o rio em sua composição, são escritas e cantadas de modos distintos, trazendo uma relação com o Jaguaribe importante para nossa pesquisa.

A música “*Na margem do Jaguaribe*”, faz parte do álbum “Confissões de um velho regueiro” (2016). Esse álbum, que conta com várias músicas confessionais, contagia com suas palavras cantadas dos lugares e sentimentos que esse tal “velho” nos conta. Dentre elas, de um dia em que esteve às margens desse rio; o Jaguaribe.

Antes de apresentarmos os trechos da música, faremos uma breve introdução sobre a banda. *Tribo de Jah*, grupo reconhecido no cenário do reggae nacional e internacional, foi fundado em 1986 por músicos que se conheceram na então escola de cegos do Maranhão, incluindo integrantes com deficiência visual. Desde o início, exploraram diversos ritmos musicais, com ênfase no reggae, e passaram a se apresentar em diferentes eventos.

Segundo Figueiredo e Xavier (2023, p. 158), “esse grupo já passou por diferentes formações e é reconhecido nacional e internacionalmente, realizando apresentações ao lado de grandes nomes do reggae jamaicano.” Em reconhecimento à sua trajetória e influência, a banda foi homenageada pelo *Museu do Reggae*, em São Luís, no ano de 2018. Com uma discografia extensa, que inclui álbuns de estúdio e registros ao vivo, a *Tribo de Jah* também marcou presença no festival *Juriti Rasta* entre 2014 e 2016. O evento acontece anualmente em Limoeiro do Norte, município situado no baixo curso do rio Jaguaribe, o que demonstra o contato da banda com o referido rio.

Ao longo da pesquisa, observar a paisagem do rio Jaguaribe tornou-se mais do que uma simples etapa do trabalho. Estar diante do rio era como permitir que suas águas nos guiassem, revelando-se uma fonte de potência e inspiração. Era como se o próprio rio nos convidasse a fazer parte de seu curso, ao mergulhar, sentir a água fria tocar nossa pele e seguir o fluxo de suas correntezas. Inspirada por essa sensação, compartilhamos aqui a emoção traduzida em música pela banda:

Olhando assim, sentado aqui/ Na Margem do Jaguaribe/ Limoeiro, Sítio Juriti/
Olhando assim, há quem duvide/ Do que virá, do que será que está por vir / Olhando
a água do rio fluir/ Suavemente, há quem tente/ Inutilmente intuir/ O que virá, o que
será que está por vir (Na margem do Jaguaribe, 2016)

A canção se inicia com um olhar contemplativo sobre o rio Jaguaribe. A imagem de estar sentado à margem cria uma cena de pausa e observação, onde o tempo parece se expandir para além do instante presente. Esse olhar lançado sobre a paisagem não é apenas visual, mas também reflexivo: **o rio não é só um elemento natural, mas um espaço de questionamento sobre o futuro**. Por vezes sentimos como no trecho acima, eventualmente o rio se tornou nosso companheiro de dúvidas, de retorno a nós mesmos. Concordamos quando Grato (2002), inspirada pela imaginação poética de Bachelard, nos sugere que as imagens têm uma melhor expressão quando transmitidas por música e poesia.

Foram incontáveis as vezes que sentimos inspiração através dessas expressões artísticas, ao distanciar geograficamente do rio, buscamos uma aproximação através dessa linguagem poética, pois assim como dito por Grato (2002, p. 104), “a linguagem poética precisa ser percebida e concebida a partir de uma geografia do coração, pois é assim com os atos da natureza”. Essa geografia do coração reverbera em nossa escrita, pois amamos o rio Jaguaribe. Sobre esse sentimento, lembramos das palavras de Bachelard (2018, p. 121) ao dizer “quando amamos uma realidade com toda nossa alma, é porque essa realidade é já uma alma, é porque essa realidade é uma lembrança”.

Nesse sentido, as águas do rio inundaram severamente nossa realidade, sendo um constante retorno ao rio dos sonhos de nossa infância, como já dito outrora. O sentir refletido nessa geografia compartilhada, se mistura e se une com as águas do meu imaginário e as águas materiais que estive presente. Amamos o Jaguaribe porque em outro momento o amei através de meu rio infantil. As lembranças daquela realidade se envolvem, fazendo nascer essa outra margem exposta que tanto conversa comigo através da escrita.

A música revela o verbo *fluir*, sugerindo passagem, transformação, algo que nunca permanece igual. Aqui, o rio se torna uma imagem do tempo e do destino, pois, mesmo em sua fluidez constante, há uma inquietação sobre o que ele anuncia. A última linha da estrofe

intensifica esse tensionamento entre a aparente calmaria do rio e a incerteza do que está por vir. O uso da dúvida (“há quem duvide”) indica que, por trás da paisagem serena, ocorrem processos de transformações iminentes.

No caso do rio Jaguaribe, essas mudanças se manifestam de diversas formas: nos ciclos naturais de cheias e vazantes, na gradual poluição de suas águas, no crescimento do turismo em suas margens e tantas outras. Tudo isso revela que esse rio não pode ser compreendido apenas por uma única lente, nem reduzido ao simples fluxo de suas águas. Ele é, antes, um fluxo vivo de histórias, de mudanças e de ressignificações, onde a paisagem carrega consigo tanto a memória quanto a transformação da sociedade.

Em outro trecho...

Num momento de paz e quietude singular/ Eu e meu cachorro Noir/Sentados à sombra da Oiticica /Projetando ao longe a vista/ As folhas da carnaubeira/ Acenando furtivas e faceiras /O zumbido das abelhas /Na caatinga florida /O som do vento no agreste em tudo se assemelha /A uma contínua cantiga /A passarada em revoada /O passo lento da manada/ O rio correndo num suave movimento / De calma aparente/ Que não aplaca o sentimento/ De tensão e inquietude iminente (Na Margem do Jaguaribe, 2016).

Na segunda estrofe, a imagem da água fluindo suavemente reforça uma ambiguidade essencial: o rio, em sua aparente tranquilidade, carrega consigo um movimento contínuo e inevitável. Esse olhar para a fluidez, ao resgatar as imagens evocadas pela água do rio, nos remete à outra reflexão de Bachelard (2018, p. 141), que escreve: "Se soubéssemos reencontrar, apesar da cultura, um pouco de devaneio natural, um pouco de devaneio diante da natureza, compreenderíamos que o simbolismo é um poder material". Extrair essas imagens, seja por meio de nossos próprios devaneios, seja através do olhar do poeta e de sua música, torna-se um gesto de convergência com o que buscamos demonstrar ao longo deste texto: a existência de uma poética oculta, de uma beleza que resiste para além da cultura de apagamento de nossos espaços naturais.

Sentar-se à margem do Jaguaribe é mais do que um ato de contemplação; é um convite ao diálogo com suas águas, com seus fluxos e com os silêncios que se estendem para além do horizonte. Como na canção, o olhar lançado ao rio carrega tanto a serenidade de seu movimento quanto a inquietação de seu destino incerto. Como no trecho "Se o sertão vai virar mar ou se vai virar deserto", e na interrogação ressoa a fragilidade da paisagem, sempre à mercê das transformações do tempo, do clima e da ação humana.

O rio Jaguaribe, na letra e na realidade, não se impõe como apenas uma paisagem estática, mas como um organismo vivo, que pulsa entre cheias e estiagens, entre abundância e escassez. A música traduz esse ritmo no contraste entre a beleza poética do sertão e a dureza da

sobrevivência. O "cheiro da alfazema" e "a caatinga florida" coexistem com a assolação, com a vida que resiste mesmo diante da incerteza.

Entre os entrelaçamentos da música que canta o lugar, a partir da Tribo de Jah, voltamos agora nosso olhar para a canção *Rio Jaguaribe*, de Sávio Leão. Cantor, instrumentista e poeta, Sávio é considerado um filho do sertão, natural de Russas, vale do Jaguaribe. Com incentivo do pai, iniciou cedo sua trajetória musical e, desde os nove anos, tem explorado diversas possibilidades sonoras, transitando entre influências que vão de Luiz Gonzaga e Raul Seixas até a banda The Beatles (Figueiredo e Xavier, 2023).

O estilo de Sávio Leão se move por diferentes ritmos, mas sua poética está sempre alinhada a aspectos sensíveis de um lugar cheio de memórias. Suas canções estão sempre inundadas de narrativas memorialísticas que atravessam tempos e paisagens. A geografia desenhada por entre as letras da música nos faz lembrar o que Dardel (2011, p. 6) escreve: “A experiência geográfica, tão profunda e tão simples, convida o homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana interior ou social”.

É como se uma linha invisível costurasse essas influências e as materializasse em letras que, por meio da música, possibilitam um olhar sensível sobre a geografia e sobre a experiência geográfica profunda remodelada em arte. Assim destacamos:

Não sei se foi amor ou muito mais/ nem como me apaixonei por ti/ talvez seu céu azul
e os matagais / ou os cantos dos formosos juritis / quem sabe foram banhos matinais
/e as noites em serestas ao luar / primeiro amor, primeira dor, primeiro amar / rio,
razão de fazer sonhar / até me fiz poeta prá tentar /falar do que representou prá mim
/manhãs, tardes, noites, madrugada/ abrigo amigo início. Meio e fim/ teu leito traz, a
água que sacia a sede / o peixe que enche a rede/ fazendo a alegria dos rurais/ e as
roupas estendidas nos varais/ o sorriso das crianças e velhinhos/ mas longe vai e hoje
estou distante de você/ só penso em voltar para rever/ o doce rio que me viu nascer/ a
beira de um caminho sobre o arcaz/ olhando o vai e vem da estação/ eu canto galos,
noites e quintais/ nas cordas do amásio violão
não bastam companhias dos pardais/ e toda diversão que tenho aqui /ao ver-me amigo
meu, eu sei, dirás/ quiça, aos poucos vou morrer por ti/ talvez nem haja tempo prá
falar/ por isso vou dizer nesta canção/ enquanto houver amor vou te amar/ e quando
tiver dor, farei canção (Rio Jaguaribe, 1996).

O disco com o mesmo título da canção, *Rio Jaguaribe*, foi lançado em 1996, e tem como um de seus presentes a canção que homenageia o lugar de sua vivência-experiência. A presença do teor afetivo e nostálgico constrói uma relação transcendental, como se houvesse fios que conectam a presença do passado e reescrevem sua própria obra memorialista.

Lembramos, outra vez, das palavras de Bachelard (2018, p. 8), quando escreve: “O indivíduo não é a soma de suas impressões gerais, é a soma de suas impressões singulares”. Lemos a canção como quem mergulha no singular da alma de alguém que sente saudades. Talvez essa seja a leitura a partir daquilo que move também nosso ser, uma saudade do rio de nossa infância, na qual impulsiona todo esse sonho que chamamos de pesquisa.

"Primeiro amor, primeira dor, primeiro amar", a letra evoca memórias de infância, momentos de prazer e pertencimento, estabelecendo o rio como um espaço de vivências fundamentais, um ciclo de experiências que marcam a formação da identidade do sujeito. A canção reforça a ideia do rio como fonte de vida e continuidade, tanto na dimensão material quanto simbólica.

O rio é retratado como abrigo e sustento, fornecendo alimento e moldando o cotidiano das pessoas que dele dependem: “teu leito traz a água que sacia a sede / o peixe que enche a rede / fazendo a alegria dos rurais”. Essa relação entre o rio e a vida cotidiana demonstra a interdependência entre a paisagem e as comunidades ribeirinhas, um elemento essencial para a compreensão da geopoética do Jaguaribe.

Contudo, existe também uma sensação de afastamento e carência. O sujeito está afastado do rio, e essa distância se manifesta em um profundo desejo de retorno: “mas o tempo passou e hoje estou longe de você / só penso em voltar para rever o doce rio que me viu nascer.” Segundo Bachelard (2018), é em nossa terra natal que nossos devaneios se concretizam e os sonhos ganham sua essência para existir.

A água mencionada na canção provém desse local de origem que proporcionou material para sonhar, mesmo distante. Em outra passagem, Bachelard (2018, p. 9) afirma: “Não posso sentar perto de um riacho sem cair num devaneio profundo, sem rever minha ventura”. Esse afastamento reforça a ideia do rio como um lugar de origem, de raiz e identidade, cuja ausência se transforma em vazio e lembrança.

O trecho final reforça a musicalidade como meio de eternizar essa relação. O rio não é apenas lembrado, mas cantado, transformado em poesia e melodia: “enquanto houver amor, vou te amar / e quando tiver dor, farei canção.” Essa última frase sublinha a potência da música como ferramenta de resistência e expressão da memória, alinhando-se à ideia de que a paisagem não é apenas vivida, mas também narrada e ressignificada através da arte.

Essa canção, assim como a da Tribo de Jah, insere o rio Jaguaribe em uma rede de significados que extrapolam sua materialidade. Ele se torna um espaço de afeto, pertencimento e transformação, reafirmando seu papel central na identidade daqueles que o habitam e o carregam na memória, mesmo à distância.

Embarcando em uma nova aventura artística pelo rio, navegamos em direção a riqueza memorável da escritora Emília de Freitas, cuja vida e obra se entrelaçam em suas palavras literárias. Autora de um dos romances mais emblemáticos de sua época, *A Rainha de Ignoto*, Emília também se dedicou à poesia, expressando, em diversos momentos, seu sentimento de pertencimento ao lugar. É a partir de sua poesia, que revela sua conexão com o espaço que habitou, que inicio este texto.

A VILLA UNIÃO

A igreja primeiro de longe se avista,
A margem esquerda do rio ela fica;
Sem ser pitoresca tem muitos encantos;
Não é miserável nem chama-se rica.

Mas vê-se, nas várzeas que as águas alargam
Depois das enchentes, os grandes cercados,
Aonde s'encontram dispostos em filas
Os pés de algodão, bonitos florados!

Durante o inverno na verde campina
O gado... as ovelhas e cabras pastando
Reunem-se as vezes ao pé da lagoa
E a sede que trazem vão n'ela apagando.

No pau da porteira ou trepado ao mourão.
A tarde o pastor costuma a aboiar
E as vacas correndo, buscando o curral
Começam saudosas de longe a urrar.

Ai! Vejo tal como nos tempos passados
As casas que ausência tão triste deixou:
Aquele onde os dias passei em brinquedos
A outra onde em breve morreu meu avô.

Ali ensaiei os meus sonhos poéticos;
Ali despontou esta amena alvorada;
Tiveram começo quimeras que aspira
Infância risonha, feliz, animada.

Mas, nunca uma vez passou-me por mente
Lembrança que um dia viria a chorar
Por todas as coisas, que outrora nem via,
Talvez esquecidas a um canto do lar!

Que as tristes imagens erguidas do pó,
Viriam falar-me dos anos felizes,
Que tinham a calma das águas da fonte,
Do prado florido os claros matizes.

O sol declinava, na tarde em que fomos
Dizer um adeus saudoso e sentido

Aos santos lugares do triste jazigo
Onde as cinzas ficavam de Pai tão querido.

Entramos tremendo no largo portão...
Buscando seu nome na pedra singela;
Bem junto do muro, caiada de branco,
Eu vi sua campa confronte a capela.

Ali de joelhos orando em silêncio
A Mãe, que era todo meu bem neste mundo,
Esteve cercada dos tenros filhinhos
Às vezes soltando suspiro profundo.

Voltamos cobertos de luto e de dor!
A noite era escura qual meu coração!
O galo cantou, fizemos viagem,
Deixamos os campos da bela – União.

(FREITAS, 1891: 51/52)

Poetizar e escrever sobre o mundo que a cercava era uma marca de Emília Freitas. Em seus textos, o lugar e as memórias de sua vida estão sempre presentes, estampados em suas palavras. A escritora possuía raízes profundas em sua terra natal, próxima às margens do rio Jaguaribe. Tamanha era sua ligação com esse lugar que, mesmo distante, escrevia constantemente sobre ele. O poema acima reflete esse elo: a Vila União, atualmente município de Jaguaruana, ressoou em muitos de seus textos, incluindo seu principal romance, *A Rainha do Ignoto*.

Além de sua forte ligação com o lugar, Emília era uma escritora de forte sensibilidade e afetividade com as pessoas que conviviam em seu contexto. As pessoas e os lugares se tornaram sua fonte de inspiração, nesse sentido, relembro as palavras de Cavalcante (2019, p. 26) quando nos diz: “... reconhecemos que toda história tem como base uma geografia e que, mais que mera base, a geografia é o reconhecimento das experiências das pessoas no espaço, da habitação do ser-no-mundo”.

O reconhecimento de seu lugar estava constantemente presente em suas histórias, refletindo o contexto que a cercava e trazendo à tona uma geografia espelhada em suas experiências com os lugares por onde passou. A escritora Emília Freitas, segundo Oliveira (2007), nasceu em um período peculiar da história do Brasil. Tendo vindo ao mundo em 1855, vivenciou diversas transformações políticas e sociais que se refletiram em suas obras.

Suas duas principais obras são *A Rainha do Ignoto* (1899), um romance psicológico considerado à frente de seu tempo, e *O Renegado* (1892), da qual se conhece apenas o título e o ano de publicação, pois não há registros de exemplares nos principais acervos. Além desses

romances, há também uma coletânea de poesias intitulada *Canções do Lar*, que compõem outro importante conjunto de sua produção literária.

Durante a infância, vivendo na região de Aracati, a escritora parece ter testemunhado de perto o tratamento dado aos escravizados. Desde cedo, influenciada por seu pai, Emília Freitas demonstrava inclinação por ideias abolicionistas. O incômodo que sentia em relação à escravidão tornou-se, mais tarde, uma das fontes para seus textos. Utilizando a poesia como instrumento de denúncia, escreveu poemas em que expressava sua crítica ao sistema escravagista de sua época.

Apesar do contexto que vivenciou sua infância e parte de sua juventude, segundo Oliveira (2007), Emília viveu uma época feliz com sua família, em uma região campestre às margens do rio Jaguaribe, esse que fez parte de sua história e de seus textos. Após a morte de seu pai, Antônio José de Freitas, na qual tinha muito apego, a família se muda para a capital da província, devido à grande dor da perda.

Um dos aspectos mais marcantes da escrita de Emília Freitas se revela em seu romance *A Rainha do Ignoto* (1899). A obra reflete tanto a autopercepção quanto a biografia da autora, incorporando influências do gótico e criando uma trama que explora a luta entre forças do bem e do mal. O romance apresenta características do fantástico-maravilhoso, algo inovador para sua época. Além disso, Emília entrelaça suas memórias pessoais e suas denúncias sociais, abordando questões relacionadas às mulheres e aos menos favorecidos. Outro aspecto igualmente significativo é a ambientação da história em um lugar marcado por suas lembranças de infância, apesar de ter sido escrito longe desse espaço. E é brevemente sobre esse romance e esse lugar em específico que queremos abordar aqui.

O romance tem início com os diálogos entre o recém-chegado Dr. Edmundo e seu criado, Valentim. Recém-formado em Direito, rico e possuidor de terras, Edmundo chega ao povoado de Passagem das Pedras, despertando a curiosidade dos moradores e tornando-se rapidamente assunto recorrente nos principais encontros da cidade. Desde o princípio, estabelece-se uma conversa entre patrão e criado. Desejoso de conhecer melhor o local e seus mistérios, o doutor aproveita a companhia de Valentim para fazer perguntas sobre a região. Interessa-se especialmente pelo relevo ao redor, demonstrando um desejo de compreender mais profundamente o ambiente em que acaba de chegar.

Aqui deste outro lado, vejo outra serra muito alta disse o Dr. Edmundo.

- Qual? Aquele serrote? Parece alto porque está mais perto, voltou o menino; aquela é a serra do Arerê; mas, é encantada, ninguém vai lá.

- Ninguém! Por que? disse Edmundo com espanto.

Porque se for não voltará mais; dizem que tem uma gruta, onde mora uma moça encantada numa cobra, que à noite sai pelos arredores a fazer distúrbios.

- E acreditas nessas bruxarias, Valentim?

- Ora se acredito; minha avó também não acreditava, assim como o senhor, mas agora está certa e mais que certa da verdade. Uma noite destas, viu, ela mesma, descer da serra e passar cantando pela estrada uma moça bonita, vestida de branco. E o senhor quer saber? Ia seguida pelo diabo, um moleque preto de olhos de fogo, com uma cauda comprida, que arrastava no chão!

- Isto é sério, Valentim?

- Ora se é, ela trazia também um cachorro preto, que dava ondas à claridade da lua! Minha avó quase morre de medo; chamou meu pai, e ele também viu. Conta a quem quiser ouvir, e todos sabem que meu pai não é homem de mentiras.

- Te fazia mais inteligente, Valentim! Não vês que isto é uma história de bruxa sem fundamento, inventada pela superstição do povo?

- Quem disse ao Sr. Dr. que é história de bruxa?! disse o menino com exaltação. Acredito, porque eu mesmo já vi. Em uma tarde destas, ia eu com minha irmã Ritinha pastorear umas cabras, lá para as faldas do Arerê... Não se ria, Sr. Dr., olhe que eu vi, não estou mentindo... ela estava em pé sobre o monte, tinha um livro aberto na mão; mas não lia, olhava para o céu como aquela Nossa Senhora da Penha, que está pintada num quadro da igreja do Nosso Senhor do Bonfim (Freitas, 2003, p. 18).

A serra do Arerê torna-se lugar encantado, esconderijo da tal personagem estranha, cheia de segredos que aparece furtivamente em breves momentos. Esse relevo guarda uma caverna responsável por ser a passagem para o lugar escondido da rainha. Essa serra tornou-se também personagem da história, sua pintura, inclusive, foi representada em um quadro elaborado pelo pintor José dos Reis Carvalho, a obra encontra-se no acervo digital do Museu Histórico Nacional. Na pintura, está descrita a seguinte frase: “Serra do Arerê, à margem do Jaguaribe, légua e meia da cidade do Aracati, tem uma profunda caverna.”

Imagem 18 – Serra do Arerê



Fonte: Carvalho, S.D.

A Rainha Encantada, envolta em mistério, já havia aparecido para alguns habitantes daquela cidade. O ajudante Valentim busca revelar toda a verdade sobre essa mulher e relata a vez em que a viu na serra. A figura funesta surgia brevemente, aguçando a curiosidade de Edmundo, que, entediado com a monotonia de seus dias, enxergou naquela história uma oportunidade de mudar sua rotina. Em uma noite, assim aconteceu;

O Jaguaribe corria em frente da janela, onde o Dr. Edmundo ficou ainda a cismar; mas sua vista errante parou sobre a lua erguendo-se no firmamento azul, como uma hóstia de ouro.

A solidão era completa, o silêncio era profundo! Nem o vento movia os ramos das árvores. Elas se levantavam do meio da sombra projetada pela copa, como espectros cismadores. De repente, soou ao longe uma voz doce e triste entoando uma canção francesa, e era tão saudosa, tão cheia de melancolia que as próprias pedras da margem pareciam comover-se... (Freitas, 2003, p. 20).

A rainha surge nas águas do rio Jaguaribe, durante a noite, quando as águas escurecem e o ambiente adquire um tom misterioso. Essa aparição mágica rompe com a margem do realismo tão presente na escrita da autora. Para a população da cidade, a presença da Funesta no rio é um presságio de acontecimentos ruins. A história dessa rainha misteriosa nas águas do Jaguaribe remete a um mito popular sobre uma criatura que, em noites de luar, perseguia barqueiros e pescadores, alimentando o imaginário local com medo e fascínio.

O romance prossegue até chegar à história de uma sociedade secreta formada por mulheres que viviam em uma ilha. Essa ilha, referenciada como a Serra do Arerê, às margens do rio Jaguaribe, abrigava essa comunidade liderada por uma rainha, responsável por recrutar e incorporar novas paladinas à irmandade. Cada integrante desempenhava um papel essencial para o funcionamento da sociedade. A rainha, também conhecida como "A Funesta", "Diana" ou "fada encantada" era envolta em mistério, o que despertava a curiosidade e o temor dos habitantes da pequena cidade próxima.

Ao longo da trama, segundo Oliveira (2007), Emília Freitas mescla diversos temas, como espiritismo, psicologia, política, questões de gênero, ciências naturais, amor, solidão e angústia, entre outros. O romance estabelece uma forte conexão entre a trajetória pessoal da autora e o espaço ficcional que constrói; nas palavras de Cavalcante (2019, p. 55), "o alimento dos escritores é o seu mundo particular, mas também os acontecimentos diversos que marcam o planeta". Esse entrelaçado entre vida e contexto são partes intrínsecas desse romance.

Ao ler a obra, nos deparamos com uma geografia que se expande para o universo dos sonhos, narrando condições humanas que refletem essa relação indivíduo e terra. Mergulhar nessa sociedade secreta, cuja caverna funcionava como um local mágico, é também perceber como a gruta que a autora conheceu em sua infância se transforma em elemento central de sua narrativa, trazendo à tona suas memórias e experiências.

O escritor Otacílio Colares, reconhecido pelo seu trabalho em recuperar a obra da cearense, revela que o romance de Emília trata-se de um emaranhado, história complexa que envolve sacerdotisas do bem lutando contra as forças do mal, e inicia-se e termina às margens do rio Jaguaribe. Aproveitando de suas paisagens, a escritora recria um cenário fantasmagórico para a serra, o rio, a caverna, revelando uma imaginação que passeia entre o real e o inventado.

Ao longo de todo o romance, a escritora resgata representações daquele lugar que vivenciou em parte de sua vida, colocando esses símbolos como partes importantes dos diálogos. Em um trecho do romance, Virgínia e Carlotinha, que são duas personagens pertinentes no romance, dialogam sobre visitar a "filha do caçador de onças", a chamada Diana, outro codinome para a rainha de ignoto, assim é descrito:

As duas moças seguiram pela encosta do Jaguaribe, e Edmundo, apesar de acompanhar com a vista aqueles dois anos de resignação e de candura, pensava no mistério da gruta do Arerê, e procurava combiná-lo com o da cabana do caçador de onças. Ele queria agarrar novos fios, para desembaraçar o labirinto em que tinha a mente desde a sua chegada àqueles sítios (Freitas, 2003, p. 105)

A rainha encantada se exhibe de formas distintas de acordo com o contexto, lugar, e o papel que queria representar no mundo. As paladinas que faziam parte dessa comunidade

secreta, nunca lhe viram o rosto verdadeiro, a rainha apenas retirava sua máscara misteriosa quando tomava um papel para se representar no mundo, hora a filha do caçador de onças, hora funesta ou fada da gruta do Arerê.

O romance de Emília, por tanto tempo esquecido nas tramas literárias do Brasil, consegue ser resgatado após longos anos, contribuindo com sua reflexão atemporal de uma sociedade em busca dos mais frágeis, liderado por uma mulher misteriosa, e com pano de fundo; a paisagem infantil onde viveu. Apesar de escrito nos anos em que Emília estava em Manaus, as margens do rio negro, o romance se desenrola na chamada “passagem das pedras”, município que hoje é conhecido como Itaiçaba, localizado no baixo curso do rio, próximo a cidade de Aracati.

Essa história, assim como as outras expressões de arte, faz parte dessa composição que estamos tecendo sobre as paisagens e vivências que o rio Jaguaribe atravessa. O romance de Emília compõe uma poética atemporal do seu amor ao lugar e as raízes de suas lembranças, características tão fortes em seus textos que não há como dissociar vida e obra. Assim, a colocamos também nesse breve tecido geopoético jaguaribano.

Poesia é voar fora da asa
(Barros, 2016, p. 19).

Voar além das asas é o que a Geografia nos proporciona quando nos lançamos à tarefa de (re)ver o mundo. Desde o início desta pesquisa, o rio Jaguaribe emergiu como uma ideia-sentimento, impulsionando-nos a buscar novas perspectivas. O desejo de ir além do previsível tem nos permitido sentir e experienciar mais do que imaginávamos. Nossa jornada começou nos cantos das músicas e seguiu pelo romance, conduzindo-nos ao Jaguaribe em versos de Luciano Maia.

O livro *Jaguaribe: Memória das Águas* (2012) é uma obra marcante do poeta cearense Luciano Maia. Nascido em Limoeiro do Norte, cidade situada no baixo curso do rio Jaguaribe, o escritor encontrou nesse lugar a inspiração para uma de suas mais importantes obras poéticas. Além de sua atuação como poeta, Luciano Maia possui formação na área jurídica, o que lhe possibilitou carreira como professor na Universidade de Fortaleza. Além disso, destacou-se como um importante tradutor na mesma instituição. Contudo, foram seus

estudos linguísticos e literários que o levaram a ocupar uma cadeira na Academia Cearense de Letras (ACL) (Figueiredo, 2025).

A referida obra de Luciano Maia é dividida no que ele chama de “cantos”. Essa experiência íntima para a qual o autor nos convida reflete um rio Jaguaribe entoadado com suas latentes águas no transbordamento das palavras. Esse sentimento simbólico, fez com que essa obra se tornasse um ponto de convergência imprescindível em nosso texto, fazendo uso da poesia como conexão profunda entre texto, rio e nós. Esses cantos, retratam a paisagem física do rio, as dinâmicas das margens, as histórias que aconteceram... sendo alimentada por uma observação sensível e uma reflexão de memórias. O texto inicia com um prólogo feito pelo próprio autor;

Quando em Limoeiro do Norte, no interior do Ceará, comecei a escrever versos, época em que ainda contava com 13 anos de idade, não podia imaginar que um dia eu seria considerado um poeta e muito menos que alguns dos meus livros transporiam fronteiras nacionais e alcançariam leitores em idiomas diferentes...

Quis o destino (ou a poesia) que assim fosse.

[...] e eu fui menino habitante das margens deste rio, quadra da minha vida cujas lembranças não se apagam nunca.

Ao contemplar as águas de um rio qualquer, aqui ou algures, seja um importante caudal ou um minúsculo regato, percorra geografias ilustres ou terras sem prestígio histórico, não há como não se estabelecer, de imediato, uma relação com o meu rio. Quantas vezes naveguei o sonho de um barco até a foz do Jaguaribe!

[...] Assim, se vislumbro, tanto o Danúbio quanto o Capibaribe, tanto o Tibre quanto o Amazonas (Não importa a designação das terras ou a latitude em que os rios desenham o seu trajeto), fazem-me visitante do Jaguaribe (Maia, 2012, p. 8).

As palavras de Luciano Maia se assemelham ao que mencionamos ao longo do texto sobre a recordação do rio em nossa infância. Estejamos no lugar de origem ou em outros territórios, o rio mantém o poder de percorrer distâncias imaginárias entre o passado e o presente. Relembrar e trazer para a superfície essas memórias logo de início nos proporciona mergulhar em uma atmosfera poética do autor com seu rio.

A obra é subdividida em parte que ele denomina de “cantos”, mas, antes disso, ele separa uma *dedicatória* na qual relembra a figura importante dos cantadores, dos retirantes, dos bichos, das nuvens, dos rios irmãos, de outros rios e do mar. A partir dessas dedicatórias, inicia-se os cantos; *canto dos elementos, canto das nascentes, canto da vida e morte, canto da água e do tempo* e finaliza com o *"Ainda Jaguaribe"*. A partir desse mundo que o autor apresenta, escolhemos aqui destacar três poesias do livro. Pela extensão da obra e pelo nosso espaço diminuto neste subcapítulo, optamos por abordar três poesias, nas quais estão inseridos nos chamados cantos, que são as formas de separação feitas pelo autor.

O primeiro texto escolhido, *“da água”*, faz parte dos elementos em que o poeta admira e dedica;

(Da Água)

Água, surpresa líquida e celeste
 visita antiga e repentino adeus
 à terra embevecida (o vento-leste
 a leva e traz, nos desvarios seus).
 Água pesada (látego dos céus)
 golpeando o chão rude do Nordeste
 e invadindo as terras dos heréus
 dos arredados chapadões do agreste.
 Água do rio, em curvo movimento
 lavando as rugas desses morros áridos
 que o Jaguaribe enxuga, à mão do vento
 (Maia, 2012, p. 17).

Ao longo deste texto, ao escrever sobre rios, é inevitável que a água transborde por esse caminho, mesmo que, por vezes, ele pareça árido. Escrevo em uma manhã chuvosa, com as gotas caindo intensamente e o som da chuva preenchendo toda a sala. A escolha deste tema se alinha ao tempo da escrita, refletindo o desejo de estar sempre nesse lugar imponente, onde as águas rompem os vazios e renovam a vida que, silenciosa, aguarda a chegada da chuva.

Essa surpresa líquida, a chuva, é a força capaz de encher o leito do rio Jaguaribe. A água devolve seu elixir de múltiplos significados. É por meio dessa água, que invade as terras dos heréus, como mencionado, que o alimento chega às famílias, a alegria bate à porta e o barco corta as águas, alcançando os territórios mais interiores.

Outro texto, este inserido na presença do canto às nascentes, rememora “o *Jaguaribe de sempre*”, lembrando sua passagem entre os meses de abril, quando suas águas se enchem devido ao período de chuva que encontra boa parte do sertão nordestino. Assim ele traz;

Do Jaguaribe de sempre

Em seu caminho de água
 visita as tardes de abril
 cumprimentando as cidades
 e as vilas de beira-rio
 com voz sonora e molhada
 corpo maneiro e esguio.

Leva estrume dos currais
 lambe os cascos dos bezerros
 lava os barreiros de trás
 limpa os galhos dos aceiros
 sacia nos animais
 a sede de anos inteiros

É o Jaguaribe de antanho
 rio cheio (de saudade)
 que aumenta de tamanho
 (esperança e vaidade
 dos que dele têm o ganho
 nos dias de água à vontade).

É o Jaguaribe sereno
 enriquecido de estórias
 que o tempo vai escrevendo
 sobre pausa das memórias
 dos que vão vendo e vivendo
 os seus fracassos e glórias.
 (Maia, 2012, p. 30).

O rio Jaguaribe percorre seu caminho como uma presença ativa, serpenteando a paisagem que o envolve. Como um viajante, ele sopra sobre a terra, fitando abril com a expectativa das águas que caem e enchem seu leito. Abril, o mês das grandes chuvas e cheias, marca profundamente a memória e a história de Aracati, revelando a força e o simbolismo das águas.

Ler as poesias de Luciano Maia é como mergulhar em suas lembranças, um convite para revisitar experiências passadas. Essa experiência nos remete às palavras de Rosenblatt, citado por Lowenthal (2024, p. 121), ao refletir sobre a memória: “Nós queremos reviver aqueles dias excitantes”. O ato de recordar, como aponta Lowenthal (2024, p. 122), envolve um olhar simultâneo para o presente e o passado: “Nós vemos as coisas simultaneamente como elas são e como as vimos anteriormente; as experiências passadas permeiam toda percepção do presente.”

Escrever e sentir o rio Jaguaribe, tanto para o poeta quanto para nós nesta pesquisa, é mais do que revisitar dias de entusiasmo e boas lembranças. É perceber a sobreposição do presente e do passado, onde, ainda que sejam outros rios, a conexão entre os lugares permanece. Essa experiência revela um sentimento delicado, quase transcendental, em que memória e afeto se entrelaçam. Em outro momento, o poeta nos diz:

Dos cúmplices

Também os vagalumes contam as horas
 fora do tempo e dentro deste rio
 caminhante sem nuncas, sem agoras
 em seu leito poento ou luzidio.
 Rio das águas curvas, das demoras
 e das águas velozes (mês de abril).
 E permanece o rio intemporal
 em sua arquitetura de cristal.

E investindo célere pra o mar
 ou as tão parcas águas soluçando
 e se precipitando, a inunda
 as várzeas alagadas visitando
 é sempre o Jaguaribe tutela
 cearense ancestral e venerado
 o permanente rio intemporal
 em sua arquitetura de cristal

A arquitetura de cristal jorrando no leito, escrita por Maia (2012), lembra a figura do rio que passava atrás da casa de Barros (2011), em que a imagem vista pelo também poeta,

lembrava um vidro mole. Nessas célebres e aparentes imagens, o rio se torna uma arquitetura de cristal, uma cobra mole, serpentes em remanso...reforçando a ideia dos rios e suas diversas imagens alimentadas pelo imaginário.

O rio Jaguaribe conta com inúmeros cúmplices de suas dinâmicas, os insetos sobrevoam seu tempo, trazendo a imagem do vagalume que conta também horas. As águas que, ora turvas, levam nas curvas suas correntezas intemporais, aguardando as chuvas de abril, aquelas águas que caíram outrora e levantaram água pela cidade de Aracati. As águas sob a imagem do intemporal rio, que apesar de sensíveis às nuances, permanecem resistentes.

Em momentos de profunda conexão com esse rio, lembramos de Almeida (2020), reforçando a ideia da potência da escrita como uma abertura para esses outros horizontes. Em outros tempos de nossa trajetória, jamais imaginamos ser visitada pelo Jaguaribe através de tantas expressões de artes, com palavras de escritores potentes e outras tantas imagens de poetas que, por suas perspectivas, apresentam um outro Jaguaribe. Todo momento vivido se desdobrou como um presente.

As *Memórias das Águas*, título do livro de Luciano Maia, fazem parte do fluxo de lembranças que constantemente atravessam a vida do autor. Ao mergulharmos em suas memórias, somos levados a lembrar de Lowenthal (2024, p. 122), que afirma: “[...] o passado ganha ainda mais peso porque concebemos os lugares não apenas como nós mesmos os enxergamos, mas também como ouvimos dizer e lemos sobre eles”. O rio Jaguaribe carrega esse peso a cada lembrança evocada — seja nos textos que o apresentam como figura ativa, seja nas vivências de tantos outros que habitam suas margens. Há memórias que celebram a alegria de seu leito vivo e outras que o retratam como força devastadora. E, ainda assim, o rio permanece, intemporal, resistente, atravessando histórias.

Para concluir a composição desta geografia poética do Jaguaribe através das Artes, escolhemos o vídeo-documentário *Jaguaribe: o rio da minha aldeia*, dirigido pela professora Efigênia Alves. A produção audiovisual é descrita pela autora como uma ode que se aproxima de uma epopeia. Há, no vídeo, uma poesia que atravessa do início ao fim, mas também uma narrativa que conta o surgimento de uma “aldeia”, imagem que mistura lendas e história, memória e invenção. Tudo isso é atravessado pelas águas do Jaguaribe, que, conforme descrito na sinopse, é a entidade principal e fundadora do enredo.

O documentário estreou em maio de 2024, homenageando os povos originários que viveram por tantos anos no vale do Jaguaribe. O documentário também surge como um ato de justiça, através da narrativa, evoca os primeiros habitantes da terra, fazendo uma alusão ao grito indígena “o Jaguar bebe no rio”, reforçando a ideia de onças próximo às margens do Jaguaribe, “Jaguaribe: rio das onças”.

Sobre esse documentário em específico, tivemos a oportunidade de conversar com a autora e idealizadora do projeto, a professora Efigênia Alves. Realizamos um encontro virtual, por meio do Google Meet, em razão da distância geográfica que nos separa. Atualmente, Efigênia reside no município de Jaguaribe, localizado no Médio Jaguaribe, a cerca de 290 quilômetros de Fortaleza, cidade onde escrevemos boa parte deste trabalho.

Efigênia Alves é atualmente professora do Instituto Federal do Ceará, campus Jaguaribe. Lecionando para áreas da educação na qual também tem formação. Além da formação em Pedagogia, é também formada em letras e cultiva uma paixão latente por essa área. Influenciada por essa veia literária, a autora já escreveu 16 livros para o público infanto-juvenil.

Traremos a seguir, um trecho desse documentário que inicia narrando um pouco sobre esse lugar rio Jaguaribe:

As margens da memória, ouve-se a voz dos indígenas, carius, quichelôs, jaguaribaras, janduins, cariris. Chegaram nas matas virgens, rompendo as águas, e do remoto tempo insepulto, houve-se o brado em tupi; “O jaguar bebe no rio!” Surge assim, o Jaguaribe e sua lendária história, o rio das onças. Os indígenas, às margens do rio Jaguaribe, levantaram as suas ocas, senhores da terra, terra de todo mundo. Alimentaram seus filhos, ergueram a sua história. O tempo, o tempo e suas parças. Cabral, cabrais. A economia, os interesses, as guerras, indígenas dizimados, terras divididas, povos originários invisibilizados, usurparam seus bens, que era a natureza, que tentam apagar a sua memória, o tempo, o tempo e suas mutações, tropeiros, carne de charque, veredas. Outra história a ser contada, quando, pelas margens do Jaguaribe, comboios seguiam o sertão adentro, dos Icós ao Aracati, com seus rebanhos, bebendo nas águas do rio. Surgem povoadamentos na ribeira das onças, é a nação jaguaribana se formando (Alves, 2024, 1:21 minutos).

Desde o início, com um título que resgata a ancestralidade do rio, o documentário revela a voz dos povos indígenas que habitaram e atravessaram o vale do Jaguaribe. São vozes que ecoam da terra, pertencentes a grupos que enfrentaram inúmeros ataques ao seu território. A presença indígena está marcada não apenas na história, mas também nos nomes de muitos municípios da região, reforçando essa herança ancestral. O nome *Jaguar-y-be*, originado do tupi, significa “o rio das onças” remete a uma observação primordial desse animal em suas margens. Quantos jaguares, aves, peixes e tantos outros seres já viveram e ainda vivem ao longo do rio Jaguaribe?

O teor do documentário revela uma forte conexão entre palavras e imagens, algo que suscitou bastante nossa curiosidade, em conversa com a autora, ela nos falou um pouco sobre essa relação com as artes até chegar na criação do vídeo:

Debora: Você poderia falar um pouco sobre sua trajetória de vida para chegar às artes e ao documentário?

*Efigênia: Eu fazia vídeo poemas. Tem no meu canal, como você viu, tem alguns vídeos poemas. No entanto, essa questão de documentário foi o primeiro que eu fiz também através de um edital que eu escrevi. O Edital Paulo Gustavo, do município de Jaguaribe. E falar do rio Jaguaribe, assim como o vento Aracati, do vento Aracati, sempre foi importante pra mim. Por uma questão de pertencimento com esses dois fenômenos. Tanto o rio Jaguaribe, que desde criança que eu convivo em suas águas, então eu tenho muitas histórias de brincadeiras, de alegria, de compartilhamento com familiares e também com amigos, nas margens, nas águas do Jaguaribe. Então, falar do Jaguaribe e do vento Aracati sempre foi importante pra mim. E vir que este edital é uma oportunidade de trazer de forma mais profissional, digamos assim, porque envolveu outros artistas, né, para que o documentário saísse. Falar sobre o Jaguaribe eu queria que tivesse algo histórico, queria fazer uma homenagem à questão indígena, que é originária dessas terras. Eu achava justo isso e também não queria que tivesse só esse viés histórico, queria que tivesse o viés poético. Aí tem um poema de Fernando Pessoa que é o título do documentário que demanda também um pouco, até que é um poema, né, de Fernando Pessoa, que ele fala do Tejo. Ele fala que o Tejo é... Ele fala que o rio da aldeia dele é mais importante do que o Tejo, porque é o rio que passa na aldeia dele. Então, eu quis fazer isso pra dizer pra Fernando Pessoa, eu falo assim, Pessoa cometeu um equívoco. **É o Jaguaribe, o Rio mais importante do mundo, porque é o rio da minha aldeia.** Então, pra isso, pra colocar o Jaguaribe no centro do que é o mais importante do mundo, eu precisava recorrer aos rios. E aí eu parti dos rios primários, que são os quatro rios do Jardim do Éden, né? Que fertilizavam ali a região e que alguns ainda existem, né? Como o Eufrates, o Nilo. Isso. Para destacar o rio Jaguaribe, eu trouxe os rios mais importantes do mundo, como o Nilo, como o Ganges, o Danúbio, o Amazonas, que aí já é do Brasil, mas eu trouxe até chegar no rio Jaguaribe pra dizer que houve um equívoco de Pessoa, porque é o Jaguaribe o rio mais importante do mundo, porque é o rio da minha aldeia. (Grifo nosso, 2025).*

Para o artista, essa experiência vivida ganha novos contornos quando contadas a partir de uma expressão que pode ser observada, sentida por outros órgãos sensoriais. O rio Jaguaribe é colocado como foco primordial dessa relação entre Efigênia e as suas lembranças do rio, mas também das relações que esse rio trouxe através de suas águas, das cidadelas que iam se formando seguindo esse caminho sinuoso. E para além de uma narrativa, há uma poesia que corre serpenteando todo o trabalho, fazendo uma cantoria poética fluvial.

Assim como fizemos o exercício em retornar aos grandes rios para chegar ao Jaguaribe, ela também narra esse retorno fluvial. Em outro momento de nossa conversa, a autora nos revelou que o documentário também é lugar para um olhar crítico sobre o rio, como relata;

Efigênia: “também tem a questão da crítica que faço às pessoas que jogam dejetos porque também não poderia trazer um lado romantizado do Rio sem trazer também essa questão que é social, que é política, que é ambiental e que precisa ter de certa forma um olhar. Então trouxe isso também no tempo” (Entrevista realizada em 06 de março de 2025).

Concordamos com o que é dito e escrito por Efigênia: o rio Jaguaribe carrega, em suas águas, camadas de significados que vão muito além da simples romantização, do belo ou do bom. O rio está inserido em um sistema econômico que o enxerga como um recurso a ser explorado modificando suas paisagens, poluindo suas águas, afetando sua rica e diversa biota e produzindo uma escassez antes inexistente. Os rios são componentes singulares da natureza; guardam um equilíbrio essencial à dinâmica dos ambientes por onde fluem. No entanto, para aqueles que não os reconhecem como sentidos de lugar, restam apenas a exploração e o abandono (Gratão, 2002).

Assim em outro trecho do documentário ela narra a sua experiência onírica...

Ah, Rio Jaguaribe, nas tuas águas eu brinquei, em tuas margens eu sonhei, nas tuas areias eu desenhei o meu futuro. Rio Jaguaribe, margem direita, margem esquerda, me deito em teu leito. Fico na tua terceira margem, aquela do veio poético, que sacia a alma dos passantes, que banham mesmo aqueles que de ti não tem **cuidado** e lançam sobre o teu corpo líquido os seus dejetos. Rio sofrido, querido, que murmura tantas histórias ancestrais. Rio das onças, de tempos imemoriais. Rio das muitas infâncias. Rio dos grandes poemas, das noites de luar, das flores de aguapé. Rio de águas balançadas pelo vento Aracati. Águas que escorrem pelo sertão do meu sangue. Rio Jaguaribe o rio mais importante do mundo, o rio da minha aldeia (Alves, 2024, 15:45 min).

A experiência das águas do rio carrega, para a autora, o sentimento de suas lembranças. As margens do rio guardam os sonhos da infância, de um futuro desenhado nas areias que acompanham as ribeiras. A terceira margem, em alusão a Guimarães Rosa e seu famoso conto, representa esse território do impetuoso imaginário, dos balanços ora reais, ora sonhados. O rio sofre e traz, em suas correntezas, o murmúrio de um corpo cheio de marcas. E, ainda assim, é um rio de rememorações do luar, da experiência de suas águas frias sobre a pele daqueles que mergulham ou são banhados por elas. Essa sensibilidade que a autora nos transmite ocorre por meio de uma experiência sutil, auxiliada pela acuidade dos sentidos.

Por fim, ela narra finalizando o documentário, recordando os rios do mundo;

Rios, veias da terra, o Mississippi, o Sena, o Volga, o Ganges, o Danúbio, o Nilo, o Jordão, o Tejo, o Amazonas, o São Francisco, o Jaguaribe. Ah Pessoa, você cometeu um equívoco. É o Jaguaribe, o rio mais belo do mundo, o rio da minha aldeia (Alves, 2024, 15:18 min).

Os rios do mundo alimentam o imaginário do rio Jaguaribe. Ao chegar a outros rios, lembro-me subitamente deste, que, para ela, para nós e para tantos outros artistas jaguaribanos, é também o rio mais importante. Ao longo desse movimento que se realiza junto às águas, torna-se evidente uma conexão que transborda para além das margens, lembro, assim, das palavras de Gratão (2002, p. 102) “[...] a poética se apresenta como dimensão humana que melhor capta o espírito humano”. Essa faísca que surge através dessas diversas expressões das artes são parte daquilo que descrevemos como uma geopoética jaguaribana.

Este capítulo divide-se em duas partes principais: na primeira, nos debruçamos sobre as expressões artísticas que trazem o rio Jaguaribe como tema ou presença em suas composições; na segunda, acompanhamos as viagens realizadas com o intuito de conhecer e vivenciar o rio em suas diferentes paisagens. A seguir, entraremos nos detalhes desses encontros, observações, experiências e percursos trilhados para que o rio Jaguaribe, em sua grandeza, nos inundasse com suas águas.

4.2 Pelos caminhos do Jaguaribe: escutas, encantos e encontros.

Se escrever sobre o Jaguaribe já é uma forma de atravessá-lo, estar diante dele é como tocar a própria memória viva da paisagem. O rio que antes era lembrança, palavra ou imagem se transforma em corpo, som, cheiro, movimento. As viagens realizadas ao longo de seu curso foram mais que deslocamentos no espaço, foram mergulhos em diferentes temporalidades e afetos que habitam suas margens.

Cada parada, cada conversa, cada curva do rio trouxe à tona novas camadas de sentido. O Jaguaribe nos recebeu com o seu tempo, às vezes largo e silencioso, às vezes estreito e apressado. Este subcapítulo é, portanto, um convite a percorrer esses caminhos, a escutar o rio em suas múltiplas vozes e a perceber, nos detalhes do percurso, os vestígios daquilo que só a presença pode revelar.

Imagem 19 – Platô da contemplação, em Aracati, Ceará.



Fonte: FIGUEIREDO, Débora, R, C. 2025

A viagem não começa quando se percorrem distâncias, mas quando se atravessam as nossas fronteiras interiores. A viagem acontece quando acordamos fora do corpo, longe do último lugar onde podemos ter casa (Couto, 2006, p. 50).

A viagem, muito antes de começar, inicia-se no coração, no desejo, na ida imaginária àquele lugar, pois ele já existe em nosso campo imaginativo, brilhoso, refletido de camadas pensadas, na espera... e, em nosso caso, no frio da barriga. Penso nas palavras de Couto (2006), como convocação dessa viagem que se inicia quase sempre dentro de nós mesmos, atravessando as barreiras e inseguranças que moram em lugares profundos. Viajar pelas águas do Jaguaribe, começou assim; como força imaginativa de nosso ser sobre aquele lugar que, antes do encontro, já nos visitava em sonhos.

Antes do nosso encontro com as águas, mergulhamos em diversos materiais que trouxessem algumas imagens sobre aquele rio, na esperança de nos preparar para tal aproximação. Alimentando cada vez mais nosso imaginário, nos colocamos frente a escuta de músicas, documentários, visitas à biblioteca pública, conversas com colegas, todos na ânsia em

conhecer e nos alimentar proporcionando sentir um pouco sobre esse rio, antes de nosso encontro.

Para Onfray (2009), o papel, a escrita, os livros..., reverberam em nós um desejo em estar e conhecer aqueles lugares nas quais estamos nos encontrando através de palavras, nos dando asas para imaginar, ativando sensações, preparando nosso corpo para o que está por vir. Nas palavras de Onfray (2009, p. 24) é certo que, “toda viagem vela e desvela uma reminiscência”.

A preparação para essa experiência, colocou em nossas ações desafios antes nunca imaginados. Quantas perguntas permearam os caminhos que trilhamos, muitos desses questionamentos seguiram-nos durante toda a pesquisa: será esse o melhor jeito de pesquisar? Por onde podemos começar? E aquela pergunta que sempre nos encontra; será que tudo isso faz algum sentido? Intuída por tantos “e se”, continuamos confiando no caminho e nessa trajetória.

É certo que, durante toda essa pesquisa sonhada, o rio se tornou nosso companheiro de jornada. Durante os momentos de inseguranças e medos na pesquisa, lembrei de suas águas que ora passam tão lentamente sobre seu leito, transitando em correntezas leves, carregando apenas pequenos grãos com suas águas em remanso. Todavia, em outros momentos, suas águas correm velozmente, desenhando no leito sua passagem feroz. São desses movimentos flexíveis das águas que nossos questionamentos se contornam perante a fluidez que as águas ensinam, tomamos o rio Jaguaribe como professor de toda trajetória.

Foram incontáveis as experiências com o rio Jaguaribe: Sentimos sua corrente de ar fresco pelos cabelos, experimentamos os sabores de uma culinária tão expressiva na beira do rio, mergulhamos em suas águas frias em um fim de manhã, afundamos os pés na lama gelada do mangue, observamos o fluxo das águas do rio e seu vai e vem com as marés, ouvimos relatos, colecionamos imagens, nos perdemos em tantos caminhos e logo então nos encontramos novamente. Uma jornada sentida, observada, vivida e encantada.

Nesse texto, rememoramos com palavras, aquilo que foi vivido com o corpo, alma e porque não, espírito, nosso com o rio, a partir de nossas experiências vividas nas cidades de Aracati e Fortim, no encontro do rio com o mar. Em nossas viagens, estivemos dispostos a conversas com as pessoas enquanto andávamos pelas cidades. Assim, boa parte das conduções foram feitas enquanto caminhávamos pela cidade, de forma que, ao observar e notar abertura, sentávamos próximo e iniciávamos um diálogo. Através de conversas informais, conseguimos abertura para logo em seguida questionar sobre algo específico de nossa pesquisa.

Ao longo de nossas idas a campo, conversamos com vendedores das cidades, artesãos, esportistas, barqueiros, atendentes de pousadas e transeuntes. Em outros momentos,

agendamos conversas com pessoas específicas, cujos horários eram mais restritos, alguns desses encontros aconteceram de forma virtual, por escolha dos próprios participantes. Em todas as ocasiões, fosse durante as viagens presenciais ou nos encontros online, nossa escuta esteve sempre ativa, atenta aos detalhes e ao que o outro desejava nos dizer.

No início da pesquisa, submetemos um roteiro de entrevistas ao Comitê de Ética, cujos tópicos foram analisados e aprovados, orientando-nos em campo como ponto de partida para perguntas ou início de diálogos. No entanto, mais do que nos apegarmos às questões previamente escritas, estávamos abertas ao que cada pessoa trazia e havia sempre algo que escapava ao roteiro, algo especial que surgia no improviso do encontro. Andávamos sempre na companhia de nosso caderno de campo, cujas folhas estavam a todo momento sendo preenchidas por observações e narrativas que ouvimos ao longo do trajeto.

A seguir, listamos os tópicos aprovados que serviram como base norteadora para a escuta em campo:

- O rio Jaguaribe e o trabalho.
- O rio Jaguaribe e o lazer da população
- Percepção do rio pelas pessoas;
- Histórias de vida que envolvem o rio Jaguaribe;
- Conhecimentos tradicionais da população;
- O rio Jaguaribe e as cidades de Fortim e Aracati.

Neste trabalho, destacamos quatro viagens e experiências vividas junto ao rio Jaguaribe. A partir delas, reunimos relatos, observações, imagens, mergulhos, sabores e outras vivências que compõem aquilo que chamamos aqui de experiências geográficas jaguaribanas. Por uma escolha metodológica, ao mesmo tempo prática e ética, optamos por preservar a identidade das pessoas com quem conversamos informalmente, em momentos espontâneos durante nossas idas a campo, sem gravações nem entrevistas estruturadas. Nessas situações, mencionamos apenas a ocupação da pessoa e a inicial do seu nome. Essa abordagem se justifica por ser mais ágil na coleta dos relatos e por respeitar o caráter livre e não-invasivo dessas conversas, permitindo que os participantes compartilhassem suas percepções com mais naturalidade e confiança.

Nos casos em que as entrevistas ocorreram formalmente, com gravações e consentimento registrado, os nomes dos participantes são indicados ao longo do texto, especialmente quando suas falas forem citadas diretamente. Ao longo do texto, teceremos com

melhores detalhes as abordagens e aproximações feitas para cada pessoa que topou em conversar conosco e participar de nossa pesquisa.

4.2.1 Primeira Viagem

Conforme Onfray (2009, p. 26), a viagem começa “quando giramos a chave na fechadura da porta de casa, quando fechamos e deixamos para trás nosso domicílio, nosso porto de matrícula”. Nosso ponto de partida foi Fortaleza, de onde partimos rumo a primeira viagem de encontro com o rio Jaguaribe, ocorrido na cidade de Aracati. A viagem de Fortaleza a cidade de Aracati dura em média duas horas, percorrendo aproximadamente 153 quilômetros rumo ao litoral leste. No ano de 2023, no mês de outubro, vivenciamos a “Festa do Mangue”, um evento que celebra a vida e a resistência da comunidade quilombola do Cumbe, situada no distrito de mesmo nome, no município de Aracati.

O Cumbe possui uma história marcante, destacando-se desde o período dos grandes engenhos do século XVIII. Na época, a localidade ganhou notoriedade pela produção de sua afamada cachaça e foi, também, mencionada pela “Comissão Científica do Império” devido aos moinhos artesanais construídos com carnaúba, usados para a irrigação das plantações de cana-de-açúcar (Pinto, 2009). O nome "Cumbe" tem origem africana e significa quilombo. Curiosamente, na Venezuela, a palavra também é usada para se referir diretamente a quilombos, o que evidencia a forte conexão africana presente na região jaguaribana. Essa influência está enraizada na diversidade cultural do lugar, assim como na memória e na herança histórica do Cumbe.

A “IX Festa do Mangue”, a qual estivemos presentes, aconteceu dos dias 27 a 29 de outubro de 2023, chegamos à comunidade por volta das onze horas da manhã na sexta feira. O local era agradável, com ventos constantes e um vai e vem de muitas pessoas. As paredes da comunidade expressavam logo na entrada sua potência frente àquele lugar que estava situado (Imagem 20). Logo em seguida, nos direcionamos as nossas acomodações para aquele final de semana; uma bela casa com varanda para “armarmos” nossas redes.

Imagem 20 – Paredes da entrada da Comunidade Quilombola do Cumbe.



Fonte: FIGUEIREDO, Débora, R, C. 2023

Na sexta-feira (dia 27), houve uma caminhada rumo as dunas, era próximo ao final da tarde, mas ainda tinha um sol brilhante acompanhando nossa caminhada. Ao subir, rendidos pela exuberância daqueles grãos juntos formando morros esbranquiçados de areias, começamos a contemplar onde estávamos, perceber o lugar de cima foi uma experiência marcante.

No primeiro momento, estivemos na presença do líder da comunidade (João do Cumbe), por ele, tivemos conhecimento sobre as memórias ancestrais daquele lugar e as frentes de resistências entre a comunidade, as torres eólicas que estão fixadas na paisagem e os tanques da carcinicultura. Para várias direções que olhávamos, os aerogeradores eram apresentados como uma marca naquelas areias dunares. Em nossas anotações, algumas palavras saltaram em nossos olhos, pois foram marcantes daquela experiência em específico:

Notas de viagem

Dunas. Sítios arqueológicos, datados de mais ou menos doze mil anos;
 Relação com o ecossistema manguezal. Caça, pesca, nômade, reencarnação;
 Cerâmicas (tupi-guarani). Ce-Rn – Potiguara (comedor de camarão).
 Cumbe, última comunidade a margem direita do rio Jaguaribe;
 Muitas gamboas, braços do rio, salgado com as marés;
 Em períodos de chuva, mini lençóis;
 1977, descobriram que o Cumbe tinha água nas dunas (Aqüíferos naturais);
 Hoje abriga parque eólicos nas dunas, várias resistências com a comunidade, povos de lutas;
 Década de 80 – cultura do camarão (Carcinicultura)
 Outra problemática? Conflitos constantes? (Diário de campo, 2023).

As dunas pertencentes naquele lugar, guardam uma memória longa, integrantes também daquela comunidade que reconhece essa história. Infelizmente, as torres eólicas competem na paisagem, suas alturas se destacam aos olhos, torres essas que se destacam por toda a margem direita do município de Aracati. A mobilidade pelas dunas, antes feita livremente pelas pessoas da comunidade, agora é limitada por placas de **perigo** e impedindo a passagem, impactos são fortemente pautados pela comunidade quilombola do Cumbe. Além disso, os grandes viveiros de camarões (carcinicultura), também disputam pelas águas, pela paisagem e por cada vez mais espaços naquele lugar (Imagem 21).

Imagem 21 – Contrastes da paisagem: “Eólicas, Viveiros de Camarões e o rio Jaguaribe”



Fonte: FIGUEIREDO, Débora, R, C. 2023

Após uma subida revigorante, fomos convidados a olhar pela paisagem que nos envolvia, era impossível não notar os contrastes existentes, nosso olhar se lançava na busca da contemplação, mas éramos, ao mesmo tempo, abatidos por tantas transformações e impactos que foi revelado a partir daquilo que olhamos, reparamos e ouvimos. Essa paisagem da qual estamos falando, é demonstrativa da vida moderna que se alastra em nossos dias, apagando a

cada momento a natureza e a inserindo no processo produtivo, assim como dito por Risso, (2020, p. 310):

A sociedade urbano-industrial trouxe o aumento do consumo de elementos naturais para serem usados no processo produtivo, e, como externalidade, a poluição da água, do ar, do solo, diminuição da biodiversidade, extinção de espécies, doenças, desigualdades e exclusão social.

A todo momento a paisagem das contradições se revelava no contexto do rio Jaguaribe, como dito por Risso (2020), uma separação corpo e mente. As águas do rio e o contraste de estruturas eólicas, o olhar de um curso do rio seguindo seu caminho e grandes tanques de viveiros de camarões que trazem outros cheiros, outros contornos àquele lugar. Por vezes, pensar outras formas de ouvir, ver e sentir o lugar, se tornam um dos maiores desafios para quem se coloca nessa perspectiva.

Mesmo com os contrastes, nossa caminhada continuou, e ao fim da tarde, quando o sol pairou no horizonte, marcando o pôr do sol, sentamos naquela areia sentindo o vento cada vez mais forte em nossos cabelos e rostos, olhamos os grãos das areias mudando de lugar, ouvimos os relatos, conversamos sobre o lugar, houve cantoria e muitos movimentos. Estar lá foi como um presente para a alma (Imagem 22).

Imagem 22 – Pôr do sol nas dunas



Fonte: FIGUEIREDO, Débora, R, C. 2023.

No segundo dia (28), tivemos a oportunidade de estar pela primeira vez à beira do rio Jaguaribe. Em minhas anotações, intitulei esse dia como "Boas-vindas ao Rio". A caminhada até o píer foi feita sob um sol intenso que aquecia todo o corpo; a pele parecia esticar e os pés queimavam, mesmo usando chinelos. O céu estava claro e ensolarado, e os raios refletiam no chão, que estava coberto por búzios e cascas de conchas. Era o convite perfeito para estar no rio.

Escrevo estas palavras rememorando as sensações corporais daquele dia. O calor intenso do sol aquecia o corpo, mas, à medida que nos aproximávamos das águas, uma brisa fresca nos envolvia. O vento ganhava força, umedecendo o ambiente e também nossos corpos. O céu, limpo e aberto, abrigava nuvens flutuantes que, de tempos em tempos, nos presenteavam com breves instantes de sombra. Enquanto isso, aguardávamos a chegada dos barqueiros, que conduziam grupos de, em média, oito pessoas, até que finalmente chegasse a nossa vez.

Enquanto aguardávamos, observamos atentamente a dinâmica daquele dia. Ouvíamos os comentários soltos de algumas pessoas ao redor e, quase sem perceber, anotávamos tudo em nosso caderno de viagem, companheiro fiel ao longo de toda a pesquisa. Os barqueiros chegavam e partiam a todo momento. Com impressionante maestria, dominavam o rio e seus movimentos; conheciam as correntezas, as marés, e manobravam as embarcações com tanta naturalidade que pareciam fazer parte dos próprios barcos. Suas características nos chamavam a atenção: os pés quase sempre descalços, marcados pela água e pela areia; a pele bronzeada pelo sol revelava o tempo que permaneciam ali, naquele lugar que parecia extensão de seus próprios corpos.

Imagem 23 – Em espera, nas gamboas do Jaguaribe.



Fonte: FIGUEIREDO, Débora, R, C. 2023

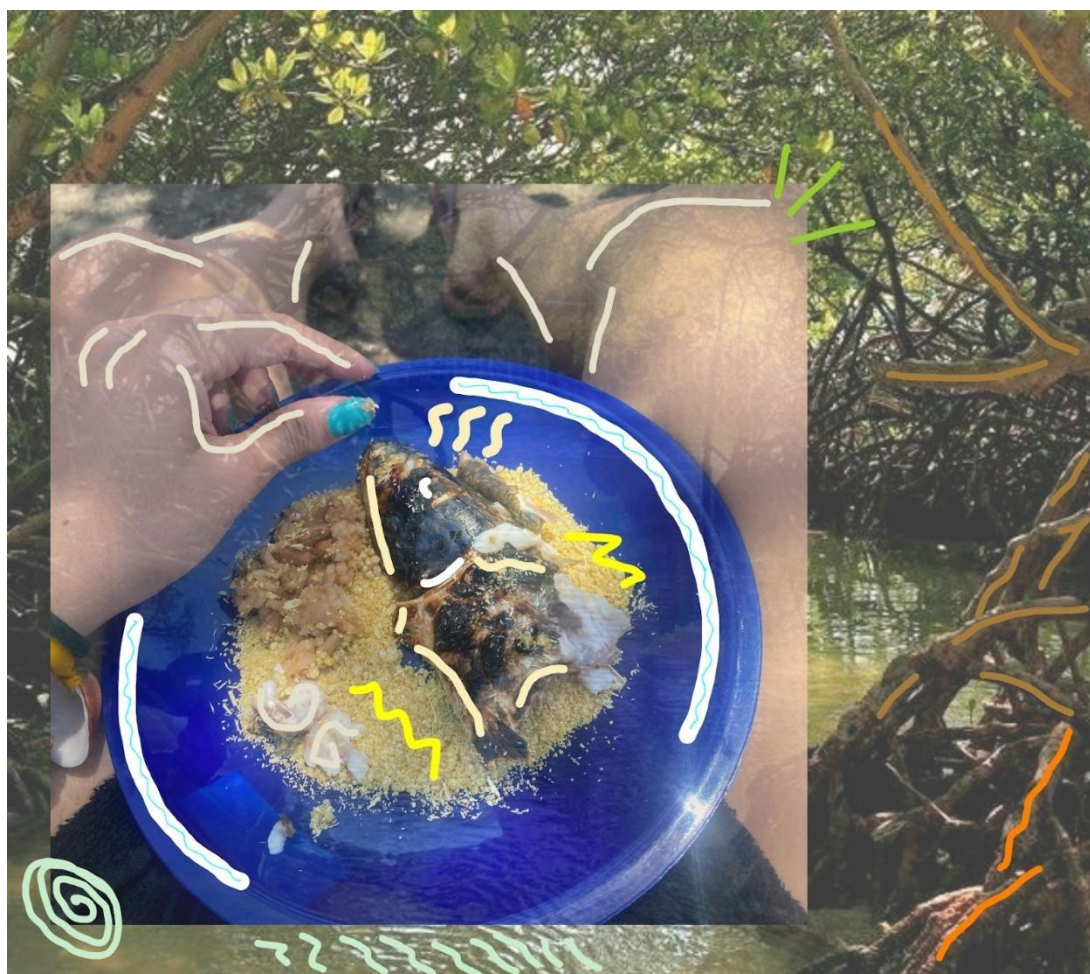
A imagem acima revela o lugar onde esperamos. Quando chegou nossa vez, embarcamos e logo encontramos um lugar na ponta do pequeno barco, buscando uma vista privilegiada, sempre voltados para o rio. No início, uma corrente de ansiedade percorreu nossos corpos, e nos deixamos levar pelo movimento das águas, permitindo que dissipassem as preocupações. O barco desliza por uma das gamboas, pequenos braços do rio, onde a água é mais lodosa, fluindo devagar, a ponto de podermos contemplar as áreas de manguezais e observar a vida correndo solta por aquelas margens: mariscos, caranguejos, seres livres naquele espaço. Deixamos que a água escorresse por entre os dedos e tocasse nossa pele. É um primeiro encontro tão aguardado marcado pela ânsia, reflexo típico do início: **de um percurso, de uma pesquisa, das inseguranças**. Ainda assim, nos invadiu aquela sensação que esfria o corpo e acalma os ânimos.

Ao sairmos das gamboas, o barco logo se encontra com as águas do Jaguaribe em seu curso principal, uma grandeza que espelha sua majestosa água clara por aquele lugar. O

percurso não demora muito e logo encontramos uma pequena ilha onde muitas pessoas já estão. Ao chegar no local, nos deparamos com uma estrutura para fazer uma sombra junto às árvores, havia também ali uma brasa onde peixes e ostras eram grelhados. Os pescadores, logo cedo, trouxeram as iguarias culinárias e não deixamos de provar.

Logo pegamos uma porção de peixe assado, baião e farinha. Sentamos no chão como improvisado do lugar, comemos junto a outras pessoas, observando todo o movimento daquele dia (Imagem 24). Para além da alimentação, o dia contou com muitas atividades, as chamadas **oficinas** que aconteceram boa parte pelo rio Jaguaribe. Escolhemos a oficina de pesca com tarrafa, o instrumento é utilizado para capturar peixes e camarões com uma rede, apesar de parecer fácil, é preciso uma técnica para lançar a rede.

Imagem 24 – Comidas Jaguaribanas



Fonte: FIGUEIREDO, Débora, R, C. 2023

O restante do dia foi marcado por momentos de lazer, conversas e banhos de rio. Em meio às trocas, houve também diálogos com as lideranças da comunidade, que ressaltaram a importância do rio para a vida coletiva. Atualmente, o Cumbe enfrenta os impactos dos

grandes empreendimentos que se expandem pela região de Aracati. Por ser um território com uma abundância em natureza e com potencial turístico crescente, torna-se cada vez mais desejado...

Essa realidade tem motivado a realização anual da Festa do Mangue, evento que se consolida como um gesto de resistência e valorização da cultura local. A celebração reafirma a natureza como parte essencial da existência humana, lembrando que dela provém a subsistência e elementos fundamentais para a vida comunitária.

4.2.2 Segunda Viagem

A segunda viagem de encontro ao rio aconteceu nos dias 22, 23 e 24 de março de 2024, agora com destino à cidade de Fortim. Para esse novo percurso, optamos por uma pousada localizada no centro da cidade. A escolha se deu tanto pela logística quanto pela intenção de facilitar o contato com mais pessoas da comunidade. Da janela do quarto, era possível avistar uma praça, uma quadra e o rio, bordejando silenciosamente a cidade, uma paisagem que convidava à contemplação.

Fortim, como mencionamos anteriormente, é uma cidade jovem. Durante nossa passagem, o município comemorava seu trigésimo segundo aniversário. Marco importante que simboliza a separação de seu vizinho Aracati, processo que os moradores costumam lembrar com orgulho como uma verdadeira emancipação. Desde então, o crescimento da cidade tem se voltado quase inteiramente ao turismo. A demanda por pousadas é constante, e nos períodos festivos, Fortim se enche de visitantes, muitos vêm dos municípios vizinhos, com *transfers* circulando a todo momento, levando e trazendo pessoas entre praias, pousadas e pontos turísticos.

Em Fortim, há uma grande influência do rio nos nomes das pousadas, dos lugares, e da própria cidade, que relembra o Forte de São Lourenço, que remonta ao período colonial na qual havia um forte e um porto, local de escoamento de produtos pelo rio Jaguaribe. A história do lugar se espelha por onde andamos, de simbolismo sobre a cidade.

Em todas as nossas viagens, a abordagem iniciava por um diálogo informal, com pedido de auxílio ou apenas com conversas informais, até conseguir me enveredar para os assuntos do rio Jaguaribe. É certo que, a cada pessoa conhecida, nos é apresentada alguém mais, o que aumentava nosso rol de conhecidos pela cidade. Em um dos momentos de andanças pela pousada, fui à recepção do local e perguntei à atendente se podia conversar com ela e, de início, perguntar sobre os passeios e pedindo contato de alguém pela cidade;

Debora: *Se quiser depois me contar algumas coisas daqui da cidade, do rio Jaguaribe, ficaria feliz.*

Atendente D: *Tô feliz em contar, porque gosto muito desse estilo de viagem também, pra conhecer, eu gosto muito também.*

Acho que aqui ainda falta muito de contar a história.

Debora: *Ah, é, por quê?*

Atendente D: *O turismo tá começando agora e acredito que já é necessário meios para contar essas histórias. Porque aqui no Fortim não se tem muito essa valorização da cultura, e eu acho interessante. Aqui tem uma floresta de cactos que é linda, mas nunca ninguém vai lá.*

Debora: *E na cidade tem coisas bem bacanas. Seria legal mesmo.*

Atendente D: *Tem um mirante, que é pertinho da pousada, não tem muito o que ver lá, mas a vista do topo é incrível. O rio é a renda basicamente da cidade, aqui tem muitos pescadores.*

Para muitos, o rio é sinônimo de trabalho. O Jaguaribe constitui parte intrínseca da rede de relações entre o povo da cidade e seu sustento. Em Fortim, sobretudo, o rio aparece como recurso direto para a geração de renda: dele se retira o peixe para a comercialização, realizam-se passeios diários por suas águas e desenvolvem-se esportes radicais, especialmente na região de sua foz. São múltiplas as formas pelas quais o Jaguaribe é apropriado para fins turísticos, e Fortim se destaca nesse cenário, uma vez que tem crescido a partir da valorização de seu potencial natural, rios e praias compondo paisagens comercializáveis.

Logo ao amanhecer, ao caminhar pelas margens do rio, é possível observar pescadores organizando seus barcos, limpando peixes ou afiando facas (Imagem 25), preparando-se para mais um dia de trabalho. A pesca se configura como uma importante fonte de renda, ainda mais com o aumento da demanda gerada pelo turismo: são as barracas das praias e os visitantes que impulsionam essa necessidade cotidiana.

Imagem 25 – Pescadores às margens: entre barcos e peixes.



Fonte: FIGUEIREDO, D, R C, 2024

Diferentemente da experiência vivida na comunidade do Cumbe, onde há uma proposta de turismo ecológico pautada na convivência próxima com o rio, em Fortim o turismo se articula fortemente com redes de serviços interligados. Assim, ao demonstrar interesse por um passeio de barco, logo se inicia a oferta de outras atividades, como o passeio de quadriciclo pelas praias vizinhas, compondo um circuito integrado voltado ao consumo da paisagem da cidade.

Ao circular pela cidade e conversar informalmente com moradores, percebemos uma mudança significativa no cenário urbano de Fortim, impulsionada pela intenção clara de atrair novos turistas. As vias de acesso ao município foram melhoradas, as ruas e praças passaram por reformas, espaços de observação do rio foram criados, além da implantação de iluminação pública eficiente, areninhas e outros equipamentos urbanos. Essas transformações recentes evidenciam um processo de crescimento e embelezamento da cidade.

Para muitos moradores, essas mudanças são motivo de orgulho. Pontos antes degradados foram revitalizados e hoje atraem visitantes, movimentando a economia local e reforçando o sentimento de pertencimento. Em meio a essas conversas, tivemos a oportunidade

de conhecer os textos do escritor e memorialista Antero Pereira, que, com sensibilidade, nos apresentou aspectos singulares de Fortim por meio de suas palavras, traçando com elas um retrato afetivo e identitário da cidade;

O Fortim, cidadela que o homem construiu para proteger esse paraíso, (o rio Jaguaribe) ainda reserva um pouco do seu passado glorioso no que restou do velho Trapiche destruído pela fúria do tempo e o despreparo do homem em preservar e conservar o seu passado...

Nesse Trapiche ancoravam navios e vapores de várias procedências do País que vinham receber o sal extraído da maior salina a céu aberto do mundo – A Salina Canoé – transportado por locomotivas numa distância de mais de nove quilômetros. Nesse mesmo Trapiche a riqueza que era produzida no alto sertão do Ceará, aqui era embarcada para todos os lugares do mundo

Fortim, apesar das mudanças significativas dos últimos anos, ainda carrega as raízes vivas de sua história. A cidade se adapta às exigências do mundo contemporâneo, mas resiste, em muitos aspectos, às transformações mais ferozes em sua paisagem e modo de vida. Em meio à modernização, persistem marcas profundas de uma herança ancestral que se faz presente no cotidiano, na memória e nas práticas dos que ali vivem. Como nos lembra Lowenthal (2024, p. 123), “a continuidade íntima do passado com o presente é uma fonte de conforto”, e é justamente essa continuidade que fortalece o sentimento de pertencimento e identidade no lugar.

Durante nossas andanças pela cidade, na hora do almoço, encontramos um lugar um tanto escondido, mas que nos chamava a atenção por oferecer acesso direto ao rio Jaguaribe. Era o restaurante “Peixada do Flávio”; simples, caseiro, acolhedor. Assim que entramos, logo achamos um lugar para sentar. O espaço se dividia em duas partes: uma mais reservada, ao estilo de sala, distante do rio; e outra, um píer coberto que avançava em direção às águas, onde era cobrado um valor adicional. A paisagem aberta para o Jaguaribe, com ventos fortes e o som das águas tocando suavemente a margem, fazia daquele o espaço preferido pelos clientes. A vista privilegiada carregava um valor a mais, não apenas no preço, mas na experiência vivida.

Pedimos a tradicional peixada com pirão, arroz e batatas (imagem 26). Os sabores, junto à paisagem, como bem lembram Gratão (2012), compõem uma experiência geográfica: aquilo que nos encanta e nos conecta ao mundo. Em nosso caso, saborear cada elemento oferecido pelo rio tornou-se uma lembrança permanente e, mais do que isso, um registro vivo em nossa pesquisa. Afinal, como escreve Gratão (2012, p. 34), “o sabor se põe à mesa em forma de paisagem extensão da Terra”. Os sabores jaguaribanos aguçaram nossos sentidos,

transformando aquele almoço simples em uma vivência singular, marcada pela força do lugar. Sobre esse sentimento, escrevemos:

Sabores de Beira-rio

Na beira do Jaguaribe, o vento penteia cabelos
e tempera o cheiro do dia com sal de lembrança.
O peixe assa lento na brasa das horas,
soltando fumaça que conversa com a maré.

O pirão engrossa a fala dos antigos,
que contam histórias com gosto de rio.
Tem sabor de água barrenta na língua,
de garça pousada no prato do tempo.

A paisagem cozinha os instantes
num caldeirão de luz e correnteza.
E o vento, esse menino danado,
leva no rastro o sabor da vida.
(Elaborado pela autora, 2025).

Imagem 26 – Sabores Jaguaribanos



Fonte: FIGUEIREDO, D, R C, 2024

No dia seguinte fizemos o passeio pelo rio Jaguaribe. Saímos da cidade rumo ao distrito chamado “Barra”, onde os barcos são atracados para iniciar os passeios, o local onde há

uma pequena praia, já na foz do rio, é chamado pelos locais como “boca da barra”, pois sua proximidade com o mar é expressiva. Para partirmos pelo rio, os barqueiros de catamarãs esperam um volume de aproximadamente quinze pessoas para partir em passeio.

O dia é ensolarado e combina perfeitamente com o dia de banho no rio. Ao longo de todo o caminho, dois barqueiros conversam falando um pouco sobre os casarões que ficam próximos à margem esquerda do rio, pertencente à Fortim. O local se tornou atrativo para a construção de grandes casas, muitas delas constroem um píer até as águas do rio, com estruturas para guardar suas lanchas e barcos particulares. (Imagem 27). A paisagem privilegiada, em muitos locais, tem um dono. Fazendo apenas aos visitantes, breves momentos a essa paisagem, quando os barcos atravessam.

Imagem 27 – Margem esquerda em Fortim - casarões e estruturas por toda a paisagem.



Fonte: FIGUEIREDO, D, R C, 2024

O passeio pelas águas do Jaguaribe dura em média uma hora e meia, fazendo um percurso por boa parte do rio margeando as duas cidades da foz, Aracati e Fortim. De um lado (Fortim), as casas, a cidade, os muros, se destacam por toda aquela extensão, na margem direita (Aracati), a paisagem é tomada por áreas de manguezais, alguns bancos de areias e muitas torres

eólicas. Duas margens cobertas pelo sentido da modernidade, acompanhando o caminho do rio. Sempre nos questionando sobre aquele lugar, percebemos ao longo do trajeto, os outros “passeantes” de barco, um olhar de surpresa sobre aquele lugar onde passávamos.

O trajeto feito pelo barco tem algumas paradas, dentre elas o chamado “canal do amor”, um famoso braço do rio que se tornou uma pausa obrigatória aos que realizam o passeio. O memorialista Antero Pereira, nos entregou um escrito feito por ele chamado “Um passeio pelo Jaguaribe”, onde o autor escreve sobre diversos pontos de paragem ao longo do rio, com seus símbolos marcantes e trechos históricos. Em um desses lugares diz respeito ao canal do amor, sobre o qual escreve:

O Canal do Amor é o mais extenso e também o mais bonito braço do rio Jaguaribe. Nem parece um braço de rio, parece mesmo um rio, por sua extensão e diversidade de pequenos canais e gamboas existentes dentro de seus limites. A história que deu a esse canal o nome de Amor, contam os mais antigos, ocorreu por causa de um romance entre um marinheiro português e uma jovem índia tabajara, que foram enfeitiçados por um pajé tabajara, contrário a esse romance, transformando-os em um casal de peixes condenando-os a viverem para sempre presos como se acorrentados dentro do canal do amor sem nunca poder vir ao leito do rio Jaguaribe.

Essa parada, feita por quase todos os barcos que navegam pelas águas do Jaguaribe, também marcou a nossa travessia. Ao entrarmos no chamado “Canal do Amor”, percebemos uma mudança na coloração das águas que se tornaram mais esverdeadas e lodosas, resultado da mistura com o mangue. Localizado na margem direita do rio, esse canal abriga um manguezal bem expressivo, onde observamos a complexidade da vida que se entrelaça nas raízes aéreas, típicas desse ecossistema. Nas margens a vida miúda se movimentava intensamente, destacando-se o caranguejo Aratu, com sua coloração vermelha vibrante, que conferia uma beleza singular à paisagem.

Durante o período da nossa viagem, a cidade celebrava as festividades em comemoração ao aniversário de Fortim. Alguns desses eventos ocorriam no próprio rio Jaguaribe, como o festival de pescaria e a travessia a nado. Enquanto navegávamos em nosso passeio de barco, tivemos a oportunidade de presenciar esses dois momentos. Em uma das paradas, observamos nadadores cruzando o rio em direção à margem, cenas marcantes que tornaram a experiência ainda mais memorável.

O rio Jaguaribe, nesse contexto, também se revela como espaço de lazer e diversão. É nele que acontecem atividades comemorativas e brincadeiras aquáticas que alimentam um sentimento de alegria constante. Suas águas nos presenteiam com momentos de leveza, permitindo, por instantes, que nossa alma infantil venha à tona. Entre as diversas atividades que proporcionam diversão no rio, destaca-se a *banana boat*, uma boia em formato de banana, onde várias pessoas embarcam, sendo puxadas por um jet-ski ou lancha.

O desafio é permanecer na bóia, resistindo à velocidade e às curvas que, antes, terminavam com todos sendo lançados nas águas, em gargalhadas. Ao perguntarmos sobre essa prática, um dos organizadores nos explicou que, por determinação da Marinha, não é mais permitido que a brincadeira provoque quedas na água, uma medida preventiva por questões de segurança. Ainda assim, a *banana boat* continua arrancando sorrisos e garantindo momentos de pura diversão (Imagem 28).

Imagem 28 – Banana boat pelas águas do Jaguaribe.



Fonte: FIGUEIREDO, D, R C, 2024

Ao longo do passeio, também tivemos a chance de saborear um pouco da culinária local. Em todas as nossas viagens, buscamos nos abrir verdadeiramente à experiência do lugar e isso incluiu, claro, a gastronomia. Durante o trajeto, provamos petiscos de camarão servidos em espetos, assados ali mesmo, no barco, para que pudéssemos desfrutar da paisagem enquanto conhecíamos um pouco mais dos sabores da região. Além da fome que costuma surgir em certos momentos da travessia, há ainda o sol que logo esquentava nossa pele e faz o corpo clamar, sedento, por um banho nas águas geladas do rio. Esse banho tão aguardada marca, com frescor e alívio, o fim da travessia pelas águas do Jaguaribe. (Imagem 29).

Imagem 29 – Pausa para banho no rio



Fonte: FIGUEIREDO, D, R C, 2024

Os momentos de parada são sempre carregados de sentimentos e encantos. Sentir o vento e o frescor da água tocando a pele é como um banho renovador, depois do sol quente nos deixar sedentos por alívio. Observar as cores que se misturam, o azul do céu, a areia clara e o brilho das águas, compõem uma verdadeira paisagem-rio. Essa contemplação que temos levado conosco na pesquisa, se tornaram parte do que buscamos incorporar como existência humana: um reencontro constante com nossa natureza interior. É nesse encontro, mediado pela paisagem, que, como nos lembra Grato (2012), o ser humano se insere no mundo atravessando a paisagem como forma de habitar a Terra.

4.2.3 Terceira viagem

Quando se está no meio do acontecimento, só existe a multiplicidade de informações vividas em desordem: profusão de flechas, de solicitações, de fogos em feixe, nada havendo de sensato aqui e agora. O corpo se abre à experiência, registra e armazena o difuso, o diverso (Onfray, 2009, p. 36).

Pela terceira vez, estivemos no rio Jaguaribe. Abrimos essa lembrança com as palavras de Onfray (2009), que dizem muito do que sentimos ao viajar. No momento presente da travessia, tudo acontece de modo inesperado e a gente simplesmente sente o instante, vive o que chega, como se fosse possível prever o imprevisível. Depois de seguir por esses caminhos pisados e vestidos de sentidos, nos colocamos agora no lugar da escrita, tarefa desafiadora, que exige da gente mais do que palavras: exige memória de pele, notas do sentir, experiências cósmicas do lugar. É com elas que nos resguardamos nas imagens e lembranças. Para ele, é quando estamos distantes do tempo vivido que essas formas congeladas nos despertam outra vez, como se chamassem de volta aquilo que parecia já passado (Onfray, 2009).

Partimos de Fortaleza rumo à cidade de Fortim, mais uma vez. A coragem, essa sim, é roupa essencial e precisa caber na mala e também no peito. Saímos no dia 24 de maio de 2024. Seguimos de ônibus, numa linha que parte diariamente da capital em direção às cidades do litoral Leste, onde se localizam Aracati e Fortim. Viajar de ônibus tem suas delicadezas: o tempo se estica no balanço da estrada e o olhar se perde entre os verdes que dançam pela janela. As nuvens aparecem e desaparecem em minutos, sob um céu de azul profundo, quase inalcançável. É nesse compasso de paisagem e silêncio que as palavras de Onfray (2009, p. 29) nos alcançam com força, quase sussurradas:

O viajante descobre algumas novidades metafísicas: as alegrias da comunidade pontualmente realizada na insignificância vivida em comum, a prática da duração como um escoar assombroso, a impressão de habitar um local inteiramente produzido pela velocidade do deslocamento. É nessa espera mágica que a viagem solidamente se inicia.

E foi assim, nesse intervalo entre o ir e o chegar, que a viagem começou de verdade.

Ao chegar à cidade, caminhamos alguns metros em busca do lugar aonde iríamos nos hospedar. Desta vez, escolhemos ficar perto do rio, queríamos estar mais próximos dele, sentir sua presença de forma mais íntima durante os dias que passaríamos ali.

A pousada se debruçava à margem do Jaguaribe, oferecendo uma vista direta para suas águas. O céu estava azul, o tempo quente, e o sol brilhava com força, um sinal claro de que ele também marcava presença por ali. Mal podíamos esperar pelo que nos aguardava. Em todas as viagens que fizemos ao Jaguaribe e às cidades em seu entorno, sempre mantivemos um planejamento simples: alguns dias marcados, um lugar para ficar. Mas o mais bonito, e também o mais impetuoso, foi sempre o acaso. As pessoas que cruzaram nossos caminhos, com quem

trocamos palavras, sorrisos e histórias, surgiram como quem já fazia parte da paisagem. E nisso reside a poesia da travessia.

Era próximo do fim de tarde quando resolvemos sair em caminhada pelas ruas, olhar o lugar por outros ângulos, até que nos deparamos com uma banca bem na praça com venda de castanhas, mel, milho e adereços de couro. Na oportunidade, sentamos para comer um milho e conversar com o vendedor da banca. Enquanto comíamos, começamos a conversar com o vendedor (Gustavo, 18 anos), um rapaz jovem e bem tímido, começamos a falar sobre a cidade, sobre as vendas, sobre ele, até que passando algum tempo, puxo conversa para o rio Jaguaribe e a cidade, pergunto;

Debora: Há quanto tempo já que você mora por aqui?

Gustavo: Já venho trabalhando em Fortim há cinco anos. Na cidade de Fortaleza tem muito barulho, muita gente, aqui em Fortim é tranquilo.

Debora: Se você pudesse descrever assim, em uma palavra, qual você daria para esse lugar.

Gustavo: “PAZ”, com certeza.

E foi nessa certeza sem esforço que entendemos o silêncio do rio, o ritmo das ruas, o azul preguiçoso do céu. Fortim, naquele instante, se revelou por uma palavra. Escutá-lo foi também escutar o lugar. Sua fala carrega não apenas uma opinião, mas uma geopoética do cotidiano, uma forma de estar no mundo que se ancora na calmaria e no silêncio como valores. Ao mesmo tempo, revela um gesto de pertencimento e de afeto que, ainda que não se traduza em raízes fixas, revela uma relação de morada. Em diálogos seguintes, afirmei que sentia o mesmo, pois vindo também da metrópole, sentia a diferença principalmente com os ruídos e o frescor da cidade. Assim ele afirmou “*é o frescor do Rio*”.

Após nos despedirmos de Gustavo, seguimos a caminhada por Fortim. Demos algumas voltas pela cidade e, ao final da tarde, retornamos em direção à pousada. Já perto do local, avistei um ciclista parado, voltado em silêncio para o rio. Em frente à pousada há uma pequena mesa com cadeiras, posicionadas sobre um batente que oferece uma vista privilegiada do Jaguaribe. É comum que moradores e visitantes parem ali, mesmo que por breves instantes, apenas para olhar. E foi exatamente isso que observamos naquela cena com Lucas, 35 anos.

Sem muita cerimônia, me aproximei e perguntei se poderia fotografá-lo naquela posição (Imagem 30). Ele respondeu com um sim tranquilo. O corpo relaxado, o olhar fixo nas águas, havia algo naquela pausa que expressava mais do que palavras poderiam dizer. É certo que a paisagem jaguaribana tem nos revelado suas abundantes contradições: o moderno que irrompe sobre o natural, as torres eólicas que se erguem no horizonte, interferindo na composição do lugar. Na foz do rio, a beleza das águas se entrelaça com a presença dessas

estruturas. Ainda assim, é notável a forma como as pessoas continuam se aproximando do rio, como se algo ali resistisse.

Imagem 30 – Quando é preciso parar.



Fonte: FIGUEIREDO, D, R C, 2024

Pergunto a Lucas o motivo de sua parada. Ele responde, com a simplicidade de quem conhece o valor do silêncio: *“lugar para limpar a mente, quando tá tudo um turbilhão, aqui acalma, descansa os olhos”*. Além de ciclista, o nosso entrevistado nos revelou ser musicista, cantando e tocando em alguns restaurantes e bares da cidade. Além disso, nos contou algumas histórias sobre a cidade, nos lembrou sobre a construção da igreja virada para o rio e de costas para a cidade, (já citado em capítulo anterior), o lugar onde estávamos sentados era bem próximo da igreja. Assim continuamos a conversar por algum tempo;

Lucas: *“A cidade tem umas histórias, mas tem a lenda da cobra gigante debaixo da pedra do chapéu, coisa de pescador e aqui teve um Forte também importante, coisas que acabamos por saber”*.

Debora: *E se fosse para descrever em uma palavra esse lugar, qual seria?*

Lucas: Tranquilidade.

Enquanto conversávamos à mesa, com os olhos voltados para o horizonte do fim de tarde, ele nos confidenciou que aquele ponto à beira do rio é sempre uma de suas paradas certas. Um lugar onde recobra o fôlego. Para quem pedala por longas distâncias, como ele faz em sua bicicleta, esses momentos de pausa não são apenas para descansar o corpo, são, sobretudo, respiros da mente. O rio Jaguaribe, com sua paisagem ampla e mutável, é para ele um ponto de descanso. Mas mais do que isso, é um ponto de *refresco*: refresco dos pensamentos, dos olhos cansados, do fôlego agitado... e, por que não, da alma. Há uma espécie de trégua que o rio oferece. Uma suspensão breve do turbilhão cotidiano.

Por inúmeras vezes em que estivemos em nossas viagens, esse sentimento de suspensão de nossos problemas acontecia quando parávamos para meditar o lugar. Há algo nas águas fluindo, na brisa fresca do lugar, que encontra um sentimento ancestral profundo, fazendo com que o nosso corpo, antes agitado, encontre calma e conforto. Ao rememorar nossos dias vividos e experiências no e com o rio Jaguaribe através das imagens, há uma vontade de retorno constante àquele lugar. Lembramos de Tuan (1983), ao escrever em sua obra “Espaço e Lugar” que a experiência é envolta de uma teia complexa de sensações, percepções, pensamentos e também emoções.

Ao estarmos lá, vivenciamos essa complexa rede enfatizada por Tuan (1983), mas, para nós, o desafio maior na perspectiva da pesquisa, acontece na tentativa em descrever tais vivências, pois a escrita minuciosa, muitas vezes, ainda não parece ser suficiente para demonstrar tamanha alegria e experiências encontradas em nossas viagens e consequentemente, em nossa pesquisa.

Era manhã cedo quando saímos para caminhar pelas ruas próximas à pousada. Em nossa segunda viagem, uma das descobertas que mais nos marcou foi a presença de grandes degraus em locais específicos que levavam até o rio, pequenos corredores escondidos que nos conduziam até ele. Como a margem de Fortim é bastante ocupada por construções, esses acessos eram estreitos e discretos. Para encontrá-los, era preciso procurar com atenção. Na terceira viagem, seguimos com o mesmo desejo: reencontrar esses caminhos e alcançar a água.

Descemos por um deles e passamos parte da manhã à beira do rio, em contato direto com suas águas. Alguns pescadores e barqueiros cruzavam o espaço em seus transportes

fluviais, apressados. Como estávamos sozinhas nesta viagem, muitas vezes optamos por não nos aproximar de grupos muito distantes, especialmente compostos por homens, em lugares mais isolados, um cuidado necessário e preventivo. No retorno, encontramos uma mulher sentada sozinha em uma praça de frente para o rio. Seu nome era Rejane. Perguntamos se poderíamos sentar ao seu lado para conversar e também apreciar a paisagem.

Ao longo da conversa, descobrimos que Rejane havia se mudado recentemente para Fortim. Antes, vivia no distrito de Parajuru, pertencente ao município de Beberibe, também no litoral leste, não muito distante dali. Quando perguntamos o motivo da mudança, ela nos respondeu: *“Vivia lá e cá... Infelizmente, lá chegou uma certa criminalidade. Aqui é mais tranquilo, tem escola melhor pro meu filho. Arranjei uma casa boa pra alugar, aí fiquei.”* Além dessas facilidades, Rejane também nos contou que trabalha com artesanato. Mostrou-nos alguns de seus trabalhos: pinturas do mirante de Fortim, outras com o nome da cidade e alguns símbolos. Suas peças ficam expostas em lojas espalhadas por pontos estratégicos da cidade, pensadas para quem chega. Antes de irmos embora, conseguimos comprar alguns de seus chaveiros.

O que nos chamou atenção inicialmente foi vê-la ali, sozinha, olhando em direção ao rio. Quando perguntei se fazia isso com frequência e o porquê, ela respondeu: *“Gosto da paisagem. Venho sempre pela manhã, fico aqui na praça olhando... Acalma. É mais fresco, tem o vento, o rio, a praia aí pertinho.”* Quando perguntei que palavra ela usaria para descrever aquele lugar, ela disse sem hesitar: **tranquilidade**.

Assim como Rejane, outras pessoas nos falaram, ao longo do campo, sobre essa sensação tranquila que aquela paisagem oferecia. Lembramos das palavras de Lowenthal (1982, p. 135), que escreve: “Cada um de nós desvia o mundo a seu próprio modo e contempla as paisagens com suas imagens particulares”. Em meio à conversa, Rejane comentou: *“Às vezes, algumas pessoas vêm aqui (de fora) só pra ter contato com esse lugar, pra olhar... E às vezes quem tem isso direto nem vê tanto, não liga.”* Ao ouvir isso, lembrei dos tantos rios urbanos que atravessam nossas cidades e, além de apagados pelo nosso olhar apressado, ainda sofrem com a perversidade humana tornando-os poluídos, sufocados, muitas vezes impossibilitados de abrigar vida.

As vivências que colhemos ao conversar com algumas pessoas, ao escutar, contemplar ou ler as artes jaguaribanas que encontramos pelo caminho, tornaram nossa experiência de pesquisa muito mais significativa. Como nos lembra Risso (2020, p. 315), “a vivência é uma aprendizagem, ou um despertar de algo que não se ‘enxergava’ antes e que agora faz toda a diferença existencial.” Em nossa memória, esses encontros foram mestres.

Marcaram a pesquisa, mas também a vida. Como marcos geopoéticos em nossa existência, não queremos, como no relato de Rejane, olhar para os lugares apenas como visita, mas aprender a vê-los no cotidiano, dentro da vida comum, olhar o mundo através dessas lentes, mais sensíveis, mais abertas, mais vivas.

Em nosso último dia de viagem desse campo, fomos convidados por um barqueiro bastante conhecido na cidade de Fortim. Tivemos a oportunidade de conhecê-lo ainda na segunda expedição, mas só viemos a nos encontrar, de fato, na terceira viagem, quando combinamos de nos encontrar na cidade. O barqueiro, também pescador e amigo, chama-se Neném Loca (67 anos), mas é afetuosamente chamado por nós de Seu Neném, como ele mesmo gosta de ser reconhecido.

Descemos por uma das escadarias de acesso ao rio, próximas à pousada onde estávamos hospedados. De lá, avistamos a embarcação navegando em nossa direção, vindo nos buscar na margem. Antes do encontro, Seu Neném já havia nos prometido um almoço com lagosta. Dissemos a ele que nunca havia provado tal iguaria e que essa seria uma oportunidade especial. Naquele período, maio de 2024, a pesca da lagosta acontecia de forma mais intensa, pois era tempo de grande fartura desse crustáceo na região.

O encontro foi marcado por alegria e afeto. Subimos a bordo do barco chamado “Nataliael”, nome formado a partir da junção dos nomes “Natália e Natael”, os filhos de Seu Neném. A embarcação era grande, espaçosa, com alguns assentos, preparada para receber aqueles que procuram os passeios particulares que ele oferece. Naquele dia, ele nos confidenciou que muitos famosos já haviam navegado em seu barco e provado de suas iguarias, servidas ali mesmo, em meio ao rio. Quando combinamos o passeio, já havíamos falado sobre nossa pesquisa com o rio Jaguaribe e sobre nossa curiosidade em vivenciar um trajeto conduzido por ele. Seu Neném recebeu o convite com entusiasmo. Desde então, passou a acompanhar com interesse o andamento da pesquisa, sempre perguntando quando voltaríamos para visitá-lo.

O dia de nosso passeio estava muito agradável; o som das águas sendo cortado pelo barco, um vento forte balançando toda nossa estrutura, os peixes pulando na água, um cheiro de maresia e o reflexo do sol iluminando tudo ao redor. Uma sensação de alegria, de reflexão, de saber que estávamos no lugar certo. A perspectiva da vivência transborda na fala de quem convive diretamente com o rio. Estar no lugar, dentro dele, navegando sobre suas águas,

saboreando os alimentos que a natureza oferece, compõem o cerne desse elo profundo. O rio Jaguaribe oferece paisagem, frescor, alimento, lazer e, assim, cultiva em quem vive dele um apego enraizado. Quando perguntei a sensação de estar no rio Jaguaribe para o pescador, ele me respondeu:

“O Rio Jaguaribe para nós pescadores, ele dá uma sensação muito boa, por acaso, ele tem o peixe, ele é uma paisagem bonita, ele tem uma natureza que a gente, como pescador nascido e criado dentro dele, a gente se sente muito bem com as coisas bonitas que ele tem, e saber que ele traz uma distância d'água tão grande como ele, então a gente tem assim um apego muito bom. Muito grande pelo rio. Por quê? Porque ele traz muita fartura, ele traz frieza para nossas terras. Nós não temos aquele vapor quente. Por quê? Porque nós temos essa beleza de água, de rio, de natureza ao redor da gente para respirar junto com a gente, né?”.

A experiência no rio convoca à ação: cuidar, preservar, respeitar. Ao mesmo tempo em que o Jaguaribe oferece, ele exige reciprocidade. É nesse movimento entre dar e receber que o elo se torna ainda mais evidente. A fala do pescador reafirma a importância dessa relação íntima e cotidiana:

“O rio respira junto com a gente, a natureza, entendeu? A gente pescador, a gente se sente muito bem quando tá com ele, dentro dele e pescando. A gente sabe que a gente tira o sustento, muitos tiram o sustento dele. Aqueles que não tiram, mas já compram, entendeu? Então é uma satisfação muito grande, a gente gosta, a gente preserva isso aqui. A gente tem o maior cuidado aqui, a gente não deixa sujeira. É um rio limpo, um rio que você pesca, pega o peixe, na mesma hora limpa o peixe, coloca na panela, cozinha, faz o pirão e come. Não tem sujeira. Temos a ostra, tudo que é criado por esse rio. Temos o caranguejo, temos o siri. Então nós temos uma riqueza nesse rio Jaguaribe.” (Grifo nosso).

É possível perceber que o afeto não nasce apenas da contemplação da paisagem, mas da vivência profunda, do entrelaçamento entre o corpo e as águas. Um corpo que navega, que pesca, que sente o frescor e alimenta-se do que o rio oferece. O Jaguaribe não é apenas visto: é respirado, é vivido, é cuidado.

As falas de Seu Neném revelam a espessura do elo entre corpo, rio e paisagem. Não se trata apenas de um sujeito que observa o rio, mas de alguém que o vive por inteiro: que navega, pesca, respira e se alimenta junto dele. O Jaguaribe não é uma paisagem à distância, mas um território vivido, moldado pelas práticas e afetos daqueles que com ele convivem. Ao afirmar que *“o rio respira junto com a gente”*, o pescador inscreve-se num tipo de relação que ultrapassa o utilitário: o rio é presença sensível, companhia cotidiana, fonte de vida e de sentido. Na continuidade dessa relação, ele também diz: *“a gente se sente muito bem quando tá com ele, dentro dele e pescando”*, o que aponta para uma imersão que não é apenas física, mas simbólica, afetiva e existencial. Esses testemunhos compõem uma geopoética das águas, onde o rio é também linguagem, memória e afeto, sendo experimentado como extensão do próprio corpo e da própria história.

Ao navegar pelo Jaguaribe, experimentamos os sabores de suas águas através da lagosta e do camarão (Imagem 31). Era como se, mais uma vez, sentíssemos o sabor do lugar, agora em pleno fluir das águas. Como o passeio se estendeu por toda a tarde, o próprio pescador nos confiou a tarefa de assar as iguarias. Com paciência e cuidado, nos ensinou como temperar aquelas delícias, o tempo certo de virar o camarão para não queimar, a atenção ao fogo que aquece, mas também ensina. Não apenas temperávamos o camarão, a lagosta... temperávamos também nossas memórias. De pés descalços, atentos à brasa, nos víamos como verdadeiros navegantes: compartilhando o alimento e os saberes que vêm do rio. Cada gesto, cada cheiro e cada sabor nos atravessava por inteiro, corpo afetado pela paisagem, pela experiência, pelo instante.

Imagem 31 – Lagostas e camarões assados e embalados pelo rio Jaguaribe.



Fonte: FIGUEIREDO, D, R C, 2024

De Paula (2016) chama atenção para o fato de que o encontro com o lugar, com as pessoas, com as ideias, só se realiza por meio da co-presença entre corpo e mundo. Estávamos ali, presentes, imersos, permitindo que o Jaguaribe nos atravessasse não apenas pelos olhos, mas pelo paladar, pela pele, pelas mãos que viravam os frutos do rio sobre o fogo. Uma geopoética encarnada, viva, pulsante, como o próprio rio.

Lembramos de Gratão (2024, p. 20) em sua poética da Terra, quando escreve: “Mais que prolongamento da paisagem, extensão do lugar ou projeção do imaginário e da memória, o sabor é mediação da relação visceral que liga o homem à terra”. Essa ligação visceral é relatada quando acompanhamos de perto a relação entre o pescador e o rio em suas ações cotidianas, em sua fala fluvial de ser humano e rio. A culinária jaguaribana transborda pelas cidades, acompanha quem visita ou está de passagem pelas redondezas, a água está no prato através da alimentação que é revestida do sabor da natureza. Assim, ela também nos diz mais a frente:

quando se busca no estudo do sabor a valoração da paisagem, o sentido do lugar e a identidade cultural, a comida se revela como cultura: na composição de ingredientes, na preparação, na apresentação, no saborear (Gratão, 2024. p.28)

A busca por esse sentido entre os sabores do rio, as sensações da viagem, são partes intrínsecas de nossa experiência ao longo do trajeto pelo rio Jaguaribe. Ao estarmos diretamente no lugar, nos deparamos com uma dinâmica e modos de vida que transbordam qualquer imaginação que tivéssemos anteriormente ao encontro. A paisagem se esverdeia pelos olhos, a cidade dança sua música, olhamos as pessoas trabalhando, caminhamos entre ruas, nos perdemos para depois nos encontrarmos novamente. Isso também aconteceu durante nosso trajeto pelo rio ainda naquele dia. Ao avançarmos em nossa viagem, continuamos conversando sobre o rio;

Debora: *A gente vê que os rios mundo afora, seu Neném, boa parte são poluídos quando chega pela cidade, o cuidado é pouquíssimo, não tem mais uma conexão com ele, poucas pessoas aproveitam mesmo eles.*

Seu neném: *Hoje não, hoje as pessoas não aproveitam. Aproveita o que vão vendo, as pessoas vão em cima dos livros, aprendeu no livro, pronto, aquilo é o que é... é aquilo mesmo, né, que a tecnologia hoje, você sabe que é ela quem tá mandando, mas existe a prática da natureza de antes, que ela não pode deixar, esquecer que ela é muito pura e verdadeira, viu? (grifo nosso)*

A pureza da natureza (re)vive, ainda que fragilmente, diante das forças devastadoras que insistem em avançar. Os rios são apenas uma das faces dessa resistência silenciosa, mas também o solo, as montanhas, o mar, as grandes florestas... todos os elementos que compõem a vida na Terra parecem, dia após dia, entristecidos pelas mãos humanas que deixaram de guardar, de cuidar, de se relacionar com o mundo como quem ama. Diferente disso está o pescador e seu rio: entre eles há respeito, escuta, reciprocidade. Ele retira do rio seu sustento,

mas também suas alegrias diárias. É uma relação viva, sensível, onde o rio não é recurso, é companhia. Como ele mesmo nos diz:

É um prazer, é uma grande satisfação, é uma imensa alegria que a gente tem, entendeu? O cara que é pescador, que ele não se sente feliz com o rio, ele não preserva o rio, a natureza do rio, ele não é considerado um pescador, ele é considerado um destruidor, entendeu? Mas você sabe que tem, o mundo tem de tudo, ser humano é complicado, né? Uns limpam, outros querem sujar, é porque a gente sempre é tão cuidadoso, mas tem pessoas que ainda rebola [joga] garrafa, a gente vai fazer o passeio, quando vê isso a gente pega, entendeu? Mas é limpo, ele não é 100% não, mas esse rio aqui é 90% limpo, graças a Deus, essa parte aqui onde a gente navega de Itaiçaba, até aqui a saída da Barra, ele é muito limpo, muito limpo.

Sentir feliz com o rio... Esse trecho nos revela uma imensa projeção daquilo que entendemos como sentimento de pertencimento ao lugar, pois se a felicidade mora com o rio, o lugar se projeta como parte intrínseca dessa convivência ser humano-terra. Sentimento marcado no corpo, na fala, em suas ações de homem-rio. Em outro momento nos relatou da vez que foi olhar o transbordamento da água na barragem:

Eu tava lá na barra de Itaiçaba, fui olhar lá, coisa linda, medonha. É uma coisa muito bonita, viu? Correndo água por cima da barragem e um monte daquela pasta d'água doce esperando aquela água subir mais, para ela descer para vir sair aqui na barra aqui, né? É um negócio da natureza muito lindo. Muito bonito.

O encantamento com o lugar tem sido perdido aos poucos devidos nosso mundo acelerado e corrido, mas algumas pessoas, ou, como dito pelo escritor Ailton Krenak em uma de suas falas “pequenas constelações”, são ainda capazes de enxergar através dessa penumbra moderna. Na perspectiva do pescador, olhar aquelas águas transbordarem foi motivo de alegria, de beleza, de encantamento com a natureza e a terra que a sustenta.

Ao seguir viagem pelo rio, adentramos uma gamboa e rumamos em direção às águas mais brandas, caminho que nos levaria ao distrito do Cumbe. Enquanto o barco deslizava, nosso navegador compartilhava conosco relatos sobre os impactos ambientais que têm atingido a região, em especial o ecossistema manguezal. Falou dos tanques de carcinicultura, uma atividade econômica que vem se expandindo cada vez mais no município de Aracati, mas que, ao mesmo tempo, tem sido responsável pela devastação crescente da vegetação do mangue.

Enquanto cruzávamos a gamboa, nossos olhos encontraram a paisagem marcada por árvores ressecadas. Era um manguezal em silêncio, como se já não respirasse. A fala dele vinha carregada de lamento, como quem perde aos poucos um companheiro de vida. O que antes era fartura e abrigo, agora sofre sob a pressão de interesses que não consideram a delicadeza do equilíbrio natural. O rio seguia fluindo, mas o mangue parecia estar sendo sufocado.

Imagem 32 – Mangue em lamento... pelas gamboas do Jaguaribe.



Fonte: FIGUEIREDO, D, R C, 2024

Já era fim de tarde quando nos aproximamos de uma casa simples, à beira do rio, pertencente a um familiar de nosso acompanhante. Pedimos licença para entrar. Naquele dia, houve um chá revelação da família, e, mesmo sem esperarmos, houve uma acolhida por parte dos familiares com naturalidade. Ficamos ali por um tempo, conversamos com outras pessoas enquanto comíamos batata frita. A viagem se revelava a cada instante e o rio, mais uma vez, nos surpreendia com seus encontros inesperados, nos presenteando com momentos que não estavam no roteiro, mas que se tornaram inesquecíveis.

Jamais imaginaríamos que, navegando pelo Jaguaribe, iríamos vivenciar tamanha troca: em um momento estávamos em uma parte do rio, e logo depois, dentro de uma casa, sendo acolhidos como parte da paisagem viva do lugar. O fim de tarde foi marcante, aproveitamos a companhia uns dos outros, o silêncio das águas e o sol pairando no céu clareando toda aquela experiência. Por fim, ao retornarmos, recebi o convite para assumir novamente a condução do barco, agora com mais cautela e cuidado, pois o retorno contava com a *maré de vazante*, quando as águas “retornam” ao mar, fazendo com que bancos de areia surgissem pelo nosso percurso. Com atenção às instruções do nosso acompanhante, retornamos

lentamente ao rio principal. A experiência, tal como delineia Marandola Jr (2024, p. 33) “em sua dimensão existencial, é a base do conhecimento geográfico”. Essa dimensão que nos envolve, nos coloca em situação de experiência do ser-no-mundo, ser-no-rio.

Quando o sol repousou no horizonte, tingindo o céu com tons de despedida. Navegamos com calma, saboreando cada instante do caminho de volta. Foi nesse momento, tomada pela beleza do percurso e pela vontade de compreender mais daquele mundo que nos acolhia, que perguntei ao barqueiro o que o rio Jaguaribe significava para ele. Com a serenidade de quem sabe de onde vem, ele respondeu: “*Aqui é minha casa de morada*”. E levados pela água daquele rio tão importante para nós, a casa de morada (Jaguaribe) foi se tornando também nossa, e assim, finalizamos mais uma viagem *de belezas, vivências e memórias*.

O rio estava tão tranquilo
que até os peixes bocejavam.
Um barco engolia mantimentos
para se encher de fôlego e seguir viagem.
Pescadores jogavam anzóis
na preguiça da água.
E o rio fazia aniversário de correnteza.
As margens sopravam folhas como velas.
No Jaguaribe, a gente parava para pensar.
Mas pensar ali era diferente:
era deixar os olhos nadarem
e os pés criarem raízes na beirada. (Elaborado pela autora, 2025)

Imagem 33 – Fim de tarde nas gamboas do Jaguaribe.



Fonte: FIGUEIREDO, D, R C, 2024.

4.2.4 Quarto encontro

Ao longo de nossas reflexões com e sobre o rio, compreendemos que as palavras e a escrita são algumas das formas mais intensas de aproximação da experiência em ato. Acreditamos que a poesia, sobretudo, tem a capacidade de suspender o cotidiano e fazer vibrar modos de ser-estar-no-mundo. Foi assim que a vivência desta pesquisa se tornou potência, afetando-nos em cada viagem, em cada encontro. Inspiradas por esse caminho tomamos como iluminação os gestos sensíveis do filósofo Gaston Bachelard e do poeta pantaneiro Manoel de Barros. Ambos, à sua maneira, nos ensinam a ler o mundo em suspensão sinestésica, uma leitura que se faz com os sentidos, com o corpo inteiro, com o afeto em estado bruto. Com esse espírito, partimos para mais uma travessia, aguçando a escuta, o olhar e o tato. E, como abertura, escrevemos um poema, nascido dessas influências, como forma de iniciar o percurso.

Deslumbramento

Eu fui.
O mundo abriu os olhos para me ver passar.
O vento me batizou com mãos de espanto.
A estrada se esticava feito bicho preguiçoso,
mas eu corria sobre ela como quem dança.
O medo tentava me segurar pela barra da jaqueta,
mas eu já era vento também.
Os braços doíam,
mas a alma ria alto.
O cheiro da viagem era de mundo aberto,
de horizonte se derramando nos olhos.
E eu, tão pequena,
cabia inteira no deslumbramento.
Sozinha fui, com um medo bonito,
desfeito em poeira de estrada.
O mundo miava dentro da mala.
E eu, com coragem descalça, fui ver.
(Elaborado pela autora, 2025).

Nossa última viagem aconteceu em março de 2025. O destino? Aracati, a cidade dos bons ventos. Mais uma vez nos deparamos com a estrada em nosso caminho, o destino e o percurso já tornando-se familiar. Essa última viagem foi bastante significativa, estávamos mais uma vez retornando aos braços do rio Jaguaribe, mas agora de forma mais visual e contemplativa da cidade de Aracati com um sabor especial de despedida.

Sáimos por volta das 7h30 da manhã. A estrada se estendia à nossa frente com um ar de desafio. Decidimos percorrê-la pela última vez — durante a pesquisa — com uma motocicleta. Queríamos sentir o caminho de outra maneira, pelas duas rodas que nos ofereciam uma nova perspectiva do lugar. O trajeto foi feito em uma Honda Pop 110, motocicleta de baixa cilindrada, pensada para ambientes urbanos, deslocamentos rápidos e curtos. Seu modelo

pequeno e leve dialoga com essa proposta. Mas, em nosso caso, o desejo por aventura e o espírito de travessia nos motivaram a experimentar essa viagem sobre ela. Sem pressa, seguimos rumo ao destino com essa pequena moto e uma mochila cheia de expectativas. Como dizem os motociclistas: a melhor moto para se viajar é aquela que você tem.

O caminho até Aracati é de fácil acesso. Partindo de Fortaleza, o melhor trajeto é feito pela CE-040, uma importante rodovia do litoral leste cearense. Ligamos o motor e seguimos viagem. A expectativa e o medo são sentimentos inevitáveis quando se pilota uma motocicleta. Escolhemos esse meio de transporte justamente pela sensação de liberdade que ele nos oferece. A velocidade, o vento no rosto, o corpo em contato direto com a paisagem, tudo isso transforma a experiência. O corpo não apenas atravessa o caminho, mas é também atravessado por ele. De carro, a viagem costuma durar cerca de duas horas; de ônibus, até três horas e meia. Mas nenhuma dessas opções, embora já vividas, nos proporcionou tamanha imersão. Por isso, registramos em notas de viagem a intensidade da travessia:

Notas de viagem

Saí de moto às 7h30 da manhã. O percurso até a rodovia parecia o mesmo de sempre, como se eu estivesse indo para o trabalho. No início estava tranquila, mas ao entrar na CE-040 e perceber que não havia mais ninguém — apenas eu, a estrada e aquela vegetação me acompanhando — senti medo e vontade de voltar. Um calor súbito e uma descarga de adrenalina percorreram meu corpo. Será que a moto aguenta? Será que eu consigo?
(Diário de campo, 2025)

Durante as cerca de três horas de viagem, fizemos algumas pausas: paramos para abastecer, beber água, esticar as costas e alongar as pernas, já sentindo o efeito do tempo prolongado de estar sentado. Por volta da metade do caminho, a chuva nos encontrou. Fizemos então uma nova parada, agora para nos preparar: vestir as capas, ajustar os equipamentos. O que antes eram pingos leves, logo se tornaram pequenos projéteis ao se chocarem com o corpo em movimento. Foi necessário reduzir a velocidade, a viagem exigia agora mais cuidado, mais leveza.

Viajar de motocicleta é também um caminho para muitas reflexões. Imersos na paisagem, os pensamentos se tornaram nossos verdadeiros acompanhantes. Conforme avançávamos pela estrada retilínea, era como se conversássemos com a paisagem que nos atravessava e que também nos escutava. Cheiros diversos atravessavam os espaços do capacete e nos entregavam outras dimensões daquelas paisagens. O aroma da terra molhada e das carnaúbas nos invadiu por muitos quilômetros, costurando sensações, memórias e presença. Esse olhar e presença sinestésica ao sentir a paisagem faz parte daquilo que Marandola Jr (2024, p. 61) nos apresenta como “olhar oblíquo”, na qual chama de “rés do chão”, uma perspectiva de quem vive e se insere na paisagem, uma experiência corpórea.

Imagem 34 – Em paragem, quase lá.



Fonte: FIGUEIREDO, D, R C, 2025.

Chegamos a Aracati por volta das 10h:30 da manhã. O dia estava ensolarado e a cidade dos bons ventos nos recebeu vibrante. Ficamos hospedados na Rua Dragão do Mar, próximo a igreja matriz da cidade. Descansamos durante algumas horas e pelas 16h:00 iniciamos nossas andanças pela cidade como de costume em nossos campos. Dessa vez, além dos nossos percursos pela cidade serem feitos a pé, também contamos com a motocicleta para distâncias maiores que, outrora, não faríamos.

A cidade de Aracati carrega uma história marcante. Como mencionado em outro momento deste texto, foi outrora protagonista regional devido à força de seu porto, localizado na foz do rio Jaguaribe, quando Fortim ainda era parte de seu território. Essa história pulsa e transborda na paisagem urbana, refletida no tombamento do conjunto arquitetônico da cidade desde os anos 2000, reconhecido como patrimônio nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Segundo a Prefeitura de Aracati (2024), o conjunto preservado reúne cerca de 275 imóveis tombados.

Foi por essas ruas, impregnadas de história, que caminhamos durante nossa viagem, em busca das confluências entre o rio Jaguaribe e a cidade. Para alcançar o rio, decidimos seguir pela Rua Coronel Alexanzito, a via principal, onde se concentra boa parte dos casarões coloniais protegidos pelo tombamento. Era fim de tarde quando encontramos um espaço de encontro com o rio: o platô Beira Rio.

Trata-se de uma plataforma de madeira, com passarelas que conduzem a uma estrutura também em madeira, voltada diretamente para o Jaguaribe. Recente, essa intervenção urbanística reconfigurou a maneira como se contempla e se vivencia o rio na cidade. O espaço conta com bancos orientados para as águas, quadras esportivas de vôlei e futebol e uma atmosfera que mistura lazer, contemplação e pertencimento. O platô situa-se numa elevação que permite uma visão ampla do rio, mas há também um píer com boias, que conduz o visitante para bem próximo das águas, quase como um convite ao mergulho.

Imagem 35 – Paisagem aracatiense - píer sobre o Jaguaribe.



Fonte: FIGUEIREDO, D, R C, 2025.

O pôr do sol convida à contemplação. As águas brilham com os últimos raios do dia, transformando-se em espelhos líquidos do céu. Diante de tal imagem, o platô se revela como um espaço privilegiado, um palco de olhares, encontros e silêncios. Casais apaixonados,

pais com seus filhos, mulheres em rodas de conversa, famílias em festa, aniversários celebrados ao ar livre: todos embalados pela suavidade do entardecer. O rio Jaguaribe torna-se, assim, paisagem das comemorações, paisagem onde se misturam o cotidiano e o extraordinário. A tarde se deixava atravessar por esses encontros. Um barco em abastecimento, alguns pescadores à margem e o rio tranquilo, correndo em sua cadência. Sentamo-nos por um longo tempo, entregues à contemplação, sentindo a chegada da noite na forma de uma brisa úmida, que acariciava suavemente os corpos ali presentes.

Esse platô está localizado na chamada “estrada do dique”, construída sobre a barragem de contenção erguida para proteger a cidade das cheias do Jaguaribe. Por causa disso, o rio, que já foi eixo da vida urbana, acabou sendo afastado do cotidiano da cidade por uma barreira física e simbólica. No entanto, como apontaram algumas pessoas com quem conversamos, o platô tem cumprido o papel de (re)aproximar os moradores do rio, devolvendo-lhe, ainda que parcialmente, sua função de espaço vivido, experimentado, partilhado.

Imagem 36 – Fim de tarde em Platô beira-rio.



Fonte: FIGUEIREDO, D, R C, 2025.

Na cidade de Aracati, não encontramos passeios pelo rio. Ao perguntarmos a algumas pessoas, disseram que essa prática já não acontece há bastante tempo. Hoje, os passeios

pelo Jaguaribe são quase que exclusivos da cidade vizinha de Fortim, mais próxima da foz do rio, onde o turismo fluvial se desenvolveu de forma mais expressiva. O Jaguaribe em Aracati nos pareceu outro ou, talvez, silenciado. Por não estarmos dentro dele, não banhando em suas águas, apenas o contemplamos de longe. A relação é outra, menos tátil, mais imagética. Enquanto a história da cidade é comumente contada por suas construções antigas, suas igrejas e pelo conjunto arquitetônico tombado, o rio surge como um segundo plano, como um pano de fundo que testemunha, mas não protagoniza. Há, ali, um certo distanciamento.

Noutro dia, retornamos àquele lugar, agora mais cedo, para termos mais tempo. Muitas pessoas caminham e fazem atividades físicas ao longo da estrada do Dique. Ao parar, é comum sermos convidados por um gesto ou um sorriso a tomar uma água de coco ou comer um picolé, vendidos ali mesmo, em um pequeno comércio à beira da pista. No pôr do sol, a área do platô à beira do rio torna-se espaço de paragens. Três amigas caminhavam juntas por ali e também fizeram uma pausa. Aproximei-me e perguntei se poderia fotografá-las naquele momento. Com o consentimento delas, registrei a cena. Sentei por perto e perguntei se era comum aquela parada. Uma delas, Rosana, respondeu: *“Sempre paramos por aqui, é a parada pós pedalada ou de caminhadas, a gente pede um sorvete, uma água de Côco, conversa um pouco aqui e depois vai pra casa, é um lugar de convivência”* (Grifo nosso)

Imagem 37 – Ponto de encontro.



Fonte: FIGUEIREDO, D, R C, 2025.

Naquela mesma tarde, observamos um grupo de jovens que se aproximaram do Piér em direção ao rio Jaguaribe. Tratava-se de alguns nadadores profissionais e outro grupo menor de adolescentes. Observamos atentamente junto com outros espectadores o que seria desenrolado entre aquele grupo, ao entrarem na água, nadaram rumo à outra margem do Jaguaribe. Uma distância corajosa para ser feita; enquanto isso, outro grupo nadava em paralelo à margem, uma competição entre eles. Outros aproveitavam para saltar e aproveitar a tarde. Sobre esse momento escrevemos em diário de campo:

O platô construído recentemente promove esse acesso contemplativo. Barzinho e restaurante animam o lugar, tocando músicas. Pessoas estudando e escrevendo nas mesas. Um pai com suas crianças pesca nesse fim de tarde. Água refrescante... muitos saltos em direção ao rio... sinto meu corpo descansado (Diário de campo, 2025).

Imagem 38 – Saltos na água, o rio Jaguaribe no fim de tarde.



Fonte: FIGUEIREDO, D, R C, 2025.

Quando viajamos ao Aracati, planejamos encontrar lá um dos escritores mais conhecidos da região; seus textos, inclusive, já estiveram tecidos ao longo dessa pesquisa. O

autor se trata do memorialista e economista Antero Pereira Filho (77 anos). Em nosso último dia de campo, marcamos um encontro para termos uma conversa sobre a cidade, o rio Jaguaribe e algumas de suas principais obras. Já havíamos comunicado anteriormente com Antero, que, cuidadosamente, nos convidou para um encontro presencial em seu escritório.

Antero é escritor de diversas obras, entre elas o recente lançamento *Aracati era assim* (2024), no qual rememora, através de documentos e relatos, histórias da cidade. Ao perguntarmos sobre sua história pessoal com Aracati, ele nos confidenciou:

*Sou aracatiense desde sempre, economista de formação. A minha relação com o rio Jaguaribe são memórias de infância e adolescência. Vivenciei várias enchentes, principalmente as cheias de 1974 e 1985. As lembranças são inúmeras, desde o flagelo dos desabrigados até o aspecto da cidade tomada pelas águas. O rio Jaguaribe teve, e ainda tem, um impacto na vida dos ribeirinhos, mas não tanto como no passado, quando famílias inteiras sobreviviam do rio, pescando siri, camarão, caranguejo e peixes de toda natureza. **Hoje, essa atividade aqui em Aracati é diminuta.***

Para mim especificamente o rio Jaguaribe lembra muito a figura do meu pai que tinha barcos de pequena cabotagem que fazia o trajeto entre São Luís do Maranhão e Recife. Tinha, porém, seu cais oficial aqui no Aracati no Porto dos barcos (Grifo nosso.)

Em Aracati, quando estivemos lá, notamos que as atividades da cidade pouco têm vínculo com o rio, e antes da criação do Platô, as atividades próximas ao rio eram menos frequentes. O que marca fielmente as paredes e memórias da cidade são as cheias que aconteceram e até hoje há vestígios desse encontro aguado rio com a cidade. Essa relação entre a cidade e o rio aparece de forma sensível em um dos relatos presentes no livro *Aracati era assim*. No texto “Aracati – Terra de belezas e de glórias”, o escritor Zorrillo de Almeida Sobrinho, também autor de *Crônicas das cidades amadas*, compartilha suas impressões ao se mudar de São Paulo para Aracati, nos anos de 1960. Seu olhar de fora, ainda encantado, rememora uma Aracati que parece dialogar mais de perto com suas águas, onde o rio ainda se fazia presença concreta no dia a dia da cidade.

Paulatinamente fui descobrindo os encantos do Aracati e são tantos! Eles foram aparecendo como se uma cortina se descerrasse para mostrá-los. O principal, o magnífico, é sem dúvida a praia de Majorlândia. Quanta beleza! Desde o alvorecer do dia, quando o mar está cinzento, e vai cambiando até ficar bem verde em pleno dia, mudando depois para o azul ao entardecer.

[...] Em épocas de cheias o rio Jaguaribe sai do leito e atinge os bairros periféricos, acontecendo, em raras ocasiões, que chegue a cobrir toda a cidade a qual assume então ares de Veneza, pois os barcos podem passear pelo centro da cidade como nos canais da Rainha do Adriático (Pereira Filho, p. 167).

O trecho descrito nos revela uma representação marcante, que ainda hoje molda a imagem de Aracati. Com o passar dos anos, a cidade foi sendo cada vez mais associada às suas belas praias próximas — como Majorlândia e, sobretudo, Canoa Quebrada, que acabaram por

se tornar os grandes atrativos turísticos da região. Muitas pessoas visitam Aracati, mas poucas permanecem no centro urbano; o fluxo segue em direção ao litoral. Assim, consolidou-se uma dinâmica em que o mar ganhou protagonismo, enquanto o rio Jaguaribe, um dos elementos fundadores da cidade, foi sendo gradualmente relegado a um papel secundário. Essa secundarização do rio pode ser compreendida, em parte, pelo deslocamento das atividades de lazer e navegação fluvial para a cidade vizinha, Fortim, onde o Jaguaribe encontra o mar e o turismo se organiza com mais intensidade em torno dessa paisagem híbrida de rio e oceano. Assim ele nos diz:

O turista do Ceará não tem outra opção, ele é praia. Vamos ver se você vem pra o Ceará ou vai Jeri ou para Canoa Quebrada. Aqui, os ônibus de viagem quase todos que vem para esse lado Leste, vão direto para Canoa Quebrada. Às vezes nem dorme aqui em Aracati. Porque a atração da cidade, culturalmente, é a rua, são os prédios tombados, as igrejas, é uma cidade que tem, historicamente, muitas histórias.

O relato, ouvido, nos revela dimensão do crescimento turístico para as áreas do litoral, no entanto, como dito por Antero, as atrações culturais e históricas ficam relegadas ao segundo plano, tornando o turismo e procura da própria cidade de Aracati, que os distritos e cidades de seu entorno. No entanto, na cidade dos bons ventos, o rio tem um grande valor simbólico tanto por sua importância para o crescimento daquela cidade, quanto para as memórias das cheias que marcaram profundamente aquela região. Em um trecho, Antero nos conta sobre a criação de um distrito em função da cheia de 1974 e da criação de uma ilha, devido os sedimentos trazidos pelas enchentes:

No fenômeno de 1974, criou-se um novo bairro ali do outro lado do rio, com aquela ponte que você vai para o lado esquerdo. Ali do lado esquerdo tinha um restaurante e lá na frente um terreno imenso. E as pessoas foram todas alojadas lá, hoje é talvez um dos maiores bairro do Aracati, chamado Pedregal Ali, aquele bairro foi enchendo em 1974, as pessoas que perderam suas casas, todas foram alojadas ali, na barraca, com ações do exército, de ação social, que é o restaurante todo. E depois da cheia de 1974, o governo criou um plano habitacional.

[...]Os morros do Cumbe ali e tal, e dos morros do barro do Maceió vão assoreando boa parte do rio e também por causa das enchentes. As enchentes trouxeram muita areia, muita coisa de cima. Então foi deixando... Teve uma ilha ali perto da volta que foi criada depois das enchentes. Como se as cheias tivessem trazido muita areia, muito mato e encontrou um banco de areia e ficou ali. E aquilo apareceu, foi crescendo, crescendo. Teve uma ilha assim grande perto da volta que foi criada depois das enchentes.

Os grandes movimentos das águas trouxeram mudanças significativas para o espaço urbano da cidade. Em seus relatos, ele nos contou que as cheias sucessivas afetaram diretamente a dinâmica local, atingindo inclusive as grandes fábricas que, à época, desempenhavam um papel importante na economia da região. Essas estruturas, no entanto, foram perdidas em

decorrência das enchentes. Lembrou especialmente das grandes cheias de 1974 e 1985, quando sua família precisou circular pela cidade em barcos, já que não havia outra forma de locomoção. Muitas pessoas, assim como fábricas e comércios, acabaram deixando a cidade, o que, segundo ele, contribuiu para o processo de declínio da importância econômica de Aracati no contexto regional;

Ficou um metro aqui dentro de onde eu morava. Eu já tinha voltado pra o Aracati. E dentro da nossa loja aqui (loja de construções) ficou um metro aqui dentro. Era muita água. A gente trabalhava ali de barca, de barca pequena, por exemplo... A cidade ficou totalmente inundada. Na minha casa tem foto da minha casa na varanda, entrou em todo canto, até na matriz de 1985.

Toda essa paixão e conhecimento sobre Aracati e seus desdobramentos compõem um valioso acervo documental, histórico, geográfico e principalmente vivido que Antero vem reunindo ao longo dos anos. Seu trabalho de composição da história da cidade é também um esforço de materializar as memórias do lugar, tornando-as acessíveis a outras pessoas. O livro *Aracati era assim* (2024) financiado pela Secretaria de Cultura, integra esse acervo e, como o próprio autor reforça, não foi feito com o objetivo de venda, mas sim para compartilhar saberes. Esse gesto, movido por generosidade e amor à terra, o transforma num verdadeiro pesquisador por paixão. Em nossas conversas, Antero destacou a importância do poder público em incentivar a curiosidade da população por meio de obras, registros e documentos históricos, reforçando a ideia de que a preservação da memória é também um gesto político e coletivo.

Assim, ao percorrermos as ruas, os arquivos e os relatos aracatienses, nos deparamos com uma paisagem que é tanto material quanto afetiva. A cidade pulsa em suas paredes antigas, em seus silêncios ribeirinhos e nas vozes daqueles que insistem em lembrar. O rio, mesmo quando esquecido ou relegado à segundo plano, continua sendo fio condutor de uma história mais profunda e fluida, que ainda pode ser resgatada, narrada e sentida. Este capítulo é, portanto, uma tentativa de costurar memórias e presenças, abrindo caminhos para que outras leituras do Jaguaribe e de Aracati sigam sendo escritas — agora com a força das águas que voltam a correr, mesmo que em forma de palavras.

Essa foi a última viagem realizada no percurso deste trabalho, e talvez por isso, a mais carregada de sentidos. Ao retornar a Aracati, fomos ao encontro não apenas do rio Jaguaribe, mas também das memórias que se entrelaçam com suas águas e das ausências que ali permanecem. Foi uma travessia que nos permitiu reconhecer as marcas que esse lugar deixou em nós: nas conversas colhidas, nos olhares trocados, nas paisagens contempladas e nas histórias escutadas com atenção. Voltamos dessa última parada com a bagagem cheia; **de anotações, de inquietações, de encontros e, sobretudo, de um sentimento profundo de**

pertencimento. Encerramos o trajeto da pesquisa com a certeza de que o rio segue correndo, e com ele, as possibilidades que ainda podem desaguar em novas descobertas.

5 JAGUARIBE, RIO VIVO: A FOZ COMO ENCONTRO, NÃO FIM

Imagem 39 –Pequenez diante da vastidão.



Fonte: FIGUEIREDO, D, R C, 2025.

Esta dissertação partiu de um desejo: seguir as águas do Jaguaribe e escutar, por meio delas, os silêncios e os vestígios que compõem a paisagem. Um trabalho sonhado, com cheias e vazantes escorrendo por entre esse caminhar. Por vezes sentimos tensionadas a parar e recolher; em outras, com marés cheias, encontramos auxílio nesse impulso do rio. Chegar ao fim de um texto não significa chegar ao fim dos caminhos que podem nascer.

O rio Jaguaribe, no início deste texto, nasceu junto com a nossa ânsia de pesquisa. A empolgação do início logo se parecia com o próprio curso do rio: vibrante, mas também incerto. E não sabíamos, então, que a nascente desse nosso rio, como a do próprio Jaguaribe, inicia-se de forma tão diminuta. Aprendemos com ele. Esperamos com ele. À medida que esse rio ganhava força e suas águas preenchiam todo o seu leito, assim também seguíamos neste

texto, bebendo da fonte de outros autores, percorrendo caminhos sinuosos entre reflexões teóricas e vivências do lugar. Fizemos desse movimento a nossa própria cheia fluvial como pesquisadora, como corpo que pensa e sente a paisagem.

De início nos perguntamos: havia alguém, pelas veias da Geografia, que tivesse olhado para esse rio com as lentes da geopoética? Agora, entregando este trabalho, podemos dizer que esse foi o impulso que nos moveu. Uma essência geográfica que nasce do convívio com a terra, com o vento, com a água. O encontro com as miudezas e grandezas da natureza em meio aos percalços do mundo moderno. Geograficamente nos aproximamos, nos afastamos, nos perdemos e logo nos reencontramos.

A pesquisa nos lança para fora, desacomoda, desestrutura. Coloca em xeque nossas certezas, se é que há alguma. Por isso entramos nesta trajetória carregando perguntas. Pois são das incertezas que brota o movimento. E se geografia é existência no mundo, é como ser-no-mundo que caminhamos e escrevemos. Buscamos aguçar o olhar, escutar o outro com nossos próprios ouvidos, tocar a paisagem com os pés e com o corpo inteiro. Diante da imensidão, traçamos trilhas. Pequenos gestos em meio ao fluxo das águas. Estar diante do rio Jaguaribe nos permitiu diversas aberturas, essas que foram caminhos, sugestões, possibilidades. Não estamos aqui para rever esses caminhos já postos ao longo do texto, mas tomarmos eles como possibilidades de extensões desse horizonte que se estende sobre a pesquisa.

5.1 O Jaguaribe desdobrado

Me vi rio
com peixes nadando em minhas águas,
sou corpo d'água em corrente viva.
Em mim, palavras boiam, gestos mergulham.
Carrego sabores, misturas,
a terra é tempero,
água, cozimento.
O Jaguaribe tem os dois.
e eu, sendo rio,
levei tudo isso comigo (Elaborado pela autora, 2025).

Experienciar o rio Jaguaribe ao longo desses anos de pesquisa, nos permitiu, de maneira especial, trazê-lo para dentro da nossa vida... de nossa casa. No início desse texto, traçamos alguns caminhos que seriam sonhados para alcançar tamanha aproximação, mas agora, retornando ao início e o vendo (Jaguaribe) transbordado, observamos que estar inserido nessa experiência, retornando nosso olhar e perspectiva para o curso do rio e sua vida, nos

permitiu; sentir, ouvir, saborear, caminhar... viver modos de vida fluviais até distantes do rio, pois ele mora(va) em nós.

Como na imagem que abre esse capítulo, nos sentimos por vezes, pequenos em meio à vastidão, um mundo nos abarcando, com dúvidas e até mesmo medo. Porém, buscar a geopoética do rio também foi uma forma de buscar nossa própria, e ao longo do texto nos colocamos em forma de poesias, imagens, e textos mais ensaísticos como maneira de nos inserir junto ao texto e à dinâmica do rio. O rio Jaguaribe, maior curso fluvial do estado do Ceará, também foi responsável por se tornar elo de maior importância ao longo desse trabalho.

Neste texto, entrelaçamos, o tempo todo, uma poética fluvial ao caminho acadêmico da investigação, uma forma de dizer e descrever pelo escutar. Como propõe Marandola Jr. (2024), a descrição arqueológica é exatamente essa abordagem na qual estamos imersos, tentando compreender o fenômeno a partir de suas manifestações. Foi assim que escolhemos mergulhar nas águas do rio, tanto nas literais quanto nas imaginárias, para escutar seus cantos, suas vozes, e revelações. Foi preciso também traçar caminhos, quase como linhas invisíveis, que nos ligam ao Jaguaribe das cheias, às marcas que ele deixou nas casas, nas comunidades, nas memórias compartilhadas. Águas que passaram por tantos mundos, que marcaram tantos lugares e que ainda hoje formam uma paisagem perene no Ceará, sendo ele próprio um rio vivo, que revela, a cada curva, uma nova história.

Trazer à margem esse Jaguaribe das artes, das histórias, vivências e experiências, foge um pouco daquilo que estamos comumente acostumados a ler-ouvir-escrever em Geografia, sobre os rios. Por nos atentarmos a ir nesses detalhes, a experiência com o rio foi sentida de outra forma, nos revelando outros sentidos sobre aquele lugar, outras histórias, outras geografias distintas que atravessam e são atravessadas pelo rio, assim, encontramos diversas obras e pessoas que tem nesse curso d'água memórias e vivências especiais.

Como todo bom percurso, não passamos sempre por águas cheias. Ao longo desta pesquisa, também tivemos de fazer escolhas: o que entraria neste trabalho e o que deixaria de fora (pelo menos desta vez). Os desafios estão na jornada, nas distâncias a vencer para chegar ao lugar, nas pessoas que precisamos encontrar e nas histórias que escolhem compartilhar. Mas as distâncias maiores, às vezes, estão dentro de nós. São os momentos em que a investigação fica como um rio em remanso, quase parada, tentando encontrar o caminho pra continuar. É preciso ter cuidado pra não permanecer por muito tempo nessa calmaria. Com o rio que mora em nós, aprendemos a respeitar tanto a cheia quanto a vazante, a hora de avançar e a hora de esperar. Assim, ao longo de todo o caminho, soubemos usar cada período, de cheia ou de seca, para dar forma ao nosso trabalho, compartilhando o que ele se tornou.

5.2 Abertura para outras águas

Eu sou o guardador de águas. Dentro de mim o rio passa (Barros, 2017, pág 13).

Assim como o Jaguaribe segue seu caminho para o mar, apesar das curvas, das secas e das cheias, este trabalho revela possibilidades que ainda estão por vir. É neste ponto que olhamos para as potencialidades, tentando enxergar outras margens, outras fontes de investigação que ele próprio fez brotar. Neste subcapítulo, compartilhamos algumas das direções que permaneceram nas entrelinhas, caminhos que ainda não foram desdobrados, mas que representam potências para futuros estudos. Porque toda jornada revela tanto o que ficou pra trás quanto o que ainda está à frente; é preciso, então, preparar o olhar para outras águas.

O poeta Manoel de Barros nos sugere que o rio nos atravessa. Durante nossa trajetória com o rio Jaguaribe enfrentamos alguns **limitantes**; podemos destacar a dificuldade de acesso ao poder público e às fontes institucionais, como a Prefeitura de Aracati e Fortim. Por várias vezes buscamos marcar conversas, obter documentos ou pelo menos uma posição institucional sobre determinados aspectos, mas não obtivemos respostas.

Ainda assim, o trabalho revela **potencialidades importantes**. Ele proporciona uma nova forma de olhar para o rio Jaguaribe, não apenas como um recurso hídrico, como normalmente o entendem, ou como um espaço destinado ao desenvolvimento, mas como um **ser vivo**, portador de memória, de história compartilhada, de cultura e de relações. A geopoética, ao atravessar o texto, revela caminhos interpretativos que não se limitam ao que está institucionalizado, sendo capaz de dar conta tanto da materialidade quanto das vivências, das emoções, das ausências e das presenças que marcaram nosso caminho e caminhar.

Com ele, **abrem-se outras vertentes de investigação**: como o rio atravessa o cotidiano das comunidades que vivem às suas margens, como ele revela mundos compartilhados, como ele fortalece identidades e como ele ainda pode ser um espaço de resistência, de memória e de futuro. Outros caminhos que se desenharam ao final desta jornada incluem o estudo da arte como expressão da memória fluvial, o papel da geopoética na educação geográfica, a parceria com comunidades para a **construção de roteiros de memória**, e o próprio envolvimento de moradores na **recuperação de narrativas**, compartilhando suas vivências junto ao rio.

Assim, o fim desta dissertação não corresponde ao fim do caminho, pelo contrário: ele revela a **abertura para outras águas**, outras correntes de pensamentos, outras mãos compartilhando o próprio fazer geográfico junto ao rio. A jornada pelo Jaguaribe revela que ele

ainda é (e permanecerá sendo) um espaço vivo de memória, de resistência e de futuro, assim como dito por Marandola Jr (2024, p. 166) “O inacabamento, portanto, não é lacuna, é projeto”.

Dessa forma, até aqui, nessa jornada, percebemos que o Jaguaribe não permaneceu distante, como um elemento externo; ele atravessou nossa pele, nosso olhar, e o nosso próprio caminho, enquanto pesquisadora. A Geografia, neste ponto, revela-se, como destacado por Dardel (2011), não como um saber de posições, distâncias ou superfícies, mas como o saber da Terra enquanto morada, enquanto experiência compartilhada. Nesse gesto, o sujeito torna-se também guardador das águas (Barros, 2017) que estuda, sendo ele próprio marcado pelo rio. O encontro com a foz deixa, então, de ser um fim, e se anuncia como nova jornada, como novo caminho.

REFERÊNCIAS

- AB'SABER, Aziz Nacib. **O domínio morfoclimático semi-árido das caatingas brasileiras**. São Paulo: Instituto de Geografia da USP, 1974 (Geomorfologia, n. 43). Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/AbSaber_AN_1348621_ODominioMorfoclimatico.pdf. Acesso em: 29 jul. 2024.
- ALEMÃO, Francisco Freire, **Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão**: Fortaleza-Crato 1859. Fortaleza: Museu do Ceará. Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006.
- ALENCAR, José de. **O Guarani**. Osasco: Novo Século, 2002.
- ALMEIDA, M. G. de. O geógrafo fenomenólogo: sua oralidade e escrita no/do mundo. **Geograficidade**, v. 10, n. Especial, p. 38-47, 6 out. 2020.
- JAGUARIBE: o rio da minha aldeia. Dirigido por: ALVES, Efigênia. Jaguaribe: [s.n], 2024. 1 vídeo (24min41seg). Publicado pelo canal ALECE TV. Disponível em: <https://youtu.be/cUOShFd2cNo?si=1VTF87MPOnZT2MZf>. Acesso em: 23 de março de 2025.
- ANDRADE, J. “Quando o Himalaia Flui no Ganges”: A influência da geografia do subcontinente indiano sobre a configuração do Hinduísmo. **Interações**, Uberlândia, v. 5, n. 7, p. 39-58, 2010.
- ARAÚJO, Danieli Barbosa de. Inexploradas entranhas: : a geopoética enquanto um caminhar e (re)descobrir a terra.. In: ENANPEGE, 14., 2021, Campina Grande. **Anais do XIV ENANPEGE**. Campina Grande: Realize Editora, 2021. p. 1-15.
- ASSAD, Leonor. Cidades nascem abraçadas a seus rios, mas lhes viram as costas no crescimento. **Ciência e Cultura**, [s. l.], v. 65, n. 2, p. 06-09, jun. 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.21800/s0009-67252013000200003>.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do Espaço**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. 3. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2018.
- BARBOSA, F. A. R.; PAULA, J. A. de; MONTE-MÓR, R. L. de M. A bacia hidrográfica como unidade de análise e realidade de integração disciplinar. In: PAULA, J. A. de (Coord.). **Biodiversidade, população e economia**: uma região de mata atlântica. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar; ECMVC; PADCT/CIAMB, 1997. 671 p. p. 257-269.
- BARROS, M. **Matéria de poesia**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- BARROS, M. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2011.
- BARROS, M. **Menino do Mato**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015.
- BARROS, M. **O guardador de águas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.

BERNAL ARIAS, Diana Alexandra. **RíoSensible**: topología de latierra-vida. 2022. 300 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022.

BEYDOUN, Fauzi. **Na Margem do Jaguaribe**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XN1s7txedJ8>. Acesso em: 22 jun. 2025.

BOUVET, Rachel. Como habitar o mundo de maneira geopoética? **Interfaces**, [S.I.], v. 12, n. 1, p. 9-15, jul. 2012.

BOUVET, Rachel. **Versuneapprochegéopoétique**: lectures de Kenneth White, de Victor Segalen et de J.-MG Le Clézio. Quebec: PUQ, 2015.

BRAGA, Renato. Um capítulo esquecido da economia pastoril no Nordeste. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, v. 61, p. 149-162, 1947.

BRASIL. Ministério da Agricultura. Departamento Nacional de Pesquisas Agropecuárias. Divisão de Pesquisa Pedológica. **Levantamento exploratório-reconhecimento dos solos do Estado do Ceará**. Recife: Ministério da Agricultura, 1973. 2 v. (Boletim técnico, 28).

BRITO, Anderson Camargo Rodrigues. **Rio Jaguaribe, das entradas aos açudes**: a guerra como fundamento da formação territorial do Ceará. 2023. 338 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

CAMARGO, Fernando Monteiro. **Vida, escrita e transbordamentos**: biografias e etnografia do Rio Piracicaba/SP. 2023. 149 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023.

CARVALHO, José dos Reis. **Paisagem-quadro Serra do Arerê** [18--] Iconografia: aquarela: 19,3 x 29 cm. Disponível em: <https://atommhn.museus.gov.br/index.php/serra-do-arere-margem-do-jaguaribe-legua-e-meia-da-idade-do-aracati-tem-uma-profunda-caverna>. Acesso em: 23 de março de 2025.

CAVALCANTE, A. A.; CUNHA, S. B. da. Morfodinâmica fluvial em áreas semiáridas: Discutindo o vale do Rio Jaguaribe – CE - BRASIL. **Revista Brasileira de Geomorfologia**, [S. l.], v. 13, n. 1, 2012. DOI: 10.20502/rbg.v13i1.340. Disponível em: <https://rbgeomorfologia.org.br/rbg/article/view/340>. Acesso em: 1 ago. 2024.

CAVALCANTE, Tiago Vieira. **Geografia Literária em Rachel de Queiroz**. Fortaleza: Edições UFC, 2019.

CAVALCANTI, Raíssa. **Mitos da água**: as imagens da alma no seu caminho evolutivo. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

CHIAPETTI, R. J. N.; CHIAPETTI, J. A água e os rios: imagens e imaginário da natureza / The water and the rivers: images and imaginary of nature. **Geograficidade**, v. 1, n. 1, p. 67-86, 14 jan. 2012.

CHIAPETTI, R. J. N.; ROCHA, L. B. APortes teórico-filosóficos de trabalhos sobre rios brasileiros na abordagem da geografia humanista cultural. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 18, n. 62, p. 141–160, 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/36388>. Acesso em: 16 jan. 2024.

CHIAPETTI, Rita Jagueline Nogueira. **Na beleza do Lugar**: o rio das contas indo ao mar. 2009. 216 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociência e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.

CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. **Na beleza do lugar, o rio das Contas indo... ao mar**. Ilhéus: Editus, 2014.

CORRÊA, Raffaella Caroline de Souza. “**Panos flutuantes de todas as cores**”: a não-dualidade (advaita) do olhar nos Poemas Escritos na Índia, de Cecília Meireles. 2018. 126 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em Ciência da Religião) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

COSTA, A.; COSTA, A. T. da; CARNEIRO NETO, J. A.; CLAUDINO-SALES, V.; & MORAIS, J. S. D. de. Expedição científica ao alto curso do Rio Jaguaribe, Estado do Ceará: identificação da exata nascente do possivelmente maior rio efêmero do mundo. **Caderno de Geografia**, [s.l.], v. 30, n. 63, 2020.

COSTA, M. J. N. **Arqueologia de ambientes aquáticos no Egito**: uma proposta de pesquisa das sociedades dos oásis do período Faraônico. 2013. 106 f. (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2013.

COSTA, M. J. N. Por uma arqueologia egípcia mais aquática. **Revista Labirinto**, Porto Velho, v. 21, p. 5-17, 2014.

COUTO, Mia. **O Outro Pé da Sereia**. Companhia das Letras, 2006.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?**: e outras interinvenções. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, Uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DAVIM, David E. Madeira. A experiência na pesquisa em geografia humanista: aberturas e desafios. **Revista Geografias**, [S. l.], p. 2–19, 2020. DOI: 10.35699/2237-549X.24467. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/geografias/article/view/24467>. Acesso em: 20 jun. 2025.

DE PAULA, F. C. Sobre geopoéticas e a condição corpo-Terra. **Geograficidade**, v. 5, p. 50, 5 jan. 2016.

DE PAULA, Karuna Sindhu. **Travessias por "terceira margens" de um Rio: natureza e cultura no Rio Jaguaribe - CE (séculos XIX - XX)**. 2011. 221 f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

DUESO, José Solana. El agua como el primer principio: Las razones de Tales de Mileto. **Convivium**, Barcelona, n. 22, p. 5-23, 2009. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/Convivium/article/view/130657>. Acesso em: 20 jun. 2025.

FEITOSA, F. L. A. **Potencialidades turísticas do Sertão de Tauá, Região dos Inhamuns, Estado do Ceará**. 2015. 111 f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Negócios Turísticos) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

FIGUEIREDO, Débora Raquel Cavalcante; XAVIER, Léon Denis Ferreira. Canções do Jaguaribe: travessias entre geografias e músicas. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS LITERÁRIOS, 20., 2023, Fortaleza. **Anais do XX Encontro Interdisciplinar de Estudos Literários**. Fortaleza: Editora UFC, 2023. p. 151-165.

FIGUEIREDO, Débora Raquel Cavalcante. Rio de Letras: geopoética em jaguaribe - a memória das águas de Luciano Maia. In: Congresso Brasileiro de Geógrafas e geógrafos, 8., 2025, São Paulo. **Anais do IV Congresso Brasileiro de Geógrafas e Geógrafos**. São Paulo: Agb, 2025. p. 1-18.

FREITAS, Emília. **A rainha do Ignoto**. 3. ed. Florianópolis: Edunisc, 2003.

FURTADO, Mailson. **Esquinas**. Varjota: Edições Criar, 2023.

GIRÃO, Raimundo. **História Econômica do Ceará**. Fortaleza: Ed. Instituto do Ceará, 1947.

GIRÃO, Valdelice Carneiro. Estudos históricos e de evolução urbana da cidade de Aracati. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, Tomo CXIV, n. 114, p. 35-50, 2001.

GIRÃO, Valdelice Carneiro. **Oficinas ou Charqueadas no Ceará**. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1995, p. 31.

GRATÃO, L. H. B. **A Poética d' "Rio" – Araguaia! De cheias... E... Vazantes... (À) Luz da Imaginação!** 2002. 354 f. Tese. (Doutorado em Ciências: Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

GRATÃO, L. H. B. Sabor & Paisagem à Luz de Bachelard: convite para sentar-se à mesa **Geograficidade**, v. 2, n. 1, p. 30-41, 20 fev. 2012.

GRATÃO, Lucia Helena Batista. O 'olhar' a cidade pelos 'olhos' da água. **Geografia**, Rio Claro, v. 33, n. 2, p. 199-2016, 2008.

GRATÃO, Lúcia Helena Batista. **Poética da Terra: saborear o cerrado, pelo pequi goiano..** Teresina: Cancioneiro, 2024.

GUERRA, A. T. **Dicionário geológico-geomorfológico**. 8. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1993.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. 600 p. Tradução Márcia Sá Cavalcante.

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista: sua trajetória 1952 - 1990**. Londrina: Eduel, 2016. 392 p.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo brasileiro de 2022**. Ceará: IBGE, 2023.

JUCA NETO, Clovis Ramiro. **A urbanização do Ceará Setecentista: as vilas de nossa senhora da expectativa do Icó e de Santa Cruz do Aracati**. 2007. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) -, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. Casa da Cultura: Recife – PE, 1978.

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. Antes, o mundo não existia. In: NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

LEÃO, Savio. **Rio Jaguaribe**. 2008. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/savio-leao/196812/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

LEOPOLD, Aldo. **Round river**. New York: Oxford University Press, 1953.

LEVY, Bertrand. A impressão e a decifração: geopoética e geografia humanista. **Geograficidade**, v. 13, n. 1, p. 147-153, 2023.

LOWENTHAL, D. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 103-141.

LOWENTHAL, David. Tempo passado, lugar presente: paisagem e memória. **Geograficidade**, [s. l.], v. 14, n. 2, p. 118-147, 2024. Traduzido por Thiago Gonçalves Rodrigues e revisão de Werther Holzer.

MAGRANE, Eric. Climate geopoetics (the earth is a composted poem). **Dialogues In Human Geography**, [s.l.], v. 11, n. 1, p. 8-22, 27 fev. 2020.

MAIA, Luciano. **Jaguaribe: memória das águas**. 10. ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

MARANDOLA Jr, Eduardo. **Ensinar-aprender fenomenologia: trilhas de um pensar e de um fazer pela experiência**. Teresina: Cancioneiro, 2024.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo. Humanismo e Arte para uma Geografia do conhecimento. **Geosul**, Florianópolis, v. 25, n. 49, p. 7-26, 2010.

MARANDOLA, Janaina de A. M. e S. **Caminhos de morte e de vida: o geográfico e o telúrico no rio Severino de João Cabral de Melo Neto**. Londrina: Eduel, 2011.

- MEIRELES, Cecília. **Poesia completa**: Volumes 1 e 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- MELLO, Thiago de. **Amazonas Pátria da Água**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- MELO NETO, João Cabral de. **O cão sem plumas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007. 200 p.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Geografia e a Experiência do mundo. **Geografia**, [s. l], v. 45, n. 1, p. 9-23, 2020. Jan/Jun.
- OLIVEIRA, Alcilene Cavalcante de. **Uma escritora na periferia do Império**: vida e obra de Emília Freitas (1855-1908). 2007. 184 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Departamento de Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- ONFRAY, Michel. **A Teoria da Viagem**: Poética da Geografia. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.
- PEREIRA FILHO, Antero (org.). **Aracati era assim**. Fortaleza: R.Esteves Tipoprogresso, 2024. 178 p.
- PEREIRA FILHO, Antero. **A história do Dique de Aracati**. 2016. Elaborado pelo Grupo Lua Cheia. Disponível em: <https://www.luacheia.art.br/index.php/news/historia/item/15-a-historia-do-dique-de-aracati>. Acesso em: 21 ago. 2024.
- PEREIRA FILHO, Antero. **Cheia de 1924**. 2014. Elaborado pelo Grupo Lua Cheia. Disponível em: <https://www.luacheia.art.br/index.php/news/aracati/item/193-cheia-de-1924>. Acesso em: 28 ago. 2024.
- PINEDA, Jaime; NOGUERA, Ana Patricia. Rastros del pensamiento ambiental. Hacia una geopoética de la reconciliación. In: ALVARADO, Sara Victoria; MUNOZ, Jaime Pineda; TELLO, Karine Correa (ed.). **Polifonías del sur**: desplazamientos y desafíos de las ciencias sociales. Bogotá: CINDE, 2017. p. 348-385.
- PINHEIRO, Francisco. José. Mundos em confronto, europeus na disputa pelo território. In: SOUZA, Simone de (org.). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.
- PINTO, M. F. **Aspectos etnobiológicos na Comunidade Sítio Cumbe às margens do estuário do Rio Jaguaribe - Aracati - CE**. Monografia. (Bacharelado em Biologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009
- PINTO-COELHO, Ricardo Motta; HAVENS, Karl. **Crise nas Águas**. Educação, ciência, e governança, juntas, evitando conflitos gerados por escassez e perda da qualidade das águas. Belo Horizonte: [s.n.], 2015.

PREFEITURA DO ARACATI. **Prefeitura do Aracati**. Disponível em: <https://aracati.ce.gov.br/pontosturisticos.php?id=5>. [202-]. Acesso em: 11 jun. 2025.

REBOUÇAS, Mara; CORREIA, Débora. **Seis dias embaixo d'água: os bastidores da cheia de 1985**. 2011. Elaborado por Notícias de Bastidor, Disponível em: <https://noticiasdebastidor.blogspot.com/2011/05/equipe-jornalistica-relata-os.html>. Acesso em: 1 de set. 2024.

RISSO, L. C. Os conceitos de percepção e território como lentes para o entendimento cultural. **Terr@ Plural**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 309–319, 2015. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/6438>. Acesso em: 2 maio. 2025.

RISSO, L. C. Vivências paisagísticas como caminhos para novas percepções e experiências. **Geograficidade**, v. 10, n. especial, p. 309-323, 2020.

SAMAIN, Etienne. As Imagens não são bolas de sinuca. In: SAMAIN, Etienne. **Como pensam as imagens**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2012, p. 21-36.

SANTOS, Donaldo. **Chuva no Sertão**. 2011. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/donaldo-santos/chuva-no-sertao/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. (Trad) Hildegard Féist. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

SILVA, Alice de Besse. **Opará vive em Franciso, Rosa e Maria: imersões na paisagem-rio de barrancos em ameaça**. 2023. 160 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2023.

SILVA, F. K. R. DA. Sabor, estética e poesia: o habitar ribeirinho na Amazônia-marajoara (PA). **Geograficidade**, v. 8, n. 2, p. 53-64, 6 nov. 2018.

SILVA, Kamillo Karol Ribeiro e. **Nos caminhos das memórias, nas águas do Jaguaribe: memória das enchentes de Jaguaruana-Ce (1960, 1974, 1985)**. 2006. 169 f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

SILVA, Kamillo Karol Ribeiro e. **Um rio entre diversas temporalidades: o Jaguaribe a partir da construção do Açude Orós (1958 –1964)**. 2018. 273f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Fortaleza, 2018.

SOUZA NETO, M. F. de. Três rios. Três regiões. Três poetas. **GEOUSP**, São Paulo, n.1, p. 57-64, 1997.

SOUZA. Simone de (org.). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

TEODORO, V. L. L.; TEIXEIRA, D.; COSTA, D. J. L.; FULLER, B. B. O conceito de bacia hidrográfica e a importância da caracterização morfométrica para o entendimento da dinâmica ambiental local. **Revista Brasileira Multidisciplinar**, Araraquara, v. 20, p. 137-155, 2007.

TOOTH, Stephen. Process, form and change in dryland rivers: a review of recent research. **Earth-Science Reviews**, [s.l.], v. 51, n. 1-4, p. 67-107, 2000

TUAN, Yi-Fu, **Topofilia**: um estudo da perspectiva da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel. 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

UNGER, N. M. **Da foz à nascente**: o recado do rio. São Paulo: Cortez; Campinas SP: Editora da Unicamp, 2001. 201 p.

VASCONCELOS, Júlia C. L. de. Uma Lacuna Geográfica. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, anno LIV, p. 81-89, 1940.

WHITE, Kenneth. **Textos fundadores**. Instituto Internacional de Geopoética. 1989.

WORSTER, Donald. Pensando como um rio. In: ARRUMA, Gilmar (org.). **A natureza dos rios**: história, memória e territórios. Curitiba: Editora UFPR 2008. p. 7-227.